

LÍNGUA PORTUGUESA: LABORATÓRIO DE TEXTO

Prof.ª Elisabeth Penzlien Tafner





UNIASSELVI

Copyright © UNIASSELVI 2018

Elaboração:

Prof.^a Elisabeth Penzlien Tafner

Revisão, Diagramação e Produção:

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Ficha catalográfica elaborada na fonte pela Biblioteca Dante Alighieri

UNIASSELVI – Indaial.

T124I

Tafner, Elisabeth Penzlien

Língua portuguesa: laboratório de texto. / Elisabeth Penzlien Tafner –
Indaial: UNIASSELVI, 2018 – 2ª edição.

188 p.; il.

ISBN 978-85-515-0212-9

1.Língua portuguesa – Brasil. II. Centro Universitário Leonardo Da Vinci.

CDD 469

APRESENTAÇÃO

Prezado acadêmico!

O que você está pensando neste momento, ao ler este caderno, intitulado Laboratório de Texto? Dentre uma infinidade de outros assuntos, imaginamos que alguns tenham em mente a ideia de que escrever não é uma tarefa simples. Concordamos com você. Tal atividade exige alguns conhecimentos e muita, mas muita, atenção e cuidado com nosso leitor, afinal é para ele que escrevemos.

A prática da escrita é essencial a qualquer profissional. Vivemos hoje num mundo globalizado e, com o advento da internet, o que escrevemos agora pode ser lido em qualquer lugar do mundo em fração de minutos. A escrita, na esfera empresarial ou familiar, é uma ferramenta que atravessa o tempo e o espaço, bastante útil.

Há várias coisas que você já conhece sobre a prática da escrita, portanto, para termos êxito nesta disciplina, vamos precisar retomar alguns desses conhecimentos e acrescentar outros, de forma sistemática. Não veja nestas palavras o pressuposto de que se escreve mal, pois certamente há várias coisas que você já sabe e que vão contribuir para o aperfeiçoamento da sua escrita. Melhorou agora? Viu? Escrever requer cuidado com o que se diz para o leitor, afinal ele interage com o texto. Ao longo da leitura, não ficamos passivos, reagimos ao que nos é dito. E você sabe, as palavras servem tanto para dizer coisas agradáveis como desagradáveis, depende de nossas intenções.

Esperamos que esse caderno seja uma leitura proveitosa e ofereça a você a oportunidade de aprimorar suas habilidades de interpretar, planejar seu texto, conforme sua intenção/leitor, e, então, escrevê-lo de forma clara, coesa e coerente.

Bons estudos!

Prof.^a Elisabeth Penzlien Tafner



Você já me conhece das outras disciplinas? Não? É calouro? Enfim, tanto para você que está chegando agora à UNIASSELVI quanto para você que já é veterano, há novidades em nosso material.

Na Educação a Distância, o livro impresso, entregue a todos os acadêmicos desde 2005, é o material base da disciplina. A partir de 2017, nossos livros estão de visual novo, com um formato mais prático, que cabe na bolsa e facilita a leitura.

O conteúdo continua na íntegra, mas a estrutura interna foi aperfeiçoada com nova diagramação no texto, aproveitando ao máximo o espaço da página, o que também contribui para diminuir a extração de árvores para produção de folhas de papel, por exemplo.

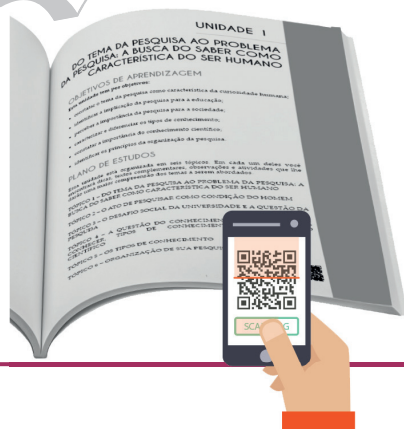
Assim, a UNIASSELVI, preocupando-se com o impacto de nossas ações sobre o ambiente, apresenta também este livro no formato digital. Assim, você, acadêmico, tem a possibilidade de estudá-lo com versatilidade nas telas do celular, *tablet* ou computador.

Eu mesmo, UNI, ganhei um novo *layout*, você me verá frequentemente e surgirei para apresentar dicas de vídeos e outras fontes de conhecimento que complementam o assunto em questão.

Todos esses ajustes foram pensados a partir de relatos que recebemos nas pesquisas institucionais sobre os materiais impressos, para que você, nossa maior prioridade, possa continuar seus estudos com um material de qualidade.

Aproveito o momento para convidá-lo para um bate-papo sobre o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes – ENADE.

Bons estudos!



Olá acadêmico! Para melhorar a qualidade dos materiais ofertados a você e dinamizar ainda mais os seus estudos, a Uniasselvi disponibiliza materiais que possuem o código *QR Code*, que é um código que permite que você acesse um conteúdo interativo relacionado ao tema que você está estudando. Para utilizar essa ferramenta, acesse as lojas de aplicativos e baixe um leitor de *QR Code*. Depois, é só aproveitar mais essa facilidade para aprimorar seus estudos!



BATE SOBRE O PAPO ENADE!



Olá, acadêmico!

Você já ouviu falar sobre o ENADE?

Se ainda não ouviu falar nada sobre o ENADE, agora você receberá algumas informações sobre o tema.

Ouviu falar? Ótimo, este informativo reforçará o que você já sabe e poderá lhe trazer novidades. ✓✓



Vamos lá!

Qual é o significado da expressão ENADE?

EXAME NACIONAL DE DESEMPENHO DOS ESTUDANTES

Em algum momento de sua vida acadêmica você precisará fazer a prova ENADE. ✓✓



Que prova é essa?

É **obrigatória**, organizada pelo INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Quem determina que esta prova é obrigatória... O **MEC – Ministério da Educação**. ✓✓

O objetivo do MEC com esta prova é o de avaliar seu desempenho acadêmico assim como a qualidade do seu curso.



Fique atento! Quem não participa da prova fica impedido de se formar e não pode retirar o diploma de conclusão do curso até regularizar sua situação junto ao MEC.

Não se preocupe porque a partir de hoje nós estaremos auxiliando você nesta caminhada.

Você receberá outros informativos como este, complementando as orientações e esclarecendo suas dúvidas. ✓✓



Você tem uma trilha de aprendizagem do ENADE, receberá e-mails, SMS, seu tutor e os profissionais do polo também estarão orientados.

Participará de webconferências entre outras tantas atividades para que esteja preparado para #mandar bem na prova ENADE.

Nós aqui no NEAD e também a equipe no polo estamos com você para vencermos este desafio.

Conte sempre com a gente, para juntos mandarmos bem no ENADE! ✓✓



SUMÁRIO

UNIDADE 1 – FATORES DE TEXTUALIDADE	1
TÓPICO 1 – O CONCEITO DE TEXTO	3
1 INTRODUÇÃO	3
2 CONCEITO DE TEXTO.....	3
LEITURA COMPLEMENTAR.....	8
RESUMO DO TÓPICO 1.....	11
AUTOATIVIDADE	12
TÓPICO 2 – FATORES DE TEXTUALIDADE – A COERÊNCIA	15
1 INTRODUÇÃO	15
2 COERÊNCIA.....	16
LEITURA COMPLEMENTAR.....	19
RESUMO DO TÓPICO 2.....	21
AUTOATIVIDADE	22
TÓPICO 3 – FATORES DE TEXTUALIDADE - A INTERTEXTUALIDADE	27
1 INTRODUÇÃO	27
2 A INTERTEXTUALIDADE	27
LEITURA COMPLEMENTAR.....	38
RESUMO DO TÓPICO 3.....	40
AUTOATIVIDADE	41
TÓPICO 4 – FATORES DE TEXTUALIDADE – SITUACIONALIDADE, INFORMATIVIDADE, INTENCIONALIDADE E ACEITABILIDADE.....	43
1 INTRODUÇÃO	43
2 A SITUACIONALIDADE	43
3 INFORMATIVIDADE	44
4 INTENCIONALIDADE E ACEITABILIDADE.....	47
RESUMO DO TÓPICO 4.....	49
AUTOATIVIDADE	50
UNIDADE 2 – MECANISMOS DE COESÃO.....	51
TÓPICO 1 – A COESÃO E OS MECANISMOS COESIVOS.....	53
1 INTRODUÇÃO	53
2 A COESÃO.....	53
3 MECANISMOS COESIVOS	54
LEITURA COMPLEMENTAR.....	55
RESUMO DO TÓPICO 1.....	58
AUTOATIVIDADE	59

TÓPICO 2 – A COESÃO REFERENCIAL	63
1 INTRODUÇÃO	63
2 COESÃO REFERENCIAL	63
2.1 FORMAS REMISSIVAS GRAMATICAIS PRESAS	64
2.2 FORMAS REMISSIVAS GRAMATICAIS LIVRES	66
2.3 FORMAS REMISSIVAS LEXICAIS	73
LEITURA COMPLEMENTAR	76
RESUMO DO TÓPICO 2	81
AUTOATIVIDADE	82
TÓPICO 3 – A COESÃO SEQUENCIAL	87
1 INTRODUÇÃO	87
2 PROCEDIMENTOS DE RECORRÊNCIA	87
2.1 REITERAÇÃO DE ITENS LEXICAIS (RECORRÊNCIA DE TERMOS)	88
2.2 PARALELISMO (RECORRÊNCIA DE ESTRUTURAS)	88
2.3 PARÁFRASE (RECORRÊNCIA DE CONTEÚDOS SEMÂNTICOS)	89
2.4 RECORRÊNCIA DE RECURSOS FONOLÓGICOS	90
3 ARTICULADORES TEXTUAIS	90
3.1 RELAÇÕES SEMÂNTICAS	91
3.2 RELAÇÕES ARGUMENTATIVAS	94
RESUMO DO TÓPICO 3	98
AUTOATIVIDADE	99
TÓPICO 4 – O PARÁGRAFO	103
1 INTRODUÇÃO	103
2 IMPORTÂNCIA VISUAL DO TEXTO	106
LEITURA COMPLEMENTAR	109
RESUMO DO TÓPICO 4	114
AUTOATIVIDADE	115
UNIDADE 3 – TIPOS TEXTUAIS	119
TÓPICO 1 – GÊNEROS E TIPOS	121
1 INTRODUÇÃO	121
2 NOÇÃO DE GÊNERO	121
LEITURA COMPLEMENTAR	125
RESUMO DO TÓPICO 1	127
AUTOATIVIDADE	128
TÓPICO 2 – SEQUÊNCIAS NARRATIVAS	133
1 INTRODUÇÃO	133
2 ESTRUTURA SEQUENCIAL NARRATIVA	133
2.1 ELEMENTOS DA NARRAÇÃO	137
2.1.1 Personagens	137
2.1.2 Ambiente	138
2.1.3 Tempo	140
2.1.4 Foco narrativo	142
2.1.5 Enredo	143
2.1.6 Discurso	144
2.1.6.1 Discurso direto	144
2.1.6.2 Discurso indireto	145
2.1.6.3 Discurso indireto livre	145

LEITURA COMPLEMENTAR.....	146
RESUMO DO TÓPICO 2.....	150
AUTOATIVIDADE	151
TÓPICO 3 – SEQUÊNCIAS DESCRITIVAS	153
1 INTRODUÇÃO	153
2 CARACTERÍSTICAS DAS SEQUÊNCIAS DESCRITIVAS	153
2.1 FORMAS DE DESCRIÇÃO	156
LEITURA COMPLEMENTAR.....	158
RESUMO DO TÓPICO 3.....	164
AUTOATIVIDADE	165
TÓPICO 4 – SEQUÊNCIAS ARGUMENTATIVAS/OPINATIVAS	167
1 INTRODUÇÃO	167
2 ESTRUTURA DA SEQUÊNCIA ARGUMENTATIVA/OPINATIVA	167
2.1 CARACTERÍSTICAS DAS SEQUÊNCIAS OPINATIVAS	173
LEITURA COMPLEMENTAR.....	178
RESUMO DO TÓPICO 4.....	181
AUTOATIVIDADE	182
REFERÊNCIAS.....	185

FATORES DE TEXTUALIDADE

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir desta unidade, você será capaz de:

- entender o que é textualidade;
- identificar quais fatores constituem a textualidade;
- verificar como os fatores de textualidade interferem na produção/recepção do texto.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em quatro tópicos. Ao final de cada um deles você encontrará atividades que contribuirão para a compreensão dos conteúdos apresentados.

TÓPICO 1 – O CONCEITO DE TEXTO

TÓPICO 2 – FATORES DE TEXTUALIDADE – A COERÊNCIA

TÓPICO 3 – FATORES DE TEXTUALIDADE – A INTERTEXTUALIDADE

TÓPICO 4 – FATORES DE TEXTUALIDADE – SITUACIONALIDADE, INFORMATIVIDADE, INTENCIONALIDADE E ACEITABILIDADE



*Assista ao vídeo
desta unidade.*



O CONCEITO DE TEXTO

1 INTRODUÇÃO

Caro acadêmico, o Tópico 1 contempla noções importantes sobre a produção e a recepção de textos. Conscientes de qual concepção de texto guia nossas análises, o trabalho com textos na sala de aula é mais seguro.

No Tópico 2, exploramos o conceito de coerência, como se estabelece e como é percebida pelo leitor. Nos demais tópicos, abordamos os fatores de textualidade que cooperam para o estabelecimento da coerência, a saber: a intertextualidade, a situacionalidade, a informatividade, a intencionalidade e a aceitabilidade.

Esta primeira unidade, portanto, aborda aspectos indispensáveis, pois o texto (escrito/oral) exige planejamento acerca do que se quer dizer, para quem, em que situação, com que objetivo. Somente munido dessas informações é que o autor do texto pode fazê-lo de forma eficiente e adequada.

2 CONCEITO DE TEXTO

Para entendermos o que é texto, podemos recorrer a várias explicações. Entretanto, depois de tantos estudos feitos pela Linguística, acreditamos que os sugeridos a seguir sejam bastante esclarecedores para nossos estudos. Você pode ampliar seus conhecimentos a partir de outras leituras, o que certamente contribuirá para seu melhor desempenho.



Você pode aprofundar suas leituras a partir das obras:

- Linguística textual: introdução. São Paulo: Cortez, 1983, de Leonor Lopes Fávero e Ingedore V. G. Koch;
- Linguística do texto: o que é como se faz. Recife: UFPE, 1983. Série Debates 1, de Luiz A. Marcuschi.

Durante boa parte do século XX, o texto foi definido como uma produção escrita, em linguagem cuidada, que expressava as informações de forma clara e objetiva. No entanto, o avanço dos estudos linguísticos e da teoria da linguagem puseram em xeque esta definição, passando a entender o texto como qualquer produção linguística, falada ou escrita, de tamanho variável, que possa fazer sentido numa situação de comunicação (COSTA VAL, 1999). Sabemos que a questão é mais complexa, por isso, dedicaremos uma parte de nosso tempo, mais adiante, para o seu entendimento. Por enquanto, basta que compreendamos a mudança que a alteração do conceito provocou na área. Nesta concepção, o texto é uma manifestação de linguagem que não obrigatoriamente se vincula apenas à escrita. Isso revolucionou a perspectiva do estudo do texto, pois passou a incluir manifestações não verbais, tais como: gráficos, imagens etc. Bom, e como podemos entender o conceito de linguagem e suas implicações para o ensino de texto?

Geraldi (1990), ao referir-se à linguagem, apresenta três concepções usadas para dar suporte ao ensino de língua:

- a) A linguagem é a forma de expressar o pensamento. Essa concepção, muito aplicada nos estudos tradicionais sobre o tema, acaba por nos levar, muitas vezes, à errônea ideia de que as pessoas que não conseguem se expressar não pensam.
- b) A linguagem é um instrumento de comunicação. Essa visão, ligada diretamente à teoria da comunicação, percebe a língua como código, que permite transmitir uma mensagem ao receptor. Essa é a concepção que aparece com frequência nos livros didáticos. Para Travaglia (1997, p. 22), sob esta perspectiva:

[...] a língua é vista como um código, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor. Esse código deve, portanto, ser dominado pelos falantes para que a comunicação possa ser efetivada. Como o uso do código que é a língua um ato social, envolvendo conseqüentemente duas pessoas, é necessário que o código seja utilizado de maneira semelhante, preestabelecida, convencionada, para que a comunicação se efetive.

- c) A linguagem é uma forma de “inter-ação”. Mais do que transmitir informações, ela é concebida como um espaço para a interação, “[...] através dela o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria praticar a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não pré-existiam antes da fala”. (GERALDI, 1990, p. 43)

Os estudos sobre o texto, embora não devam desconsiderar completamente as duas primeiras concepções de linguagem, precisam mantê-las como questões secundárias, destacando, portanto, a interação que a linguagem proporciona e as ações que incita.

A partir deste entendimento de que a linguagem é um espaço para a interação humana, como podemos entender o texto?

Você certamente já sabe, acadêmico(a), até porque de algum modo vimos isso neste nosso primeiro contato, que há várias definições para texto e, conseqüentemente, várias concepções que as mantêm. No primeiro parágrafo dessa exposição apresentamos pelo menos duas visões: uma que vê o texto como algo apenas escrito, outra que o concebe como qualquer manifestação que estabeleça comunicação.

Com base na perspectiva de texto utilizada atualmente, vários autores apresentam suas definições. Bronckart (1999, p. 71), por exemplo, afirma que a noção de “texto designa toda unidade de produção de linguagem que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência sobre o destinatário”. Eco (1986, p. 39), por sua vez, faz a seguinte conceituação:

Podemos dizer que o texto é um produto cujo destino interpretativo deve fazer parte do próprio mecanismo gerativo. Gerar um texto significa executar uma estratégia de que fazem parte as previsões dos movimentos de outros - como, aliás, em qualquer estratégia.

Os dois autores, no entanto, concordam que o texto é um elemento significativo, que se concretiza na figura do leitor/destinatário/receptor. Entre os vários conceitos de texto existentes e dos quais apresentamos uma amostra muito pequena, optamos por seguir os princípios estabelecidos por Koch e seus companheiros de estudos, uma vez que esta autora também desenvolve sua teoria textual com base na perspectiva de que texto é interação. Segundo Koch e Elias (2009, p. 13):

O texto é um evento sociocomunicativo, que ganha existência dentro de um processo interacional. Todo texto é resultado de uma coprodução entre interlocutores: o que distingue o texto escrito do falado é a forma como tal coprodução se realiza.

Koch (2006, p. 16-17) relaciona o conceito de texto ao conceito que temos de língua, o que também nos parece bastante importante destacar. Se concebemos a língua como “representação do pensamento e de sujeito como senhor absoluto de suas ações e de seu dizer, o texto é visto como produto – lógico – do pensamento do autor”. Nesta acepção, o leitor tem um papel meramente passivo. Se pensamos a língua como um código, isto é, como um mero instrumento de comunicação, o texto passa a ser produto da codificação de um emissor que deve ser decodificado pelo leitor/ouvinte. Neste caso, o leitor também é passivo, pois, conhecendo o código, deve apenas decodificá-lo. Porém, se adotamos uma concepção interacional (dialógica) da língua, “o texto passa a ser considerado o próprio **lugar** da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos” (KOCH, 2006, p. 16-17). Nesta linha, a qual guiará nossos estudos, os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais e a compreensão como:

[...] **atividade interativa** altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia) e sua reconstrução no interior do evento comunicativo (KOCH, 2006, p. 16-17).

Acreditamos que, até aqui, você já deve ter percebido que o conceito de texto envolve muitos outros conceitos. Mas, a fim de deixarmos este cenário bem delineado, vamos tentar explicitar o que está envolvido na produção textual. Para tal tarefa, a abordagem de Koch (2006) é bastante esclarecedora:

- a) o produtor do texto: materializa seu “projeto de dizer”, fazendo uso de uma série de estratégias de organização textual e orientando o interlocutor (leitor/ouvinte), a partir de várias marcas textuais (indícios, pistas) para a construção dos sentidos;
- b) o texto: construído estrategicamente de um certo modo, devido às escolhas linguísticas feitas pelo produtor, de modo a estabelecer limites em relação às leituras possíveis;
- c) o leitor/ouvinte: cuja participação ativa realiza a construção do sentido, a partir das marcas textuais, da organização do texto e da mobilização do contexto relevante à situação.



Na Unidade 3, vamos aprofundar as estratégias de organização textual com maior detalhamento. Aguarde!

A abordagem interacional de Koch (2006) também permite-nos aproximá-la das considerações de Val (2004) a respeito do conceito de texto.

Ao abordar o conceito de texto, Val (2004) alerta para as mudanças deste conceito depois dos avanços dos estudos linguísticos, discursivos, semióticos e literários, isto porque hoje sabemos que o sentido não está mais apenas nas palavras. A seguir, apresenta seu conceito, delimitando-o apenas para o texto verbal: “[...] pode-se definir texto, hoje, como qualquer produção linguística, falada ou escrita, de qualquer tamanho, que **possa fazer sentido** numa situação de comunicação humana, isto é, numa situação de interlocução” (VAL, 2004, p. 1, grifo meu).

A ideia de que **possa fazer sentido** é bem explorada por Val (2004), pois nos leva às seguintes reflexões: i. nenhum texto tem sentido em si mesmo; ii. todo texto pode fazer sentido numa dada situação, para determinados interlocutores (destinatário, receptor do texto). Para ilustrar tais afirmações, tomemos, por exemplo, a pergunta: “como está o frango”? Dita para um feirante, para um garçom, para um veterinário, para a mãe ou para a empregada, pode assumir diferentes significados. Se pensarmos na feira, a pergunta pode apontar respostas como: está fresco, está congelado; se for para o garçom, num restaurante, o cliente está questionando os acompanhamentos do frango. Feita para a empregada, pode significar: não deixe o frango queimar; para o veterinário, se o frango melhorou. Mas, se esta pergunta for feita em casa, pela sua mãe, fique atento, é provável que ela esteja aguardando um elogio. Claro, todo mundo já teve aqueles almoços de domingo, quando a mãe passou a manhã inteira na cozinha preparando a ave. Namorados e namoradas espertos, genros e noras inteligentes, todos sabem o que ela quer dizer com essa nada inocente pergunta. Também não haverá nada de inocente quando a pergunta for feita por um jornalista a um goleiro, ao término de uma partida de futebol...

Essas situações sugerem que “o sentido não está no texto, não é dado pelo texto, mas é produzido pelo locutor e alocutário a cada interação, a cada ‘acontecimento’ de uso da língua” (VAL, 2004, p. 2). Ou, como diria Koch (2006, p. 17), “O sentido de um texto é, portanto, construído na interação texto-sujeitos (ou texto-coenunciadores) e não algo que preexista a essa interação.”

Caro acadêmica, até aqui, você já deve ter percebido que o conceito de texto envolve: um sujeito autor que faz o texto conforme sua intenção; uma construção linguística em que se manifestam as escolhas/estratégias linguísticas adequadas à intenção do autor do texto e um sujeito leitor a quem compete a tarefa de compreender, de maneira ativa, esse texto. Deve ter ficado claro também que o processo de atribuir sentido ao texto não é tarefa fácil. Para tanto, o leitor deve ativar uma série de conhecimentos e ficar atento aos fatores de textualidade, sobre os quais falaremos no próximo tópico.



Para complementar seus conhecimentos sobre o texto, sugerimos a leitura da obra “As tramas do texto”, de Ingedore Koch, publicado no Rio de Janeiro, pela editora Nova Fronteira, em 2008.

LEITURA COMPLEMENTAR



Agora que já estudamos o conceito de texto e vimos as implicações de tal conceito, que tal ampliar esses conhecimentos com a leitura que estamos sugerindo? Nela, Bentes (2001) apresenta uma espécie da trajetória do conceito de texto, mostrando como evoluiu até chegar à visão que apresentamos neste primeiro tópico da Unidade 1, e discute suas perspectivas e aplicações. Esperamos que seja uma leitura bem produtiva!

[...]

2 CONCEITO DE TEXTO

A. C. Bentes

Poderíamos iniciar esta parte, apresentando uma definição de texto, de preferência a mais atual e/ou a mais reconhecida no campo dos estudos sobre texto no Brasil, indo, digamos assim, direto ao ponto. Entretanto, se assim o fizéssemos, estaríamos apagando o fato de que os conceitos, por mais interessantes e explicativos que sejam em um determinado contexto histórico, são resultado de um longo processo de reflexões, de idas e vindas, de disputas de/ entre diferentes sujeitos sobre um certo objeto em um determinado campo do conhecimento. Preferimos então, mesmo sacrificando um pouco o didatismo, tentar revelar aqueles que acreditamos serem os “pontos mais importantes desta história” da construção do conceito de texto.

A partir daqui, passaremos a uma reordenação dos momentos anteriormente apresentados, considerando não a constituição do campo e seus objetivos, mas, sim, a definição de texto predominante. Podemos afirmar que, em uma primeira fase dos estudos sobre textos, fase esta que engloba os trabalhos dos períodos da “análise transfrástica” e da “elaboração de gramáticas textuais”, acreditava-se que as propriedades definidoras de um texto estariam expressas principalmente na forma de organização do material linguístico. Em outras palavras, existiriam então textos (sequências linguísticas coerentes em si) e não textos (sequências linguísticas incoerentes em si). Segundo Koch (1997), nesta primeira fase, os conceitos de texto variaram desde “unidade linguística (do sistema) superior à frase” até “complexo de proposições semânticas”. A concepção que subjazia a todas essas definições era a de texto como uma estrutura acabada e pronta, como “produto de uma competência linguística social e idealizada”. Um conceito de texto que pode representar este período é o de Stammerjohann (1975).

É possível perceber, nessa definição, uma ênfase no aspecto material e/ou formal do texto: sua extensão, seus constituintes. Nesse sentido, o texto é encarado como uma unidade que, apesar de teoricamente poder ser de tamanho indeterminado, é, em geral, delimitada, com um início e um final mais ou menos explícito. Ainda fazendo parte da fase em que o texto é visto como um produto acabado, como uma unidade formal a ser necessariamente circunscrita, há definições que priorizam o fato de o texto apresentar um determinado conjunto de conteúdos. Como exemplo, podemos citar aquela em que o texto é considerado como “um complexo de proposições semânticas”. Weinrich (1971) ressalta que os textos podem ser definidos a partir de aspectos diversos: “a) a sequência coerente e consistente de signos linguísticos; b) a delimitação por interrupções significativas na comunicação; c) o *status* do texto como maior unidade linguística. Essa definição, apesar de considerar, ao mesmo tempo, vários aspectos (o da delimitação, o do sentido e do *status* no interior de uma teoria linguística da unidade “texto”), ainda pode ser vista como pertencente à primeira fase, quando o texto é visto como o elemento primeiro de pesquisa, sem que se considere o que Leontiev (1969) afirma ser essencial: o fato de que “o texto não existe fora de sua produção ou de sua recepção”.

Considerar as condições de produção e de recepção dos textos significa, então, passar a encarar o texto não mais como uma estrutura acabada (produto), mas como parte de atividades mais globais de comunicação. Nesse sentido, nas palavras de Koch (1997), trata-se de tentar compreender o texto no seu próprio processo de planejamento, verbalização e construção. Sendo assim, em uma segunda fase, aquela que abrange a elaboração de uma teoria do texto, a definição de texto deve levar em conta que:

- a) a produção textual é uma atividade verbal, isto é, os falantes, ao produzirem um texto, estão praticando ações, atos de fala. Sempre que se interage por meio da língua, ocorre a produção de enunciados dotados de certa força, que irão produzir no interlocutor determinado(s) efeito(s), ainda que não sejam aqueles que o locutor tinha em mira. Dijk (1972) afirma que, em um texto, apesar de se realizarem diversos tipos de atos (em uma carta, por exemplo, podem realizar-se atos de saudação, pergunta, asserção, solicitação, convite, despedida, entre outros), há sempre um objetivo principal a ser atingido, para o qual concorrem todos os demais. O autor propõe, então, a noção de “macroato” de fala, aquele que estaria ordenando os demais. Além disso, não se pode esquecer que essas ações ou esses “macroatos” estão inseridos em contextos situacionais, sociocognitivos e culturais, assim como a serviço de certos fins sociais;
- b) a produção textual é uma atividade verbal consciente, isto é, trata-se de uma atividade intencional, por meio da qual o falante dará a entender seus propósitos, sempre levando em conta as condições em que tal atividade é produzida; considera-se, dentro desta concepção, que o sujeito falante possui um papel ativo na mobilização de certos tipos de conhecimentos, de elementos linguísticos, de fatores pragmáticos e interacionais, ao produzir um texto. Em outras palavras, o sujeito sabe o que faz, como faz e com que propósitos faz (se entendemos que dizer é fazer);

c) a produção textual é uma atividade interacional, ou seja, os interlocutores estão obrigatoriamente, e de diversas maneiras, envolvidos nos processos de construção e compreensão de um texto. Sobre esse aspecto, nada nos parece mais claro para explicar a noção de interação verbal do que o trecho que se segue: Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

[...]

FONTE: Bentes (2001, p. 245-282)

RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico, cujo objetivo era discutir a noção de texto, percebemos que:

- O texto é uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia) e sua reconstrução no interior do evento comunicativo.
- Podemos definir texto, hoje, como qualquer produção linguística, falada ou escrita, de qualquer tamanho, que possa fazer sentido numa situação de comunicação humana, isto é, numa situação de interlocução.
- Nenhum texto tem sentido em si mesmo; todo texto pode fazer sentido numa dada situação, para determinados interlocutores.



1 A compreensão é “[...] é uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua organização [...]”, conforme Koch (2006, p.16). Portanto, na produção textual é importante:

- I- O produtor do texto orientar o leitor/ouvinte através de marcas textuais para a construção de sentidos.
- II- O leitor/ouvinte lê de forma passiva o texto, identificando a organização do texto.
- III- O texto deve ser construído pelo autor, de modo a determinar limites quanto às leituras possíveis.

Estão corretas:

- a) I e II.
- b) II e III.
- c) I e III.
- d) Apenas I.

2 O ser humano interage com seus semelhantes pelas vias da linguagem. Essa interação ocorre por meio de textos. Desta forma, avalie as afirmações abaixo:

- I- Esses textos têm sua produção no momento e no contexto em que se dá o ato de comunicação, ou melhor dizendo, no meio em que eles circulam.
- II- O texto não existe fora de sua produção ou recepção.
- III- O texto, como atividade interacional, será organizado por um sujeito, o qual manifestará na produção textual seus propósitos, independentemente das condições em que esta ocorre.

Estão corretas:

- a) I e II.
- b) II e III.
- c) I e III.
- d) Apenas I.

3 Ler não envolve apenas decodificar, decifrar o código da mensagem. É preciso mobilizar saberes que nos levam para dentro e para além dos textos. Diante de tal afirmação, podemos dizer que:

- a) () Há participação ativa do leitor/ouvinte na construção de sentido do texto, a partir das marcas textuais, da organização do texto e do contexto relevante à situação.
- b) () O leitor/ouvinte mobiliza um vasto conjunto de saberes para atribuir sentido ao texto.
- c) () O leitor/ouvinte atribui sentido ao texto, desconsiderando a situação em que este ocorre.
- d) () O leitor/ouvinte identifica pistas ao longo do texto para então atribuir-lhe sentido.

FATORES DE TEXTUALIDADE – A COERÊNCIA

1 INTRODUÇÃO

No tópico anterior, percebemos que para uma produção linguística ser chamada de texto, ela deve produzir sentido numa dada situação, para determinados interlocutores. Além disso, analisamos como o sentido pode mudar conforme o leitor e a situação. Contudo, essa síntese, a respeito do conceito de texto, não nos permite uma leitura completa, pois para ser compreendido e cumprir seu objetivo, o texto deve apresentar: coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade (BEAUGRANDE;DRESSLER, 1981 apud VAL, 2004, p. 4).

Esses sete fatores fazem parte do conhecimento textual das pessoas, isto é, quando lemos, ouvimos, falamos ou escrevemos um texto, nossa expectativa é que o conjunto de palavras proferido/escrito nos pareça um todo articulado e com sentido, pertinente e adequado à situação em que ocorre. “E, então, aplicam [as pessoas] os fatores ou princípios de textualidade a todo conjunto de palavras com que se defrontam, buscando fazer com que essas palavras possam ser entendidas como um texto – compreensível, normal e com sentido” (VAL, 2004, p. 3).



De acordo com Beaugrande e Dressler (1981), o termo textualidade refere-se ao conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto, e não apenas uma sequência de frases ou palavras.

Neste tópico, vamos explorar a coerência, fator importante da textualidade.

2 COERÊNCIA

Tomando por base as palavras de Val (2004) e Koch (2006), percebemos que a coerência envolve tudo que influencia (auxilia, possibilita ou dificulta, impede) a interpretação do texto.

O falante, em sua intuição linguística, sabe que o texto precisa ser “um todo significativo” e revela seu saber linguístico-textual-discursivo em expressões populares como: “já acabou”, “ué, tá faltando um pedaço”, ou “e aí, como é que termina a história”. A necessidade da “inteireza” também surge em expressões como “ter começo, meio e fim”. Neste sentido, são comuns ainda as seguintes avaliações/reclamações em relação ao texto: “fugiu do tema”, “perdeu o fio da meada”, ou “do que é mesmo que eu estava falando”, “não diz coisa com coisa” e “sem pé nem cabeça”.

Essas considerações apontam para a necessidade de o autor articular/organizar as informações no interior do texto de modo que produzam sentido, pois a exigência intuitiva do sujeito (leitor/ouvinte) não atribuirá o *status* de coerente a um texto que não lhe pareça ‘lógico’, consistente, aceitável, com sentido” (VAL, 2004, p. 4).

Considerar um texto como coerente significa, então, compreender – a partir dos conhecimentos e das habilidades de interpretação que possuímos – as relações (causa e consequência/ comparação/ oposição etc.) estabelecidas entre as ideias do texto e considerá-las compatíveis com nossos conhecimentos.

Veja, caro acadêmico, que a percepção da coerência, portanto, depende significativamente dos conhecimentos do leitor. Apesar de todo o cuidado que o produtor do texto possa dedicar-lhe, o leitor pode não ter os conhecimentos necessários para considerar o texto como coerente. A não coincidência desses conhecimentos é muito comum, visto que todos nós, ao longo de nossa vida, temos experiências e leituras diferentes, o que afeta a forma como lemos e interpretamos um texto que nos é apresentado. Se pensarmos neste momento em ler uma obra relacionada às ciências jurídicas, ainda que esta seja bem escrita, podemos não entendê-la em todos os seus aspectos, visto que nos faltam conhecimentos relacionados à referida ciência. Todos nós, de alguma forma, já vivenciamos essa dificuldade em algum momento. Pode parar e lembrar das disciplinas que você cursou no Ensino Fundamental ou Ensino Médio: certamente você teve que estudar para alguma prova e, até entender o conteúdo, releu o texto algumas vezes, tentando identificar o sentido de palavras/conceitos pouco familiares a partir do próprio texto, conversando com colegas ou lendo outras fontes para munir-se com mais informações. Depois de cumprir todas essas etapas, espero que você tenha dito: “ah, agora entendi...”.

No exemplo apresentado, perceba que o texto a ser estudado para a prova não mudou, o que mudou foram os seus conhecimentos para explorar/abordá-lo. É comum acontecer que num dia leiamos um texto e reconheçamos um objetivo (uma intenção). Porém se buscamos novas fontes para nos ajudar a entendê-lo, podemos

encontrar outro objetivo, antes não percebido. É importante também destacar que “Em geral, os textos trazem muita informação implícita ou subentendida - e também não explicitam todas as relações entre as informações” (VAL, 2004, p. 4). Para dar conta dos implícitos, o leitor precisa então apelar para seus conhecimentos de mundo mais uma vez, para a situação, pois “A construção do sentido depende dos conhecimentos e intenções de quem falou e dos conhecimentos disponíveis e habilidades interpretativas de quem ouviu (VAL, 2004, p. 4).” Vamos exemplificar um pouco os implícitos de um texto, recorrendo a um fragmento do texto “Etiqueta no trabalho” de Célia Leão, extraído da revista *Você S/A* (2006, p. 97).

[...] A história recente mostra que as frutas podres caem sozinhas dos pés onde nasceram. Trocando em miúdos, todo o poder baseado em falcatruas e na falta de ética acaba de maneira bem vergonhosa para quem o detém. Vamos aos fatos. No ano passado, não consegui segurar minha língua quando, no intervalo de um treinamento que eu estava dando, um ouvinte veio até mim e perguntou se eu, por acaso, sabia de quem ele era filho. Na hora, dei o troco e disse a ele que me solidarizava com a situação, mas que ele ficasse tranquilo porque a medicina mais moderna, a genética e exames de DNA poderiam esclarecer a dúvida que ele tinha. E saí, sem mais explicações. O rapaz não entendeu que, nesse caso, o poder é do outro e, infelizmente, não se herda nem é contagioso. Quem quiser seu quinhão na vida empresarial, precisa batalhar para merecê-lo.

E aí? Entendeu o recado de Célia Leão para o rapaz que lhe perguntou se ela sabia de quem ele era filho? Se sim, é porque você percebeu a ironia presente na resposta, uma vez que na situação descrita o normal seria ela responder que sabia ou não, mas como isso não aconteceu, percebemos que havia outra intenção presente nas palavras de Célia. Essa outra intenção está implícita e somos capazes de percebê-la devido ao nosso conhecimento de mundo e da situação de interlocução. O comentário de Santos (1997, p. 40-41) complementa essa análise:

[...] Linguistas, filósofos, sociólogos, sociolinguistas, entre outros, têm observado que interações conversacionais não consistem de intervenções ou enunciados desconexos ou incoerentes, embora essa seja a impressão que temos ao presenciarmos certos diálogos ou conversas. Em suas amostras de língua, esses estudiosos têm constatado, em situação real de comunicação, que as pessoas reconhecem um certo objetivo comum quando estão interagindo umas com as outras e tentam se comunicar a fim de alcançar esse objetivo. [...]

A partir da interação entre Célia Leão e o rapaz (apresentada na revista *Você SA*) e do comentário de Santos, percebemos então que o leitor deve assumir uma postura ativa (empregar seu conhecimento de mundo) para identificar o sentido implícito e, então, considerar o texto como coerente ou não. Não podemos esquecer que o leitor pode intencionalmente fingir que não entendeu, mas essa é uma outra história, reservada para um outro Livro.

Lendo até este momento e percebendo a complexidade envolvida para avaliar um texto como coerente (dada a dependência que este conceito tem com

o leitor), sua preocupação deve estar relacionada à diversidade de interpretações, já que os leitores são muitos e, logicamente, suas histórias de vida, experiências são diferentes, certo? Mas, felizmente, não vale tudo ao interpretarmos um texto, e essa condição costuma ser respeitada pelos sujeitos, pois como pertencemos a uma mesma sociedade, a um mesmo grupo, partilhamos conhecimentos, crenças e valores. Os sujeitos partilham:

[...] conhecimentos linguísticos (a gramática e o vocabulário de uma língua), textuais (quanto a características de tipos e gêneros textuais, quanto a tendências gerais de construção da coerência textual) e pragmáticos (por exemplo, que atos de fala [ato de declarar, de pedir, de avisar, de ofender, de irritar, de amedrontar] se pode realizar naquela comunidade e com que recursos linguísticos; partilham visão de mundo, crenças, expectativas, valores, produzidos por aquela sociedade ao longo de sua história (VAL, 2004, p. 5).



Estudaremos o conceito de gênero textual na Unidade 3.

Não sei se você já havia pensado na coerência da maneira como a discutimos aqui, porém para escrever e/ou analisar os textos de forma adequada, sugiro que teste tal proposta. É provável que ela contribua para melhorar sua condição de autor e leitor.



Amplie seus conhecimentos sobre a coerência lendo o texto de Maria Lúcia Mexias Simon, intitulado "A construção do texto: coesão e coerência textuais, conceito de tópico", que está disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/40suple/a_construcao_de_texto.pdf>. Também recomendamos um artigo intitulado "Coerência Textual: Um Estudo com Jovens e Adultos", elaborado por Fabíola Gonçalves e Maria da Graça Bompastor Borges Dias, ambas da Universidade Federal de Pernambuco, que apresenta os resultados de uma pesquisa sobre a coerência nos textos de jovens e adultos. Ele está disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n1/16796.pdf>>.

LEITURA COMPLEMENTAR



Como vimos ao longo deste Tópico 2, para que a coerência se estabeleça, precisamos fazer uma série de inferências e utilizar nossos conhecimentos prévios durante o processo de atribuição de sentidos ao texto. Para complementar nossos estudos sobre esse assunto, faça a leitura do texto de Koch (2003) que, justamente, explora o sistema de conhecimentos empregado durante a leitura e interpretação de um texto. Boa leitura!

SISTEMAS DE CONHECIMENTO ACESSADOS POR OCASIÃO DO PROCESSAMENTO TEXTUAL

Ingedore Villaça Grunfeld Koch

Para o processamento textual contribuem três grandes sistemas de conhecimento: o linguístico, o enciclopédico e o interacional (cf. HEINEMMAN; VIEHWEGER, 1991).

O conhecimento linguístico compreende o conhecimento gramatical e o lexical, sendo o responsável pela articulação som-sentido. É ele o responsável, por exemplo, pela organização do material linguístico na superfície textual, pelo uso dos meios coesivos que a língua nos põe à disposição para efetuar a remissão ou a sequenciação textual, pela seleção lexical adequada ao tema e/ou aos modelos cognitivos ativados.

O conhecimento enciclopédico ou conhecimento de mundo é aquele que se encontra armazenado na memória de cada indivíduo, quer se trate de conhecimento do tipo declarativo (proposições a respeito dos fatos do mundo), quer do tipo episódico (os “modelos cognitivos” socioculturalmente determinados e adquiridos através da experiência). É com base em tais modelos, por exemplo, que se levantam hipóteses, a partir de uma manchete; que se criam expectativas sobre o(s) campo(s) lexical(ais) a ser(em) explorado(s) no texto; que se produzem as inferências que permitem suprir as lacunas ou incompletudes encontradas na superfície textual.

O conhecimento sociointeracional é o conhecimento sobre as ações verbais, isto é, sobre as formas de *interação* através da linguagem. Engloba os conhecimentos do tipo ilocucional, comunicacional, metacomunicativo e superestrutural.

É o conhecimento ilocucional que permite reconhecer os objetivos ou propósitos que um falante, em dada situação de interação, pretende atingir. Trata-se de conhecimentos sobre *tipos de objetivos* (ou *tipos de atos de fala*), que costumam ser verbalizados por meio de enunciações características, embora seja também frequente sua realização por vias indiretas, o que exige dos interlocutores o conhecimento necessário para a captação do objetivo ilocucional.

O conhecimento comunicacional é aquele que diz respeito, por exemplo, a normas comunicativas gerais, como as máximas descritas por Grice (1969); à quantidade de informação necessária numa situação concreta para que o parceiro seja capaz de reconstruir o objetivo do produtor do texto; à seleção da variante linguística adequada a cada situação de interação e à adequação dos tipos de texto às situações comunicativas. É o que Van Dijk (1994) chama de *modelos cognitivos de contexto*.

O conhecimento metacomunicativo permite ao produtor do texto evitar perturbações previsíveis na comunicação ou sanar (*on-line ou a posteriori*) conflitos efetivamente ocorridos por meio da introdução no texto, de sinais de articulação ou apoios textuais, e pela realização de atividades específicas de formulação ou construção textual. Trata-se do conhecimento sobre os vários tipos de ações linguísticas que permitem, de certa forma, ao locutor assegurar a compreensão do texto e conseguir a aceitação, pelo parceiro, dos objetivos com que é produzido, monitorando com elas o fluxo verbal (cf. MOTSCH; PASCH, 1985).

O conhecimento superestrutural, isto é, sobre estruturas ou modelos textuais globais, permite reconhecer textos como exemplares de determinado gênero ou tipo; envolve, também, conhecimentos sobre as macrocategorias ou unidades globais que distinguem os vários tipos de textos, sobre a sua ordenação ou sequenciação, bem como sobre a conexão entre objetivos, bases proposicionais e estruturas textuais globais.

Heinemann e Viehweger (1991) salientam que, a cada um desses sistemas de conhecimento, corresponde um conhecimento específico sobre como colocá-lo em prática, ou seja, um conhecimento de tipo procedural, isto é, dos procedimentos ou rotinas por meio dos quais esses sistemas de conhecimento se atualizam quando do processamento textual. Este conhecimento funciona como uma espécie de “sistema de controle” dos demais sistemas, no sentido de adaptá-los ou adequá-los às necessidades dos interlocutores no momento da interação.

Tal conhecimento engloba, também, o saber sobre as práticas peculiares ao meio sociocultural em que vivem os interactantes, bem como o domínio das estratégias de interação, como preservação das faces, representação positiva do “self”, polidez, negociação, atribuição de causas a mal-entendidos ou fracassos na comunicação, entre outras. Concretiza-se através de estratégias de processamento textual.



RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico, cujo objetivo era discutirmos o conceito de coerência, você percebeu que:

- A coerência envolve tudo que influencia (auxilia, possibilita ou dificulta, impede) a interpretação do texto.
- Considerar um texto como coerente significa, então, compreender – a partir dos conhecimentos e das habilidades de interpretação que possuímos – as relações (causa e consequência/ comparação/ oposição etc.) estabelecidas entre as ideias do texto e considerá-las compatíveis com nossos conhecimentos.



- 1 Leia os fragmentos que seguem e identifique as INCOERÊNCIAS neles existentes:
- a) Encontrando um milhão de dólares na rua, eu procuraria o cara que perdeu e, se ele fosse pobre, devolveria". (Yogi Berra)
- b) "Cuidado! Tocar nesses fios provoca morte instantânea. Quem for flagrado fazendo isso será processado". (Tabuleta numa estação ferroviária.)
- c) "Devo confessar que morria de inveja de minha coleguinha por causa daquela boneca que o pai lhe trouxera da Suécia: ria, chorava, balbuciava palavras, tomava mamadeira e fazia xixi. Ela me alucinava. Sonhei com ela noites a fio. Queria dormir com ela uma noite que fosse. Um dia, minha vizinha esqueceu-a em minha casa. Fui dormir e, no dia seguinte, quando acordei, lá estava a boneca no mesmo lugar em que minha amiguinha havia deixado. Imaginando que ela estivesse preocupada, telefonei-lhe e ela mais do que depressa veio buscá-la."
- d) "Conheci Sheng no primeiro colegial e aí começou um namoro apaixonado que dura até hoje e talvez para sempre. Mas não gosto da sua família: repressora, preconceituosa, preocupada em manter as milenares tradições chinesas. O pior é que sou brasileira, detesto comida chinesa e não sei comer com pauzinhos. Em casa, só falam chinês e de chinês eu só sei o nome do Sheng. No dia do seu aniversário, já fazia dois anos de namoro, ele ganhou coragem e me convidou para jantar em sua casa. Eu não podia recusar e fui. Fiquei conhecendo os velhos, conversei com eles, ouvi muitas histórias da família e da China, comi tantas coisas diferentes que nem sei. Depois fomos ao cinema eu e o Sheng."
- e) Era meia-noite. Oswaldo preparou o despertador para acordar às seis da manhã e encarar mais um dia de trabalho. Ouvindo o rádio, deu conta de que fizera sozinho a quina na loto. Fora de si, acordou toda a família e bebeu durante a noite inteira. Às quinze para as seis, sem forças sequer para erguer-se da cadeira, o filho mais velho teve de carregá-lo para a cama. Não tinha mais força nem para erguer o braço. Quando o despertador tocou, Oswaldo, esquecido da loteria, pôs-se imediatamente de pé e ia preparar-se para ir trabalhar. Mas o filho, rindo, disse: "Pai, você não precisa trabalhar nunca mais na vida."
- f) "O quarto espelha as características de seu dono: um esportista, que adorava a vida ao ar livre e não tinha o menor gosto pelas atividades intelectuais. Por toda parte, havia sinais disso: raquetes de tênis, prancha de *surf*, equipamento de alpinismo, *skate*, um tabuleiro de xadrez com as peças arrumadas sobre uma mesinha, as obras completas de Shakespeare".

g) “Embora existam políticos competentes e honestos, preocupados com as legítimas causas populares, os jornais, na semana passada, noticiaram caso de corrupção comprovada, praticadas por um político eleito pelo povo. Isso demonstra que o povo não sabe escolher seus governantes.”

FONTE: FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. Para entender o texto: leitura e redação. 13. ed. São Paulo: Ática, 1997. p. 202-203.

2 A coerência envolve tudo que influencia a interpretação de um texto. Neste sentido, considere os textos abaixo:

Texto 1:

Para acabar com a dengue é necessário evitar a proliferação do mosquito transmissor da doença, mantendo quintais limpos e livres de locais onde possa haver água parada.

Texto 2:

Quintais sujos, com acúmulo de objetos que possam reter água, como frascos vazios e pneus; vasos de plantas com água em seus pratos, caixas d’água abertas, são lugares perfeitos para que o mosquito transmissor da Dengue deposite seus ovos e, assim, se prolifere. Medidas de higiene e controle devem ser tomadas para evitar que aumentando o número de mosquitos transmissores aumente, também, os casos de Dengue nas cidades.

Analise as afirmações:

- I- Texto 1 e Texto 2 abordam temáticas diferentes, elaborados para públicos diferentes, com objetivos diversos.
- II- O Texto 2 não apresenta a noção de “inteireza”.
- III- Tanto o Texto 1 quanto o Texto 2 compreendem “um todo significativo”.
- IV- O Texto 2 atinge sua finalidade comunicativa, portanto, pode ser considerado como um texto.

Estão CORRETAS:

- a) () I e II.
- b) () II e III.
- c) () III e IV.
- d) () I e III.
- e) () II e IV.



Assista ao vídeo de
resolução da questão 1



3 Para que o processamento do texto seja realizado com sucesso, cooperam: o conhecimento linguístico, o enciclopédico e o interacional. Assim, pode afirmar que:

- I- O conhecimento comunicacional é aquele que se encontra armazenado na memória do indivíduo.
- II- O conhecimento enciclopédico é relativo a normas comunicativas, que contemplam, por exemplo, a adequação do tipo de texto à situação comunicativa.
- III- O conhecimento linguístico é responsável pela articulação som-sentido.

Estão corretas:

- a) () I e II.
- b) () I e III.
- c) () II e III.
- d) () Apenas III.

4 Considerar um texto coerente significa compreender as relações estabelecidas entre as informações deste e considerá-las compatíveis com nossos conhecimentos. Com base nesta afirmação, analise a seguinte imagem e, na sequência, as afirmativas sobre ela:



FONTE: <<https://goo.gl/3wqpv7>>. Acesso em: 1º set. 2018.

Acerca da charge, pode-se afirmar que:

- I- Considerando que o autor usou apenas a linguagem não verbal não há como considerar a charge como um texto, pois sem o auxílio das palavras a mensagem não pode ser decodificada.

- II- A charge permite ao leitor acionar seus conhecimentos de mundo sobre a cidade do Rio de Janeiro, portanto, pode ser considerada um texto coerente.
- III- O leitor precisa apelar para seus conhecimentos de mundo sobre a cidade do Rio de Janeiro para perceber a charge como um texto lógico.
- IV- O mosquito, a bala e a faca são elementos desnecessários à construção de sentido na charge.

Estão CORRETAS:

- a) () II e IV.
- b) () I e III.
- c) () II e III.
- d) () I e II.

FATORES DE TEXTUALIDADE - A INTERTEXTUALIDADE

1 INTRODUÇÃO

No tópico anterior, salientamos que o leitor, para considerar um texto como coerente ou não, recorre aos seus conhecimentos de mundo, verificando se são compatíveis com o texto apresentado.

Dada a complexidade e a diversidade desses conhecimentos e sua relevância para a compreensão de um texto, vamos neste tópico explorar o fator intertextualidade, a fim de perceber como sua ocorrência afeta a produção de sentido.

2 A INTERTEXTUALIDADE

Para conversarmos sobre a intertextualidade, vamos, inicialmente, examinar alguns conceitos:

[...] O texto redistribui a língua. Uma das vias dessa reconstrução é a de permutar textos, fragmentos de textos, que existiram ou existem ao redor do **texto considerado** e, por fim, dentro dele mesmo; **todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele**, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis (BARTHES, 1974 apud KOCH, 2003, p. 59, grifo meu).

[...] a intertextualidade compreende as diversas maneiras pelas quais **a produção e recepção do texto depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores**, isto é, diz respeito aos fatores que tornam a utilização de um texto dependente de um ou mais textos previamente existentes (BEAUGRANDE; DRESSLER apud KOCH; TRAVAGLIA, 2002, p. 88, grifo meu).

Cada texto retoma textos anteriores, reafirmando uns e contestando outros, utilizando sua 'matéria-prima', se inclui nessa 'cadeia verbal', pedindo resposta e se propondo como 'matéria-prima' para outros textos futuros [...] Pode ser que o próprio locutor não se dê conta de 'com quantos textos se faz o seu texto'; pode ser que o alocutário não (re)conheça todos os textos envolvidos na construção dos textos que ouve ou lê. Mesmo assim, sem 'enxergar' todo o processo, estão lidando com a intertextualidade (VAL, 2004, p. 6, grifos nossos).

Já salientamos que para o leitor atribuir sentido a um texto, considerá-lo coerente, ele deveria recorrer a seus conhecimentos de mundo. Parte desse

conhecimento, então, está relacionada ao contato que o leitor teve com **outros textos**. Esse contato anterior permite ao leitor identificar **as relações que os textos podem estabelecer entre si, como outros textos estão presentes no texto** que o leitor tem em suas mãos (isto é, o texto “considerado”, como sugere Barthes). Além disso, quando Val (2004) aponta que **cada texto retoma textos anteriores, reafirmando uns e contestando outros**, podemos pensar numa espécie de “diálogo” entre os textos que circulam em nossa sociedade.

Essa ideia de “diálogo” entre os textos exige uma parada para esclarecermos a terminologia que os autores da área costumam adotar ao falar do assunto. Não pretendemos aqui aprofundar ou discutir a questão das diferenças terminológicas (reconhecidamente importante), apenas registrá-las, pois algumas dúvidas certamente surgirão quando você encontrar os termos dialogia, polifonia e intertextualidade. Cunha (2002, p. 168) afirma que o termo dialogismo é carregado de uma pluralidade de sentidos e foi traduzido por intertextualidade, o que gera confusão entre os conceitos. O termo intertextualidade então é usado por alguns autores “[...] para se referir às inserções de **outras vozes no texto**, na forma de citação, paráfrase, alusão entre outras. Esse mesmo fenômeno é também chamado de polifonia ou discurso reportado”.

No entanto quem melhor desenvolveu os conceitos de dialogismo, intertextualidade e polifonia foi Mikhail Bakhtin, um filósofo russo que revolucionou os estudos sobre a linguagem, os gêneros textuais e o texto literário.

Na base dos estudos de Bakhtin está a linguagem e, principalmente, a palavra. Para ele, não existe modo mais puro e sensível de relação social do que a palavra. Esta é o centro da comunicação na vida cotidiana e, através dela, se revelam as consciências/ideias/ideologias. A palavra, portanto, se torna importante justamente por causa de sua significação. “Se nós perdemos de vista a significação da palavra, perdemos a própria palavra, que fica, assim, reduzida à sua realidade física, acompanhada do processo fisiológico de sua produção.” (BAKHTIN, 2002, p. 49), ou seja, se deixarmos de lado a significação da palavra, ela se torna um mero conjunto de rabiscos, desprovidos de sentido e de utilidade. Para o filósofo russo, a palavra tem significado porque está sempre dirigida para um interlocutor e porque expressa uma situação social, um contexto.

Na realidade toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 2002, p. 113, grifos do autor)

Além de seu caráter significativo, a palavra é multissignificativa, ou seja, é dotada de várias significações acumuladas ao longo da história e dos contextos em que foi utilizada. Assim, todo discurso é, sob vários aspectos, orientado para o que já foi dito, para o que é conhecido. Todas as palavras já foram utilizadas anteriormente, não criamos palavras quando fazemos uso da língua durante a comunicação. Fazer uso das palavras é nos encontrarmos com o discurso do outro, com as palavras desse outro. Isso torna o discurso (e sua matéria-prima: a palavra) parte de um grande diálogo, pois ao ser produzido interage com o discurso de outro em diversos contextos.

Para o filósofo russo, “[...] apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto.” (BAKHTIN, 1993, p. 88). Dito de outro modo, somente o primeiro ser humano a usar a palavra para a comunicação a estaria utilizando sem significados anteriores, sem outros usos, contextos e usuários. Depois deste “Adão”, no entanto, as palavras, não mais neutras, estariam interagindo com outros contextos e outros emissores.

Assim, a palavra não pode ser vista como um objeto, algo estático, mas como um processo ativo, mutável, de comunicação dialógica. Ela existe e sobrevive na constante mudança. Mudança de um indivíduo, de seu pensamento, para outro indivíduo, outro pensamento; mudança de um contexto para o outro, de uma época para outra, de um grupo social para outro.

Podemos notar que, além do povoamento de significações em cada palavra, o contexto adquire uma importância vital para o dialogismo. É a situação social imediata e o meio social em que se inserem locutor e interlocutor que determinam a estrutura enunciativa.

Como afirma Bakhtin (2002, p. 123, grifo nosso):

Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política etc.). Mas essa comunicação verbal ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado.

Tudo isso acontece porque o sujeito que fala (aquele que utiliza as palavras, que com elas constrói seu discurso) é um ser essencialmente social. Cada discurso seu reflete a realidade em que se insere e ao esperar a resposta, reflete também a realidade do outro. Assim, a palavra é um produto social, das relações sociais. Atribui-se essa característica ao fato de que as palavras são construídas para estabelecer comunicação entre os seres e carregam consigo as vozes dos outros, que as utilizaram em outros contextos, com outros significados. Mesmo quando pensamos, estamos utilizando as palavras que já se inseriram em outros pensamentos, de outras épocas, de outros contextos e situações sociais.

O dialogismo é um fenômeno que ultrapassa a esfera pessoal da copresença e das relações eu/tu; não somente o dialogismo pode se produzir em situação textual como é esta a situação que lhe é mais propícia. O dialogismo coloca em jogo diferentes instâncias criadoras do texto: do leitor real ao leitor suposto, do destinatário ao sobre destinatário. (AMORIM, 2003).

Indo ao encontro do que afirmamos anteriormente, Valdir Flores, em um ensaio intitulado “Dialogismo e Enunciação”, reforça a amplitude de significação da palavra dialogismo:

Quando Bakhtin, em *Problemas da Poética de Dostoievski*, fala de relações dialógicas não está restringindo esta concepção à aritmética do termo diálogo. Para ele até mesmo uma palavra pode ser dialógica se nela se perceber a voz do outro, “por isto, as relações dialógicas podem penetrar no âmago do enunciado, inclusive no íntimo de uma palavra isolada se nela se chocam dialogicamente duas vozes” (FLORES, 1998, p. 24).

Portanto, podemos concluir que dialogismo, ou dialogia, é a relação que se estabelece no texto (que é uma manifestação de linguagem e que se vale, muitas vezes, das palavras) entre os vários contextos, as várias significações das palavras e entre o locutor e interlocutor (autor e leitores), nos diferentes tempos e lugares.

Mas, além da ideia de “diálogo”, Bakhtin (1993) enfatiza que, no texto, diferentes “emissores/receptores” interagem. Temos, dessa forma, aquilo que o teórico russo chamou de **polifonia**: o encontro de várias vozes que “falam” no mesmo lugar, na mesma enunciação. No interior de cada enunciado ou discurso ou texto está presente não apenas a voz do eu (escritor, autor, emissor), mas também a voz do outro (leitor, receptor, destinatário), bem como está presente, ainda, uma infinidade de outros enunciados, que vieram antes ou depois dele. Essa é a base do termo polifonia, derivado do grego *polyphonia* (*poly* = muitas e *phonia* = vozes), tomando de empréstimo por Bakhtin da teoria musical.

No que se refere à intertextualidade, Bakhtin lembra que um texto é construído com base em outros textos e os reflete, sob vários aspectos, em si. Portanto, “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade”, como definiu Kristeva (1974, p. 64).

Koch (2003, p. 73), seguindo a perspectiva de Bakhtin, sugere “[...] não há coincidência total entre os conceitos de intertextualidade e polifonia”. Para a autora, o conceito de polifonia recobre o de intertextualidade, isto é, todo caso de intertextualidade é um caso de polifonia, não sendo, porém, verdadeira a recíproca “[...]”. Para os objetivos deste caderno, é necessário que saibamos que “[...] todo texto é perpassado por vozes de diferentes enunciadores, ora concordantes, ora dissonantes, o que faz com que se caracterize o fenômeno da linguagem humana, como bem mostrou Bakhtin (1929).” (KOCH, 2003, p. 74).

Assim, caro acadêmico, fica evidente que a intertextualidade não pode ser desprezada ao atribuirmos sentido para um texto. Se formos capazes de perceber

a inserção de outras vozes no texto e como elas contribuem para a produção de sentido, certamente vamos compreender o texto de maneira mais completa. Vamos perceber as possíveis farpas trocadas entre interlocutores, a alusão a fatos que já ocorreram, a teorias já aceitas no meio científico. Enfim, dependendo de como o texto se organiza, da intenção do autor, da situação para a qual o texto se destina e para qual leitor, a inserção de outros textos é um recurso poderoso.

Antes de recorrermos a alguns exemplos de caráter prático, você já deve ter notado que se os textos “dialogam”, se recorremos constantemente aos “já ditos” para formar o nosso texto, então este Livro também o faz, às vezes de forma explícita (quando usamos as citações ou paráfrases), outras de maneira implícita. As citações neste Livro têm a função de indicar que algumas ideias já foram elaboradas anteriormente, por outros autores (veja, quando as ideias não são nossas, empregamos as aspas, isto é, há marcas linguísticas explícitas de que o texto é de outrem).



Espero que você se lembre bem das diferentes funções que as citações assumem em nosso texto e de como fazê-las. Caso não, sugerimos uma releitura do Livro de Metodologia.

Além disso, como são teorias confiáveis e de autores reconhecidos na área, elas nos dão suporte para prosseguirmos nossos estudos. Assim ocorre a escrita acadêmica: você precisa recorrer à produção científica da área para dar credibilidade ao seu discurso (lembra de quando você fez metodologia? Quando fez o *paper*? Nestas situações, você teve que recorrer ao discurso do outro para inserir então as suas considerações). Em instantes, vamos detalhar mais a diferenciação da inserção do discurso “do outro” em nosso texto. Antes, vamos exemplificar um pouco mais as funções que a intertextualidade cumpre nos textos que circulam entre nós no dia a dia.



Há um autor chamado Authier-Revuz que desenvolveu um estudo sobre Heterogeniedade Enunciativa, no qual faz importantes considerações sobre a paráfrase e o implícito do texto. Nós não aprofundaremos a questão neste caderno, mas você é convidado a uma pesquisa sobre o autor e sua teoria caso queira aprimorar seus conhecimentos sobre o assunto.

Acompanhe as notícias a seguir, extraídas do Diário Catarinense, sobre o qual vamos apreciar algumas informações, a fim de contextualizar sua leitura ao longo da atividade.



Para você, acadêmico(a), que não é de Santa Catarina:

O jornal Diário Catarinense tem uma abrangência estadual. Possui sucursal nas principais cidades catarinenses. De acordo com dados institucionais publicados na *home page* do DC, o jornal circula em 243 municípios dos 293 que existem em Santa Catarina. Nos dias de semana, o jornal alcança uma tiragem de 38 mil exemplares. No domingo, esse número chega a 56 mil. Estes dados colocam o DC, segundo a página institucional, como o jornal líder do mercado de veículos impressos em Santa Catarina.

FONTE: GOLEMBIEWSKI, Carlos. **Diário Catarinense**. Disponível em: <<http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/cd3/midia/carlogolembiewski.doc>>. Acesso em: 24 dez. 2007.

ACABA AMANHÃ O PRAZO PARA DÁRIO SE DEFENDER

Vence amanhã o prazo para que o prefeito de Florianópolis, Dário Berger (PSDB), apresente sua defesa por escrito à Comissão de Investigação e Processante da Câmara, que apura suspeitas de irregularidades na elaboração de uma lei de incentivo ao turismo.

Depois de receber a defesa, o relator João Aurélio Júnior (PP) terá cinco dias corridos para opinar pelo arquivamento do caso ou pela continuidade da investigação. A segunda opção significa a abertura de um processo contra Berger.

Conforme Decreto-Lei 201/67, “se a Comissão opinar pelo prosseguimento (da investigação), o presidente designará, desde logo, o início da instrução, e determinará os atos, diligências e audiências que se fizerem necessários, para o depoimento do denunciado e inquirição das testemunhas”. [...]

FONTE: CAVALLAZZI, João. Acaba amanhã o prazo para Dário se defender. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 23 ago. 2007. Geral, p. 46.

DÁRIO APRESENTA DEFESA PARA CPI

A Comissão de Investigação e Processante da Câmara de Vereadores da Capital deve decidir, até a próxima sexta-feira, se aprofunda ou não as suspeitas de irregularidades na aprovação, no ano passado, de uma lei de incentivo ao turismo.

Ontem, o prefeito Dário Berger (PSDB) apresentou defesa por escrito ao presidente da comissão, Dalmo Menezes (PP). O documento tem 10 páginas, mais anexos. Conforme havia prometido, Berger não arrolou testemunhas.

Seguindo o que determina o decreto-lei 201/67, Menezes encaminharia ainda ontem a defesa para o relator, João Aurélio Valente Júnior (PP), que tem cinco dias para decidir se sugere o aprofundamento das investigações ou o arquivamento do caso – segundo a procuradoria da Casa, o prazo passa a contar a partir de segunda-feira e expira na sexta. [...]

FONTE: CAVALLAZZI, João. Dário apresenta defesa para CPI. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 25 ago. 2007. Geral, p. 17.

A leitura das notícias permite fazer as seguintes considerações em relação à coerência e à intertextualidade. Vamos falar de ambas para você ir se familiarizando com as análises:

i. para o leitor que estava acompanhando o caso, a nota inicial da notícia do dia 23 de agosto não traz nenhum fato novo, visto que o assunto estava sendo bastante comentado na região. Porém, para o leitor que não tinha conhecimento do caso, por não ser da região de Florianópolis (o Diário circula em quase todo o Estado de Santa Catarina), ou não se interessar pelo tipo de assunto (ou por qualquer outro motivo), a nota é sucinta, mas informa quem é o prefeito de Florianópolis e, resumidamente, o fato em que está envolvido. Aqui podemos dizer que a notícia para ambos os leitores foi apresentada de forma adequada, esclarecendo inclusive do que trata o Decreto-Lei 201/67. Percebe-se, portanto, o cuidado do jornalista com o entendimento do leitor que não acompanha esse tipo de informação (preocupação com a coerência). Além disso, também se utilizou dos “já ditos” (intertextualidade), quando acrescentou ao seu texto a citação (entre aspas) do decreto.

ii. já a notícia do dia 25 dá prosseguimento ao relato do caso e exige, de certa forma, que o leitor esteja acompanhando o desenrolar dos fatos, pois já não oferece tantos detalhes acerca do Decreto-Lei 201/67. Aqui, o jornalista parte do pressuposto que a informação já foi “dada”, isto é, ele acredita que o leitor que acompanha o fato seja capaz de recorrer aos seus conhecimentos (percepção da coerência) e lembre do que trata tal decreto (intertextualidade).

Nas duas notícias, temos a ocorrência da intertextualidade, pois em ambas Cavallazzi recorre ao Decreto-Lei 201/67. O Decreto pode ser considerado como um “já dito” ou “discurso de outrem” e cumpre a função ali de levar ao conhecimento da população que providências (em termos legais) serão tomadas para o caso. Entretanto, o jornalista, para dar maior credibilidade ao seu texto, mostra ao leitor que as providências a serem tomadas não são determinadas por ele, e sim pela determinação da lei. Aqui está uma das funções da citação no texto jornalístico: a de atribuir ao texto maior veracidade e credibilidade. Em outras situações, temos a voz de alguma autoridade (secretário, ministro, diretor...) ou a apresentação de

dados obtidos por algum órgão (IBGE, MEC etc.) para conferir mais credibilidade ao que o jornalista apresenta em seu texto.

Vamos, agora, explorar uma outra função que a intertextualidade pode assumir no texto. Agora, extraída da revista *Fluir*, cujo público leitor é mais específico.

Saqua no Circuito Mundial

Governo estadual do Rio de Janeiro garante etapa brasileira do WCT

Ícone do *surf* brasileiro, Saquarema agora terá a oportunidade de mostrar o potencial de suas ondas para o mundo. Foi decidido na reunião de final de ano da ASP (*Association of Surfing Professionals*) entidade suprema do esporte, que a etapa brasileira do WCT 2002 será realizada, pela primeira vez, na cidadezinha localizada a 80 quilômetros ao norte da capital do Rio de Janeiro. A cidade maravilhosa deixará, depois de 15 anos sediando as etapas dos mundiais, de ser o palco do mais importante campeonato de *surf* realizado no Brasil.

O Rio *Surf Internacional* acontecerá entre os dias 23 e 29 de outubro e só foi confirmado graças ao governo do estado do Rio de Janeiro, que se comprometeu, através de uma carta, assinada e entregue a ASP, garantir a verba de premiação para o evento. No ano passado, por pouco o campeonato não aconteceu devido à demora da prefeitura do Rio de Janeiro – uma das patrocinadoras – em liberar o dinheiro destinado ao pagamento dos surfistas.

Decidido a manter o campeonato no estado e aparentemente tentando evitar um possível conflito com a prefeitura do Rio, o governo estadual e a organização do Rio *Surf Internacional* tiveram que arrumar uma solução momentânea. “O *surf* é um patrimônio nacional. Prevaleceu o desejo de manter o evento dentro do estado do Rio, e Saquarema tem toda uma história ligada ao *surf*”, disse o governador Anthony Garotinho sobre o evento, que no ano passado foi o que mais gerou retorno de mídia no mundo, segundo a própria ASP. Extraordinariamente, o Rio *Surf Internacional* será realizado este ano no mês de outubro em virtude da Copa do Mundo de Futebol.

Segundo Leilane Barros, organizadora do evento, os surfistas se mostraram contentes com a entrada do pico no calendário do WCT. Mas a notícia da mudança foi recebida com cautela por alguns dos competidores. “Em Saquarema quebram altas ondas. Mas é difícil saber como vai ser a estreia do pico, ainda mais se não rolarem as ondas. A Barra (da Tijuca) não apresenta ondas tão boas como lá, mas na cidade do Rio de Janeiro existem muitas opções, já que agora o evento pode ser móvel. O ano passado foi um bom exemplo disso”, comentou o *Top 45* Fabinho Gouveia.

FONTE: COSTA JÚNIOR, Paulo. Saqua no circuito mundial. *Fluir*, ano 18, n. 1, jan. 2002. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 171-172.

De acordo com Cunha (2002, p. 173), “[...] A representação de outros discursos pelo jornalista revela não só adesão ao gesto do governador mas também uma estratégia de aliado ideologicamente”. A autora, a fim de melhor compreendermos a análise que faz da presença de outros discursos no texto de Costa Júnior, alerta para o fato de que, na época da notícia, Anthony Garotinho (então governador do Rio de Janeiro) “[...] é candidato à presidência da república e que a posição dele (financiando o evento) e a do jornalista (elogiando Garotinho) não podem ser neutras”. O relato da fala do governador “[...] que se comprometeu, através de uma carta, assinada e entregue a ASP, garantir a verba de premiação para o evento” e o comentário de Barros “Segundo Leilane Barros, organizadora do evento, os surfistas se mostraram contentes com o pico do calendário do WCT” são exemplos de outros textos que servem para elogiar, reforçar a posição de louvor ao gesto do governador. Desta forma, os “já ditos” vão além de atribuir credibilidade a esta notícia, eles revelam um tom apreciativo. O conhecimento da situação (apelo aos nossos conhecimentos de mundo para lembrar que Garotinho era candidato à presidência) e a presença de outros textos na notícia revelam sentidos percebidos apenas por leitores atentos.



Se você não conseguiu identificar a intertextualidade no texto de Costa Júnior, não se preocupe, daqui a pouco vamos detalhar as marcas linguísticas que auxiliam na identificação da intertextualidade.

Vamos analisar agora um texto de caráter opinativo, escrito por Lya Luft, uma semana após o dia da mulher.

Mulheres & Mulheres

Lya Luft

O assunto já está enjoando, embora a medicina tenha encontrado recentemente novos motivos para as diferenças entre masculino e feminino, ou, como dizem minhas netas de 4 anos e seu primo da mesma idade, entre meninos e meninas (para eles o pai, os tios e o avô emprestado são “meninos”, enquanto a mãe, as avós e as tias estão na categoria “meninas”).

Muito de verdadeiro ou falso se tem dito e escrito sobre a questão da mulher. Fora das culturas em que mulher vale menos do que um animal de tração, uma das lorotas é que ela foi sempre esmagada pelo troglodita brutal, traída pelo sem-vergonha, desprezada pela sociedade cruel. Nem todas. Nem sempre. Basta ler um pouco de história – não a dos livros escolares, mas alguma coisa mais bem documentada –

para ver que em todas as épocas houve mulheres realizadas, influentes política e culturalmente. Talvez não tenham sido maioria, mas homens interessantes também não são a maioria.

É verdade que mulheres sempre causaram desconforto, ou por sua postura vitimal ou por suspeitas que despertam quando não são bobas. A igreja queimou milhares como bruxas, porque conheciam ervas medicinais, por serem parteiras, portanto chegadas ao mistério da vida e da morte, outras simplesmente porque de alguma forma não se enquadravam. Acabo de ler uma boa biografia de Joana d'Arc, recheada de documentos comprovando a ignorância, a farsa, a brutalidade com que foi processada e queimada viva pela chamada Mãe Igreja. Tinha menos de 20 anos, a pobre moça que em sua aldeia chamavam de Joaninha. Pouco depois resolveram mudar tudo, e recentemente até a declararam santa. Histórias da Inquisição são de vomitar: homens, crianças, velhos e velhinhas, por qualquer motivo, eram vítimas de tortura, sangue e fogueira. Mas as mulheres, ah, essas criaturas que sangram todo mês e não morrem, com orifícios que prometem prazeres inomináveis, certamente têm parte com o Demo, e foram as vítimas preferidas. Antigamente, da Inquisição; agora ainda, em muitos casos, da fogueira do preconceito (também das próprias mulheres, diga-se de passagem).

Mas é folclore que fomos sempre submissas e sacrificadas: muitas de nossas doces avozinhas dirigiam a família com olho rápido, língua afiada e pulso firme. Mesmo em séculos passados, a mãe eventualmente detinha um poder invejável. O marido não raro a consultava no secreto do quarto sobre decisões importantes, nas propriedades rurais ela administrava a casa da cidade, fiscalizava o estudo dos filhos, negociava casamentos, cuidava do dinheiro, enquanto o marido e senhor corria com seus peões pelas vastidões do campo atrás do gado.

Houve e ainda há as maltratadas, traídas e inferiorizadas. As que não tiveram escolha, submetidas e humilhadas já pela cultura perversa em que nasceram: existem as que se acomodam por interesse, as que se acovardam por serem infantis, e acabam cobrando alto preço aos que com elas convivem. Quanto à traição masculina, muitas mulheres sabem, fingem ignorar, para assim dominarem o trapalhão através da culpa, e ao mesmo tempo serem dispensadas do chatíssimo (para elas...) dever conjugal. "Perdoam" infidelidades maritais, para ter sossego na cama, para não perder o provedor, para manter o *status* de casada, "para não desmanchar a família" (filhos manipulados como desculpa para coisas atrozés entre os pais).

Não, a mulher não foi sempre ou somente a coitadinha. Muitos homens sofrem com a silenciosa ou eloquente chantagem emocional da mulher, de quem não conseguem se separar por culpa, sentimento de responsabilidade ou mesmo simples fraqueza.

Mulher vitimal, se generalizado, é um conceito altamente hipócrita. Existem as maltratadas sem saída, as aviltadas sem socorro, as submetidas sem opção. Mas a maioria de nós nem é santa nem é boazinha e, em lugar de acusar e se queixar, pode lutar com determinação por uma vida mais plena. Isso dependerá de cada uma, de sua personalidade, suas marcas de vida, sua condição familiar, sua informação, sua neurose e sua frustração. Nas proximidades do Dia da Mulher, quero dizer que

ela dispensa elogios falsos e louvações consoladoras, porque ela não é vítima por essência, porque na nossa cultura pode construir sua vida e seu destino e escrever sua história, embora com limitações, como todos as têm. Talvez pudéssemos começar não nos pensando em primeiro lugar como “mulheres”, mas como pessoas, e como pessoas buscar respeito, espaço, trabalho, tranquilidade, alegria e amor. Masculino e feminino são secundários à essência “ser humano”: vem depois disso, nossa velhíssima e nem sempre bem contada história da guerra dos sexos.

FONTE: LUFT, Lya. Mulheres & mulheres. **Veja**, São Paulo, n. 10, p. 18, 14 mar. 2007.

Ao ler o texto de Luft, percebemos a intertextualidade tanto explícita quanto implicitamente. Não vamos explorar todas as possibilidades, apenas ilustrar algumas para reforçar que mesmo que não percebamos, os textos são perpassados pelo discurso de outrem.

A primeira ocorrência da intertextualidade é o relato da fala das netas gêmeas e do primo “[...] (para eles o pai, os tios e o avô emprestado são ‘meninos’, enquanto a mãe, as avós e as tias estão na categoria ‘meninas’)”. A seguir, “Basta ler um pouco de história [...] para ver que em todas as épocas houve mulheres realizadas, influentes política e culturalmente”. Nas duas ocorrências, é fácil percebermos que Luft acrescentou ao seu texto o texto de outrem (das netas/primo e de outras fontes não determinadas). Porém, nos trechos a seguir “Mas é folclore que fomos sempre submissas e sacrificadas” e “o marido não raro a consultava no secreto do quarto sobre decisões importantes [...]” não há qualquer indicação de que sejam de outrem, mas é possível que você já tenha os ouvido ou lido antes em algum lugar, depende das suas leituras (isto é, de seu conhecimento de mundo, enciclopédico). Por isso, é que é tão complicado notarmos a presença da intertextualidade quando ela não vem marcada.

Lembra que prometi explicar mais a respeito da intertextualidade explícita e implícita? Vamos diferenciá-las: a explícita é perceptível porque vem acompanhada da fonte de onde foi extraído o texto “[...] como ocorre no discurso relatado, nas citações e referências; nos resumos, resenhas e traduções; nas retomadas do texto do parceiro para encadear sobre ele ou questioná-lo, na conversação” (KOCH, 2003, p. 63). A implícita não traz a fonte, sendo necessário que o leitor recorra aos seus conhecimentos de mundo para atribuir sentido ao texto, “[...] como nas alusões, na paródia, em certos tipos de paráfrase e de ironia” (KOCH, 2003, p. 63). Caso o leitor não perceba, não conseguirá interpretar a significação implícita que o autor deseja passar.

AUTOATIVIDADE



Autoatividade: Agora é a sua vez! Identifique no texto de Lya Luft outras ocorrências da intertextualidade.



Para saber mais sobre a intertextualidade, leia o texto de Márcia Leite "A leitura na escola: o intertexto na escola como fator de interpretabilidade, disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_3/2215-2225.pdf>. Sugerimos também a leitura do texto de Renata da Silva de Barcellos, que fala sobre a intertextualidade e o ensino de língua portuguesa. O texto pode ser lido na íntegra em <<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/cademo09-02.html>>.

LEITURA COMPLEMENTAR



Você já percebeu, acadêmico(a), que a intertextualidade é um fator complexo de textualidade e exige um olhar aguçado, bem como o uso de nossos conhecimentos prévios. Por isso, para complementar nossos estudos sobre o tema, sugerimos a leitura do texto de Koch e Travaglia (2002) sobre intertextualidade. Esperamos que a leitura seja proveitosa e traga novas informações para a construção de seu conhecimento.

INTERTEXTUALIDADE

Outro importante fator de coerência é a intertextualidade, na medida em que, para o processamento cognitivo (produção/ recepção) de um texto, recorre-se ao conhecimento prévio de outros textos. A intertextualidade pode ser de forma ou de conteúdo.

A *intertextualidade de forma* ocorre quando o produtor de um texto repete expressões, enunciados ou trechos de outros textos, ou então o estilo de determinado autor ou de determinados gêneros de discurso. Exemplo de intertextualidade de forma pode ser detectado entre a "Canção do Exílio", de Gonçalves Dias e trechos do "Hino Nacional Brasileiro" e da "Canção do Expedicionário":

(63) Do que a terra mais garrida
Teus risonhos lindos campos têm mais flores
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida em teu seio mais amores.
(Hino Nacional Brasileiro — Letra: Osório Duque Estrada)

(64) Por mais terras que eu percorra
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá...
(Canção do Expedicionário)

Outro exemplo interessante, citado por Affonso Romano de Sant’Anna em sua obra *Paródia, Paráfrase & Cia.*, é o de um poema de Oswald de Andrade, da série “Pêro Vaz Caminha” (Oswald suprime o *de* do nome de Caminha), composto de parágrafos distintos do início da carta do escrivão da armada de Cabral ao rei D. Manoel, em que não se encontra uma só palavra do poeta:

(65) *A descoberta*
 Seguimos nosso caminho por este mar de longo
 Até a oitava Páscoa
 Topamos aves
 E houvemos vista de terra.
 [...]

Um subtipo de intertextualidade formal é a *intertextualidade tipológica*, que também é importante para o processamento adequado do texto. Como já dissemos, os conhecimentos de mundo são armazenados em nossa memória sob forma de blocos — os *modelos cognitivos globais*, entre os quais estão as *superestruturas* ou *esquemas textuais*, que são conjuntos de conhecimentos que se vão acumulando quanto aos diversos tipos de textos utilizados em dada cultura. Assim, por exemplo, de tanto ouvir contar histórias, a criança constrói seu “modelo de história”, que lhe permite reconhecer e produzir histórias, e será o ponto de partida para a construção do esquema ou da superestrutura narrativa. O mesmo vai ocorrer com relação aos outros tipos textuais. [...]

Quanto ao conteúdo, pode-se dizer que a intertextualidade é uma constante: os textos de uma mesma área do conhecimento, de uma mesma cultura, etc., dialogam, necessariamente, uns com os outros. Essa intertextualidade pode ocorrer de maneira explícita ou implícita.

No primeiro caso, o texto contém a indicação da fonte do texto primeiro, como acontece com o discurso relatado: as citações e referências no texto científico; resumos e resenhas; traduções; retomadas da fala do parceiro na conversação face a face, etc. Já no caso da intertextualidade implícita não se tem indicação da fonte, de modo que o receptor deverá ter os conhecimentos necessários para recuperá-la; do contrário, não será capaz de captar a significação implícita que o produtor pretende passar. É o caso de alguns tipos de ironia, da paródia, de certas paráfrases, etc. [...]

Não havendo indicação da fonte do texto original, caberá ao receptor, através do seu conhecimento de mundo, não só descobri-la como detectar a intenção do produtor do texto ao retomar o que foi dito por outrem. São comuns, por exemplo, textos que imitam a linguagem da Bíblia. O leitor desses textos que não conheça a Bíblia não chegará, evidentemente, a captar todas as significações pretendidas pelo autor.

As matérias jornalísticas de um mesmo dia ou de uma mesma semana — quer do mesmo jornal, quer de jornais diferentes, quer, ainda, de revistas semanais, noticiários de rádio e TV — normalmente “dialogam” entre si, ao tratarem de um fato em destaque (intertextualidade de conteúdo).

RESUMO DO TÓPICO 3

Ao final deste tópico, esperamos que você tenha entendido que:

- A intertextualidade está relacionada ao uso de outros textos em nossos textos.
- Podemos encontrar as seguintes terminologias associadas à intertextualidade: polifonia e dialogismo.
- A intertextualidade está onipresente em nossos textos.
- A intertextualidade explícita ocorre quando há indicação da fonte e a implícita quando o leitor deve recuperar a fonte em sua memória.
- A presença da intertextualidade cumpre diversos papéis no texto: dar veracidade, credibilidade ao texto, mostrar aprovação ou reprovação em relação a algum fato etc.



1 Pesquise em jornais ou revistas textos em que se percebam:

- a) duas ocorrências de intertextualidade implícita e sua função.
- b) duas ocorrências de intertextualidade explícita e sua função.

2 Leia o fragmento a seguir:

Assim não dá

Quem assistiu ao filme *A Era do Gelo* com certeza lembra do simpático esquilo, que é uma figura paralela à trama. Ele não participa da história central, tem seus próprios interesses (acumular avelãs) e nunca interage com os demais personagens. Entretanto, já na primeira cena, ele dá um espetacular exemplo de como a ação de um indivíduo pode repercutir na vida dos outros, por mais improvável que isso possa parecer a princípio. Ao tentar enterrar uma avelã, o esquilo provoca, no solo gelado, uma fissura que se alastra rapidamente. Ela sobe uma montanha dividindo-a ao meio. Então, termina por provocar o deslocamento de imensas massas de gelo, o que quase o esmaga e modifica totalmente a paisagem. (FONTE: MUSSAK, Eugenio . *Assim não dá. Você S/A*. São Paulo, ed. 110, ago. 2007).

Agora, analise as afirmações a seguir e identifique a(s) correta(s).

I- O fragmento “Quem assistiu ao filme *A Era do Gelo* com certeza lembra do simpático esquilo, que é uma figura paralela à trama.” é exemplo da ocorrência da intertextualidade no texto.

II- Ele não participa da história central, tem seus próprios interesses (acumular avelãs) e nunca interage com os demais personagens. (O pronome *ele* resgata o termo “filme”).

III- O fragmento “Entretanto, já na primeira cena, ele dá um espetacular exemplo de como a ação de um indivíduo pode repercutir na vida dos outros, por mais improvável que isso possa parecer a princípio.” introduz o ponto de vista de Eugênio Mussak.

- a) () I - II - III.
- b) () I - III.
- c) () I - II.
- d) () Apenas II.

3 Se formos capazes de perceber a inserção de outras vozes no texto e como elas contribuem para a produção de sentido, certamente vamos compreender o texto de maneira mais completa. Desta forma, leia o resumo do texto *Fazer o que se gosta*:

Para Stephen Kanitz, em seu artigo intitulado *Fazer o que se gosta*, são poucas as pessoas que podem trabalhar naquilo de que realmente gostam. Porém, para o autor, isso significa que tenhamos que viver o resto de nossas vidas insatisfeitos. Kanitz sugere que devemos aprender a gostar do que fazemos. O administrador evidencia que, se fizermos nosso trabalho com qualidade e nos aperfeiçoarmos, também alcançaremos momentos de prazer.

Acerca da intertextualidade no resumo, avalie as afirmativas a seguir:

- I- No resumo apresentado, é evidente a alusão ao texto original, elaborado por Stephen Kanitz.
- II- A intertextualidade no resumo é explícita, pois fica evidenciada a citação ao autor do texto original.
- III- “Para Stephen Kanitz”, “Kanitz sugere”, “O administrador sugere” são marcas da intertextualidade implícita.

Estão corretas:

- a) I e II.
- b) II e III.
- c) I e III.
- d) Apenas I.



Assista ao vídeo de
resolução da questão 2



FATORES DE TEXTUALIDADE – SITUACIONALIDADE, INFORMATIVIDADE, INTENCIONALIDADE E ACEITABILIDADE

1 INTRODUÇÃO

É possível que você já tenha escrito ou lido várias produções textuais para as quais foi difícil atribuir um sentido. Para esses casos, provavelmente o produtor do texto ou você não levou em conta algum dos fatores de textualidade que apresentamos nesta unidade.

Além da intertextualidade, a noção de coerência também exige que se considerem outros fatores, como a situacionalidade, a informatividade, a intencionalidade e aceitabilidade, ao atribuirmos sentido para um texto. Este tópico é dedicado ao estudo desses fatores.

2 A SITUACIONALIDADE

O fator situacionalidade afeta de forma significativa a produção/recepção do texto. É fácil compreendermos por que é tão importante levarmos em conta o contexto situacional ao escrevermos ou interpretarmos um texto, se concordamos com Beaugrande e Dressler (1981 apud KOCH; TRAVAGLIA, 2002, p. 76): “[...] a situacionalidade refere-se ao conjunto de fatores que tornam um texto **relevante para dada situação de comunicação** corrente ou passível de ser reconstituída”.

A situacionalidade deve ser analisada a partir de duas perspectivas. Vamos detalhá-las:

- a) **da situação para o texto**: nesta perspectiva, verifica-se até que ponto a situação comunicativa afeta as escolhas linguísticas, isto é, o texto é planejado/elaborado observando-se: para qual situação se destina (pública, privada...), o grau de formalidade, a variedade linguística, o tratamento a ser dado ao tema, o público-alvo, as imagens que os interlocutores fazem uns dos outros, os papéis que desempenham, seus pontos de vista, o objetivo da comunicação. Enfim, é necessário considerar todos os tópicos anteriormente descritos ao se produzir ou interpretar um texto, pois eles podem influenciar a coerência que o leitor atribuirá ao texto. É importante também esclarecermos que situação equivale tanto ao contexto imediato da interação quanto ao contexto sociopolítico-cultural em que a interação está inserida (KOCH; TRAVAGLIA, 2002, p. 85).

Se resgatarmos aqui o texto de Lya Luft, fica evidente a adequação do texto à situação comunicativa. O cuidado que a autora teve ao elaborá-lo refletiu-se primeiramente na abordagem dada ao tema (coerente com o contexto sócio-político-cultural): o texto, publicado uma semana após o dia Internacional da Mulher, trata o assunto com maturidade e discernimento sobre a condição da mulher na sociedade atualmente. Além disso, adota vocabulário adequado ao veículo de comunicação (revista *Veja*) e ao seu público-alvo. É bem provável que o texto teria outra abordagem se fosse publicado na revista *Capricho*, direcionada ao público adolescente.

b) do texto para a situação: nesta perspectiva, o texto afeta a situação comunicativa, pois o mundo textual não coincide com o mundo real. A autora do texto tem objetivos, crenças, interesses que se refletem na forma como elabora o texto, isto é, o texto apresenta resquícios do ponto de vista do autor. “Os referentes textuais não são idênticos aos do mundo real, mas são construídos no interior do texto” (KOCH; TRAVAGLIA, 2002, p. 85). Portanto, quando o leitor manusear o texto, pode haver divergências na forma como o interpretará, visto que os seus conhecimentos de mundo, suas crenças, suas intenções não são as mesmas do autor do texto. Portanto, ao ler o texto de Luft, algumas mulheres podem se sentir profundamente elogiadas. Porém, o oposto também pode ocorrer: algumas leitoras podem achar agressiva a postura de Luft.

Estas duas perspectivas indicam então que um texto pode ser adequado (coerente) para uma situação e para outra não.

Somos de opinião que, se a condição de situacionalidade não ocorre, o texto tende a parecer incoerente, porque o cálculo de seu sentido se torna difícil ou impossível. Foi a não situacionalidade que, em grande parte, levou muitos estudiosos a dizerem que certos textos eram incoerentes [...]. Depois verificou-se que textos ditos incoerentes eram perfeitamente coerentes, e faziam sentido, desde que os imaginássemos numa situação X, com determinadas características, como já foi exemplificado (KOCH; TRAVAGLIA, 2002, p. 76).

3 INFORMATIVIDADE

A informatividade está relacionada ao grau de previsibilidade das informações que aparecem no texto. Para entender esta afirmação, é necessário ter em mente que algumas informações podem ser consideradas óbvias, previsíveis pelo leitor. Neste caso, o texto terá um baixo grau de informatividade e tende a ser rejeitado ou depreciado pelo leitor. A situação oposta também pode desencadear esse comportamento, pois o leitor pode, até mesmo, avaliar o texto como incoerente, se só encontrar ali informações novas, para as quais não encontra suporte ou não consegue calcular seu sentido.

O produtor do texto, consciente deste fator, organiza as informações de maneira estratégica ao longo do texto, isto é, de acordo com sua intencionalidade

(fator que discutiremos daqui a pouco). “A informatividade exerce, assim, importante papel na seleção e arranjo de alternativas no texto, podendo facilitar ou dificultar o estabelecimento da coerência” (KOCH; TRAVAGLIA, 2002, p. 81).

Conforme a intenção (objetivo) que o produtor do texto tem em mente, ele pode apresentar uma informação (fato novo) para o leitor de diversas maneiras. Não há forma, mas uma atitude cooperativa com o leitor, se temos em mente discutir um assunto novo, é, primeiro, aproximarmos esse fato do leitor a partir daquilo que ele já conhece. Assim o(s) primeiro(s) parágrafos pode(m) trazer informação velha (baixo grau de informatividade) no texto para familiarizá-lo. Na sequência, o grau de informatividade vai se tornando crescente, porém o leitor já teve uma primeira aproximação com “o novo”. Pode ocorrer, também, conforme a intenção do produtor do texto, de a informação nova ocupar a posição inicial no texto (alto grau de informatividade) e, depois, ser aproximada do leitor. Em ambos os casos, devemos analisar para quem estamos escrevendo, qual é a situação comunicativa para a qual o texto se destina, assim podemos avaliar como distribuir a informação (nova/velha) ao longo do texto e qual será a receptividade (leia-se aceitabilidade, fator que discutiremos a seguir) do leitor.

Vamos analisar a informatividade dos fragmentos de dois textos publicitários:

O que deixa a sua vida mais completa? Seus filhos? Seus amigos? Um dia de sol? Uma viagem? Para você e para todas as suas opções, o Bradesco oferece sempre um tipo diferente de investimento. E conta com uma equipe de gerentes especializados para indicar a melhor rentabilidade, liquidez e segurança. Porque a vida só está completa quando se têm planos. Para investir, vá até uma Agência Bradesco, acesse www.bradesco.com.br ou ligue para o Fone Fácil Bradesco.

FIGURA 1 – BRADESCO INVESTIMENTOS

Invista nos seus planos.
Invista no banco completo.
Fundos, CDB e Poupança.

O que deixa a sua vida mais completa? Seus filhos? Seus amigos? Um dia de sol? Uma viagem? Para você e para todas as suas opções, o Bradesco oferece sempre um tipo diferente de investimento. E conta com uma equipe de gerentes especializados para indicar a melhor rentabilidade, liquidez e segurança. Porque a vida só está completa quando se têm planos. Para investir, vá até uma Agência Bradesco, acesse www.bradesco.com.br ou ligue para o Fone Fácil Bradesco.

Bradesco completo

Bradesco

Larissa Moreira e Gabriela de S. Silva são alunas da Fundação Bradesco.

FONTE: Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 7 dez. 2010.

Veja, o início do anúncio apela para ideias (filhos, amigos, dia de sol, viagem) que são válidas e familiares (baixo grau de informatividade) para um bom número de leitores de Veja (situação comunicativa). A seguir, apresenta o referido banco e seus serviços (informação nova) como solução para todas as opções.

A mesma estratégia, apelar para informações “esperadas, previsíveis”, ocorre no texto a seguir:

A forma como trabalhamos evoluiu e o Microsoft Office acompanhou essa evolução. Hoje, os telefones celulares e o acesso a *e-mails* via *Web* já não são suficientes. Você precisa estar conectado a qualquer hora e em qualquer lugar. Com o Office 2003 e através de um dispositivo móvel baseado em Windows, como um SmartPhone, você pode acessar os seus dados mesmo estando fora de seu ambiente de trabalho.

FIGURA 2 – MICROSOFT OFFICE



FONTE: Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 7 dez. 2010.

Aqui o anúncio inicialmente também recorre a uma ideia comum (a forma como trabalhamos evoluiu – baixa informatividade). A alusão ao *Microsoft Office*, aos telefones e aos *e-mails* também não traz nada de novo ao leitor de *Veja* (adequação à situação comunicativa). Porém, o produto anunciado (*Office 2003*)

é ofertado a um segmento mais específico do público leitor de *Veja* (informação nova), pois nem todos aqueles que fazem uso do *Microsoft Office*, telefone e *e-mails* precisam da solução anunciada. Porém, caso o anúncio fosse publicado em outro veículo, sem o cuidado de observar quem é o público-alvo, poderia resultar em pouco ou nenhum retorno para o cliente (empresa que pagou o anúncio na revista). Daí a necessidade de observarmos para quem escrevemos e com qual intenção.

As análises acima apontam que “Mas também são frequentes, tanto em textos poéticos como em textos publicitários ou manchetes jornalísticas, casos de informatividade aparentemente nula, que vai ser promovida a um grau mais alto na sequência do texto ou na matéria que a manchete encabeça [...]” (KOCH; TRAVAGLIA, 2002, p. 87).

4 INTENCIONALIDADE E ACEITABILIDADE

A intencionalidade está atrelada ao “[...] modo como os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções, produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados”, conforme sugerem Koch e Travaglia (2002, p. 97).

Para tanto, o produtor do texto deve preocupar-se em construir um texto coerente, atentando para todos os fatores de textualidade. Conforme o gênero (artigo, notícia, anúncio, resenha, resumo, bilhete, carta, *e-mail*, relatório, ata, etc.), o produtor do texto vai selecionando uma série de recursos linguísticos para que seu texto produza os efeitos desejados (convencer, informar, vender, comparar, provar, etc.). Contudo, é possível também “[...] que o produtor afrouxe propositadamente a coerência de seu texto, se quiser obter determinados efeitos, como: fazer-se passar por desmemoriado, por louco, por embriagado, etc.” (KOCH; TRAVAGLIA, 2002, p. 97).

Já a aceitabilidade “constitui a contraparte da intencionalidade [...] segundo o Princípio Cooperativo de Grice, o postulado básico que rege a comunicação humana é o da cooperação, isto é, quando duas pessoas interagem por meio da linguagem, elas se esforçam por fazer-se compreender e procuram calcular o sentido do texto do(s) interlocutor(es), partindo das pistas que ele contém e ativando seu conhecimento de mundo, da situação, etc.” (KOCH; TRAVAGLIA, 2002, p. 98). Partindo desse princípio, entendemos porque determinadas construções, ainda que aparentemente sem sentido, são perfeitamente compreensíveis para alguns leitores. Aqui podemos resgatar o exemplo do frango, comentado quando falamos a respeito da coerência. A intenção de um jornalista, ao dizer “como está o frango” para um goleiro, ao término de uma partida de futebol, não tem nenhuma relação com o preparo da ave, e você e eu sabemos bem disso. O interlocutor detecta a ironia, implícita nas palavras do jornalista, quando percebe no seu cálculo de sentido que, para tal situação (partida de futebol), não é possível relacionar a ave a seus temperos ou algo desta natureza.



Sugerimos a leitura de um artigo intitulado "Linguística formal e textual: análise dos fatores de textualidade", no qual Ademilson Dias-Ferreira analisa os fatores de textualidade em um cartum sobre a educação inclusiva. O texto na íntegra está disponível em: <<http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/2257513.pdf>>.



Para que possamos compreender melhor os fatores de textualidade que vimos neste Tópico, sugerimos a leitura do texto de Costa Val (2004). Nele, a autora fala sobre intertextualidade e informatividade, discutindo a importância do ensino da coerência textual nos diversos níveis de ensino. Boa leitura!

RESUMO DO TÓPICO 4

Neste tópico, cujo objetivo era discutir a situacionalidade, a informatividade, a intencionalidade e a aceitabilidade, percebemos que:

- A situacionalidade refere-se ao conjunto de fatores que tornam um texto relevante para dada situação de comunicação corrente ou passível de ser reconstituída.
- A situacionalidade deve ser analisada a partir de duas perspectivas: da situação para o texto e do texto para a situação.
- A informatividade está relacionada ao grau de previsibilidade das informações que aparecem no texto.
- A intencionalidade está relacionada à maneira como o autor elabora seu texto a fim de alcançar suas intenções.
- A aceitabilidade é vista como a contraparte da intencionalidade.

AUTOATIVIDADE



- 1 Caro acadêmico, procure em jornais ou revistas textos em que a intencionalidade esteja implícita (cartum, charge) e explique como a intenção que você identificou poderá ou não ser percebida pelo leitor. Verifique se algum dos outros fatores que comentamos até aqui interfere na produção de sentidos.
- 2 Faça a leitura do texto de Lya Luft (Mulheres & Mulheres) novamente e anote suas impressões a respeito de cada um dos fatores de textualidade. No encontro presencial, compare com os colegas suas impressões.

Conforme o fator de textualidade, descreva o que deve ser considerado:

Fator	Aspectos a observar
Aceitabilidade	
Situacionalidade	
Informatividade	
Intencionalidade	



Assista ao vídeo de
resolução da questão 2



MECANISMOS DE COESÃO

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir desta unidade, você será capaz de:

- reconhecer a coesão como fator que contribui para a manutenção da coerência;
- compreender os diversos mecanismos de coesão;
- empregar os diversos mecanismos de coesão;
- compreender a função dos parágrafos;
- construir parágrafos coesos e adequados à intenção comunicativa.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em quatro tópicos. Ao final de cada um deles você encontrará atividades que o(a) auxiliarão a compreender os conteúdos apresentados.

TÓPICO 1 – A COESÃO E OS MECANISMOS COESIVOS

TÓPICO 2 – A COESÃO REFERENCIAL

TÓPICO 3 – A COESÃO SEQUENCIAL

TÓPICO 4 – O PARÁGRAFO



Assista ao vídeo desta unidade.



A COESÃO E OS MECANISMOS COESIVOS

1 INTRODUÇÃO

Nos tópicos da Unidade 1, discutimos os fatores que fazem com que um texto seja considerado um texto e não um amontoado de frases. Preocupamo-nos com o planejamento que o autor deve ter ao construir seu texto. Verificamos a importância de sabermos quem é o leitor para o qual o texto se dirige, que intenção temos ao escrever, em que situação, pois esses fatores (chamados fatores de textualidade) regulam as estratégias linguísticas a serem aplicadas ao longo do texto. Assim, a Unidade 1 ofereceu-nos o cenário da produção textual.

Agora, nos tópicos da Unidade 2, vamos explorar a coesão textual. Embora faça parte dos fatores de textualidade, decidimos separá-la da Unidade 1 devido à profundidade e à extensão que o assunto requer.

Ainda na Unidade 2, reservamos também um tópico destinado à importância, função e tipologia dos parágrafos, estrutura esta fundamental para organizar o texto.

2 A COESÃO

Você já deve ter percebido que não é possível elaborarmos textos a partir de frases isoladas. Para ajudar no estabelecimento da coerência (se você não lembra deste conceito, volte à Unidade 1), é necessário que o texto produza no seu interior relações de sentido, isto é, que seja coeso. Mas, você deve estar se perguntando, o que é a coesão? A coesão, segundo Halliday e Hasan (1976, p. 4 apud KOCH, 2004, p. 16) “[...] ocorre quando a interpretação de algum elemento no discurso é dependente da de outro. Um pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro”.

Trata-se de uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro essencial para a produção de sentido. De maneira bem simples, podemos dizer que a coesão é a ligação entre uma sentença e outra precedente com o objetivo de criar textos. Conforme Beaugrande e Dressler (1981 apud KOCH, 2004, p. 16), “a coesão concerne ao modo como os componentes da superfície textual – isto é, as palavras e frases que compõem um texto – encontram-se conectadas entre si numa sequência linear, por meio de dependências de ordem gramatical”.

É importante dizermos também que coesão e coerência são fenômenos distintos. Vamos explicar: concordamos anteriormente que a coerência não vem pronta no texto (como vimos: um texto será coerente se fizer sentido para determinados interlocutores, numa determinada situação), mas é construída a partir dele. A coesão fornece as pistas para orientar o leitor na construção do sentido (explicita as relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que formam o texto), porém não é condição necessária nem suficiente para considerar que um texto seja um texto. Acredito que você compreenderá melhor a distinção entre coesão e coerência analisando os recursos disponíveis para o estabelecimento dos nexos coesivos. Vamos a eles.

3 MECANISMOS COESIVOS

Passamos, a partir de agora, a descrever os mecanismos de coesão, conforme a proposta de Halliday e Hasan (1976 apud KOCH, 2004). Inicialmente os autores sugerem cinco mecanismos de coesão: referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical e diferenciam dois tipos de **referência**: a exofórica e a endofórica.



Consideram-se "elementos de referência os itens da língua que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, mas remetem a outros itens do discurso necessários à sua interpretação" (KOCH, 2004, p. 19).

- a) **Referência exofórica**: ocorre quando a remissão é feita a algum elemento da situação comunicativa, ou seja, quando o referente está fora do texto. Veja como esse tipo de referência ocorre no fragmento a seguir, extraído do texto de Lya Luft (2007c, p. 28) "O que deixar para nossas crianças":

Aos que detestam datas marcadas, porque as consideram exploração comercial, digo que concordo em parte: explora-se a nossa burrice existencial básica, que se submete aos modismos, às propagandas, ao consumismo desvairado. [...]

Veja que **Aos que** aponta para um referente que está fora do texto, o referente neste caso é (são) o(s) próprio(s) leitor(es).

- b) **Referência endofórica**: ocorre quando o referente está expresso no próprio texto. Para estes casos, temos ainda uma outra diferenciação: se o referente vem **antes** do elemento coesivo, ocorre a **anáfora**; caso venha **após** o elemento coesivo, temos a **catáfora**.

Aos que detestam **datas marcadas**, porque **as** consideram exploração comercial, digo que concordo em parte: explora-se a nossa burrice existencial básica, que se submete aos modismos, às propagandas, ao consumismo desvairado. [...]

Veja que o referente (**datas marcadas**) vem antes do elemento coesivo (**as**), o que caracteriza um caso de anáfora. Mas, se ocorrer o contrário, como no trecho a seguir, temos a catáfora.

[...]

A mim interessam as coisas que normalmente ninguém valoriza. Porque o real está no escondido. Por **isso** escrevo: para esconjurar o avesso das coisas e da vida, de onde nos vem o medo, que impulsiona como a esperança. [...] (LUFT, 2005c, p. 18)

Observe que o elemento coesivo (**isso**) vem antes do referente (para esconjurar o avesso das coisas e da vida [...]), o que gera um caso de catáfora. Luft expõe sua razão de escrever apenas após o pronome, criando uma certa curiosidade no leitor.



Quer saber mais sobre a coesão e seus mecanismos? Sugerimos alguns sites que podem ajudá-lo(a) a complementar seus conhecimentos sobre o assunto:

- <<http://www.pucrs.br/gpt/coesao.php>>.
- <<http://www.fes.br/disciplinas/dir/lp2/8%AA%20aula%20Textualidade%20e%20coes%20o.%20doc.doc>>.
- <<http://acd.ufrj.br/~pead/tema09/mecanismosdecoesao.html>>.

LEITURA COMPLEMENTAR



Para entender melhor os mecanismos de coesão, sugerimos a leitura do texto de Koch (2004) a seguir. Com ele você compreenderá melhor a diferença entre coerência e coesão textual, bem como os mecanismos coesivos que vimos neste Tópico. Boa leitura!

COESÃO TEXTUAL: CONCEITOS E MECANISMOS

Ingedore Villaça Grunfeld Koch

[...]. Em discordância com Halliday e Hasan, para quem a coesão é uma condição necessária, embora não suficiente para a criação do texto, Marcuschi compartilha a opinião daqueles para os quais não se trata de condição necessária, nem suficiente: existem textos destituídos de recursos coesivos, mas em que “a continuidade se dá ao nível do sentido e não ao nível das relações entre os constituintes linguísticos”. Por outro lado, há textos em que ocorre “um sequenciamento coesivo de fatos isolados que permanecem isolados, e com isto não têm condições de formar uma textura”.

Tais afirmações levam à distinção entre *coesão* e *coerência*: embora muitos autores tenham desconsiderado esta distinção, hoje em dia já se tornou praticamente um consenso que se trata de noções diferentes.

Para Beaugrande e Dressler, “a coerência diz respeito ao modo como os componentes do universo textual, ou seja, *os conceitos e relações subjacentes ao texto de superfície* são mutuamente acessíveis e relevantes entre si, entrando numa configuração veiculadora de sentidos”.

A coerência, responsável pela continuidade dos sentidos no texto, não se apresenta, pois, como mero traço dos textos, mas como o resultado de uma complexa rede de fatores de ordem linguística, cognitiva e interacional. Assim, diz Marcuschi, “a simples justaposição de eventos e situações em um texto pode ativar operações que recobrem ou criam relações de coerência”.

Parece fora de dúvida que pode haver textos destituídos de elementos de coesão, mas cuja textualidade se dá no nível da coerência, como em:

Olhar fito no horizonte. Apenas o mar imenso. Nenhum sinal de vida humana. Tentativa desesperada de recordar alguma coisa. Nada.

Por outro lado, podem ocorrer sequenciamentos coesivos de enunciados que, porém, não chegam a constituir textos, por faltar-lhes a coerência. É o caso de:

O dia está bonito, pois ontem encontrei seu irmão no cinema. Não gosto de ir ao cinema. Lá passam muitos filmes divertidos.

Se é verdade que a coesão não constitui condição necessária nem suficiente para que um texto seja um texto, não é menos verdade, também, que o uso de elementos coesivos dá ao texto maior legibilidade, explicitando os tipos de relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõem. Assim, em muitos tipos de textos — científicos, didáticos, expositivos, opinativos, por exemplo — a coesão é altamente desejável, como mecanismo de manifestação superficial da coerência.

Concluindo, pode-se afirmar que o conceito de coesão textual diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual.

FONTE: Koch (2004)

RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico, você viu que:

- A coesão é a ligação entre uma sentença e outra precedente com o objetivo de criar textos.
- A coesão e coerência são fenômenos distintos.
- A coerência não vem pronta no texto, mas é construída a partir dele.
- A coesão fornece as pistas para orientar o leitor na construção do sentido (explicita as relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que formam o texto), porém, não é condição necessária, nem suficiente, para considerar que um texto seja um texto.
- Indicamos cinco mecanismos de coesão: referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical e diferenciamos dois tipos de **referência**: a exofórica e a endofórica.



1 Leia o texto a seguir e assinale a opção que dá sequência com coerência e coesão.

*Em nossos dias, a ética ressurge e se revigora em muitas áreas da sociedade industrial e pós-industrial. Ela procura novos caminhos para os cidadãos e as organizações, encarando construtivamente as inúmeras modificações que são verificadas no quadro referencial de valores. A dignidade do indivíduo passa a aferir-se pela relação deste com seus semelhantes, muito em especial com as organizações de que participa e com a própria sociedade em que está inserido. (COIMBRA, José de Ávila Aguiar. **Fronteiras da ética**. São Paulo: SENAC, 2002).*

- a) () A sociedade moderna, no entanto, proclamou sua independência em relação a esse pensamento religioso predominante.
- b) () Mesmo hoje, nem sempre são muito claros os limites entre essa moral e a ética, pois vários pensadores partem de conceitos diferentes.
- c) () Não é de estranhar, pois, que tanto a administração pública quanto a iniciativa privada estejam se ocupando de problemas éticos e suas respectivas soluções.
- d) () A ciência também produz a ignorância na medida em que as especializações caminham para fora dos grandes contextos reais, das realidades e suas respectivas soluções.
- e) () Paradoxalmente, cada avanço dos conhecimentos científicos, unidirecionais, produz mais desorientação e perplexidade na esfera das ações a implementar, para as quais se pressupõe acerto e segurança.

2 Os trechos a seguir compõem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os para que componham um texto coeso e coerente e indique a opção **correta**:

- () O primeiro desses presidentes foi Getúlio Vargas, que soube promover, com êxito, o modelo de substituição de importações e abriu o caminho da industrialização brasileira, colocando, em definitivo, um ponto final na vocação exclusivamente agrária herdada dos idos da colônia.
- () O ciclo econômico subsequente que nos surpreendeu, sem dúvida, foi a modernização conservadora levada à prática pelos militares, de forte coloração nacionalista e alicerçado nas grandes empresas estatais.
- () Hoje, depois de todo esse percurso, o Brasil é uma economia que mantém a enorme vitalidade do passado, porém, há mais de duas décadas, procura, sem encontrar, o fio para sair do labirinto da estagnação e retomar novamente o caminho do desenvolvimento e da correção dos desequilíbrios sociais, que se agravam a cada dia.

- () Com JK, o país afirmou a sua confiança na capacidade de realizar e pôde negociar em igualdade com os grandes investidores internacionais, mostrando, na prática, que oferecia rentabilidade e segurança ao capital.
- () Em mais de um século, dois presidentes e um ciclo recente da economia atraíram as atenções pelo êxito nos programas de desenvolvimento.
- () Juscelino Kubitschek veio logo depois com seu programa de 50 anos em 5, tornando a indústria automobilística uma realidade, construindo moderna infraestrutura e promovendo a arrancada de setores estratégicos, como a siderurgia, o petróleo e a energia elétrica. (KAPAZ, Emerson. Dedos cruzados. **Revista Política Democrática**, n. 6, p. 39)

- a) () 1º - 2º - 4º - 5º - 6º - 3º
- b) () 2º - 5º - 6º - 4º - 1º - 3º
- c) () 2º - 3º - 5º - 1º - 4º - 6º
- d) () 5º - 2º - 4º - 6º - 3º - 1º
- e) () 3º - 5º - 2º - 1º - 4º - 6º

3 Junte cada grupo de orações a seguir em uma só, utilizando, para eliminar as redundâncias, mecanismos coesivos.

- a) A dramática aventura começou no dia 20 de dezembro. No dia 20 de dezembro os pescadores deixaram a aldeia. Os pescadores vivem numa aldeia situada em Cabo Verde.
- b) A Capitania dos Portos mobilizou uma campanha de auxílio aos visitantes. A Capitania dos Portos conseguiu roupas e sapatos para os visitantes.
- c) Há duas correntes marítimas na região. Uma corrente marítima é a corrente marítima da Guiné. A corrente marítima da Guiné passa por Cabo Verde rumo ao sul. Outra corrente marítima é a corrente marítima Equatorial. A corrente marítima Equatorial cruza o oceano em direção ao litoral do Nordeste brasileiro.

4 Leia o fragmento abaixo:

“A gente era pequena naquele tempo. E aquele era um tempo em que ainda se apregoava nas ruas. Não em todas as ruas, mas naquela onde vivíamos. Naquela rua, que tinha por nome a data de um santo, o tempo passava mais lentamente do que no resto da cidade de Porto Alegre”.

FONTE: <<http://soumaisenem.com.br/redacao/coesao-e-coerencia/coesao-referencial>>.

Acesso em: 1º set. 2018.

No fragmento, explique o uso dos elementos de coesão em destaque:

5 Leia o texto:

Sobre os perigos da leitura

Nos tempos em que eu era professor da Unicamp, fui designado presidente da comissão encarregada da seleção dos candidatos ao doutoramento, o que é um sofrimento. Dizer esse entra, esse não entra é uma responsabilidade dolorida da qual não se sai sem sentimentos de culpa. Como, em 20 minutos de conversa, decidir sobre a vida de uma pessoa amedrontada? Mas não havia alternativas. Essa era a regra. Os candidatos amontoavam-se no corredor recordando o que haviam lido da imensa lista de livros cuja leitura era exigida. Aí tive uma ideia que julguei brilhante. Combinei com os meus colegas que faríamos a todos os candidatos uma única pergunta, a mesma pergunta. Assim, quando o candidato entrava trêmulo e se esforçando por parecer confiante, eu lhe fazia a pergunta, a mais deliciosa de todas: “Fale-nos sobre aquilo que você gostaria de falar!”. [...]

A reação dos candidatos, no entanto, não foi a esperada. Aconteceu o oposto: pânico. Foi como se esse campo, aquilo sobre o que eles gostariam de falar, lhes fosse totalmente desconhecido, um vazio imenso. Papaguear os pensamentos dos outros, tudo bem. Para isso, eles haviam sido treinados durante toda a sua carreira escolar, a partir da infância. Mas falar sobre os próprios pensamentos – ah, isso não lhes tinha sido ensinado!

Na verdade, nunca lhes havia passado pela cabeça que alguém pudesse se interessar por aquilo que estavam pensando. Nunca lhes havia passado pela cabeça que os seus pensamentos pudessem ser importantes.

FONTE: Rubem Alves. Disponível em: < <https://exercicios.brasile scola.uol.com.br/exercicios-redacao/exercicios-sobre-referenciacao.htm>>. Acesso em: 1º set. 2018.

Acerca do texto, avalie as questões abaixo:

No fragmento: “A reação dos candidatos, no entanto, não foi a esperada. Aconteceu o oposto: pânico. Foi como se esse campo, aquilo sobre o que eles gostariam de falar, lhes fosse totalmente desconhecido, um vazio imenso. Papaguear os pensamentos dos outros, tudo bem. Para isso, eles haviam sido treinados durante toda a sua carreira escolar, a partir da infância. Mas falar sobre os próprios pensamentos – ah, isso não lhes tinha sido ensinado!”

- I- O elemento coesivo lhes retoma pensamentos.
- II- O elemento coesivo lhes é um caso de referência endofórica, sob a forma de anáfora.
- III- O elemento coesivo lhes retoma candidatos.
- IV- O elemento coesivo lhes é um caso de referência exofórica.

Estão corretas:

- a) I e II.
- b) II e III.
- c) III e IV.
- d) I e IV.

No fragmento: “Nos tempos em que eu era professor da Unicamp, fui designado presidente da comissão encarregada da seleção dos candidatos ao doutoramento, o que é um sofrimento. Dizer esse entra, esse não entra é uma responsabilidade dolorida da qual não se sai sem sentimentos de culpa. Como, em 20 minutos de conversa, decidir sobre a vida de uma pessoa amedrontada?”

Em “[...] a vida de uma pessoa amedrontada” refere-se a:

- a) professor da Unicamp.
- b) presidente da comissão.
- c) candidato ao doutoramento.
- d) um caso de referência exofórica.



*Assista ao vídeo de
resolução da questão 1*



A COESÃO REFERENCIAL

1 INTRODUÇÃO

Dando continuidade à Unidade 2, neste tópico vamos abordar os casos de coesão referencial. Estão incluídas nesta categoria: as formas remissivas gramaticais presas, as formas remissivas gramaticais livres, as formas remissivas lexicais. Então, é hora de analisá-las, uma a uma.

2 COESÃO REFERENCIAL

A coesão referencial (ou remissiva) ocorre quando “[...] um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual” (KOCH, 2004, p. 31).

A coesão referencial pode ocorrer a partir de **formas remissivas gramaticais presas** (acompanham um nome) ou **formas remissivas gramaticais livres**. São exemplos de **formas presas**: os artigos, os pronomes adjetivos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos e relativos) e numerais (cardinais e ordinais) quando acompanhados de nomes. Já as formas remissivas gramaticais **livres**, envolvem: os pronomes pessoais de 3ª pessoa (retos e oblíquos) e os pronomes substantivos em geral (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos, relativos, etc.) que possuem função pronominal propriamente dita, bem como advérbios pronominais (lá, aí, ali, acima etc.).

Conforme Koch (2004), além das formas remissivas gramaticais, temos também as formas remissivas **lexicais** que fornecem tanto instruções de concordância quanto de sentido (fazem referência a algo no mundo extralinguístico). Neste grupo, também podem ser incluídos os sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos etc.

Vamos, a partir de agora, caro acadêmico, ilustrar cada uma das formas remissivas. Acompanhe-nos. Para identificar a relação entre o referente e o elemento coesivo, iremos destacá-los da seguinte maneira: o referente estará em **negrito** e o elemento coesivo, em **negrito e sublinhado**.

2.1 FORMAS REMISSIVAS GRAMATICAIS PRESAS

São aquelas que acompanham um nome, concordando com ele em gênero e/ou número.

- **Artigos definidos (o, a, os, as) e indefinidos (um, uma, uns, umas):** para estes casos, considera-se o artigo indefinido como catafórico e o definido como anafórico.

[...]

Vão mais uma vez dizer que privilegio os homens, mas essa postura, vingativa, cruel e mesquinha, é muito mais frequente nas mulheres, sobretudo nas separadas. Não somos todas **umas santas**, não somos boazinhas. **A mãe-vítima e a santa esposa** me assustam: hão de cobrar, com altos juros, todo esse sacrifício. [...] (LUFT, 2007a, p. 24).

Ao analisarmos o emprego dos artigos no fragmento acima, percebemos que a remissão via artigo indefinido (**umas santas**) só pode ocorrer por meio de um nome (sintagma nominal - SN), introduzido por um artigo definido (**a mãe-vítima** e **a santa esposa**).

Há casos, porém, em que um SN introduzido por um artigo definido pode ser retomado por outro SN também introduzido pelo artigo definido.

[...]

E que as crianças possam ter a seu lado, mais que um anjo da guarda, **a Senhora Esperança**: ela será **a melhor companheira** e **o mais precioso legado**. [...] (LUFT, 2007c, p. 24).

Neste exemplo, a Senhora Esperança é retomada por dois SN, acompanhados pelo artigo definido (**a melhor** e **o mais**).

- **Pronomes Adjetivos:** exercem a “função-artigo”, conforme Kallmeyer e colaboradores. (1974 apud KOCH, 2004). Podem funcionar como pronomes adjetivos: os demonstrativos, os possessivos, os indefinidos e os interrogativos.

- demonstrativos (este, esse, aquele, tal):

[...] Histórias da Inquisição são de vomitar: homens, crianças, velhos e velhinhas, por qualquer motivo, eram vítimas de tortura, sangue e fogueira. Mas **as mulheres**, ah, **essas criaturas** que sangram todo mês e não morrem [...] (LUFT, 2007a, p. 18).

- possessivos (meu, teu, seu, nosso, vosso, dele):

[...] Como apresentamos ao imaginário infantil a figura do nosso parceiro ou parceira? Lembro aqui a atitude infeliz de tantas **mulheres**: desabafar diante dos filhos, pequenos ou adultos, **sua raiva** e insatisfação. [...] (LUFT, 2007c, p. 24).

- indefinidos (algum, todo, outro, vários, diversos etc.):

[...] Mas todos sabem que eu sou um renomado parajornalista, e o que mais aborrece um renomado parajornalista é isto: uma trama em que **as pontas** permanecem soltas. Nos últimos tempos, a Justiça italiana finalmente conseguiu juntar **algumas dessas pontas**. [...] (MAINARDI, 2007, p. 161).

- interrogativos: quê, qual:

[...]
Nas coxias procura-se (ou procura-se ainda ocultar) **o responsável**: quem esteve por trás de tudo isso? **Que pessoa**, grupo, entidade manejava os cordéis, enganava e intimidava todo mundo e, covarde criminoso, não mostra o rosto? Quem assassinou tão meticulosamente a nossa confiança? [...] (LUFT, 2005b, p. 22).

- relativo: cujo

Assim, enquanto a saúde pública apodrece e pessoas ainda morrem nas filas do INSS ou em corredores de **hospitais cujo corpo de médicos e enfermeiras** está esgotado de trabalhar, alguém com autoridade vem nos dizer que estamos chegando quase à perfeição em matéria de saúde pública. (LUFT, 2006, p. 22).

- **Numerais Cardinais e Ordinais**: também podem desempenhar a “função-artigo”, quando acompanham um nome dentro do SN. Acompanhe, nos exemplos a seguir, o uso de numerais cardinais e ordinais, respectivamente.

[...] Pela primeira vez, um astronauta deixou uma nave para realizar consertos na parte externa de sua fuselagem. Na quarta-feira, preso pelos pés ao braço robótico da Estação Espacial Internacional, na qual o Discovery se encontrava acoplado, o americano Stephen Robinson retirou dois pedaços de 3 centímetros de comprimento do tecido isolante que fica entre as placas de revestimento térmico da nave. [...] Robinson puxou os **dois pedaços de tecido** com a mão. Um **terceiro resíduo de tecido** foi descoberto na lateral da nave, perto da escotilha, mas a Nasa concluiu que não representava risco. (VENTUROLI, 2005, p. 99).

2.2 FORMAS REMISSIVAS GRAMATICAIS LIVRES

Estas formas, ao contrário das remissivas gramaticais presas, não acompanham um nome dentro do sintagma nominal, como vimos nos exemplos anteriormente apresentados. Chamadas de “pronomes” ou de “pro-formas”, sua função é fazer remissão (via anáfora ou catáfora) a um ou mais referentes do universo textual.

Passamos, agora, a ilustrar cada uma das formas que podem funcionar como formas remissivas gramaticais livres. Mantemos o mesmo estilo (negrito/negrito e sublinhado) para você analisar como o(a) autor(a) do fragmento constrói as relações de sentido a partir dos mecanismos de coesão.

- **Pronomes pessoais de 3ª pessoa** (retos e oblíquos): guiam o leitor no estabelecimento da conexão entre o referente e o pronome. Conforme Koch (2004, p. 39): “Quando anafóricos, têm por tarefa sinalizar que as indicações referenciais das predicções sobre o pronome devem ser colocadas em relação com as indicações referenciais de um determinado grupo nominal do contexto precedente”.

[...]

Muito de verdadeiro ou de fantasioso se tem dito e escrito sobre a questão da **mulher**. Fora das culturas em que mulher vale menos do que um animal de tração, uma das lorotas é que **ela** foi sempre esmagada pelo troglodita brutal, traída pelo sem-vergonha [...]

[...]

Nas proximidades do Dia da Mulher, quero dizer que **ela** dispensa elogios falsos e louvações consoladoras, porque **ela** não é vítima por essência, porque na nossa cultura \emptyset pode construir sua vida e seu destino e \emptyset escrever sua história, embora com limitações, como todos as têm. (LUFT, 2007a, p. 18).

Veja, nos exemplos acima, como se estabelece a relação de remissão entre o pronome ela e o sintagma mulher. Além disso, o pronome vai orientando o leitor a construir (1º parágrafo) e a desconstruir (2º parágrafo) a imagem vitimal da mulher. No fragmento, há outras formas remissivas livres empregadas, as quais analisaremos a seguir.

- **Elipse:** quando ocorre a omissão de uma palavra, facilmente inferível devido ao contexto. No exemplo anterior, temos as elipses quando aparece este símbolo: Ø. Nas duas ocorrências, subentendemos, sem dificuldades, que o termo elíptico é o referente **mulher**.

- **Pronomes substantivos:**

a) **Demonstrativos**

- grupo 1 (este, esse, aquele, tal, o mesmo): concordam em gênero e número com o referente.

[...] Pensamentos valem, cheios do desejo de que a gente não seja descartável, nossa história não se anule e a covardia não impeça a **verdade**: aquela por trás das palavras ocas e dos silêncios sorrateiros. [...] (LUFT, 2005c, p. 18)

[...] Na escrita, lembrem-se, não há perigo de sotaque. Se pudéssemos dominar apenas um sistema de sinais escritos, aquele que aprendesse taquigrafia haveria de cometer mais erros de ortografia. (LUFT, 2007b, p. 18)

No último exemplo, o referente do pronome substantivo **aquele** não está presente (temos aqui um caso de referência exofórica), mas não há qualquer problema para o leitor estabelecer a referência.

Ao longo de cinco capítulos, Luft, de 68 anos, expõe suas **reflexões e perguntas, as mesmas** que pretende gerar, convencida de que “a vida não tece somente uma tela de perdas, mas nos proporciona vários ganhos”.

FONTE: LYA Luft divulga “Perdas e ganhos” na Espanha. **UOL últimas notícias**. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/2005/02/02/ult1817u2728.jhtm>>. Acesso em: 27 dez. 2007.

Neste exemplo, a remissão (anafórica) ocorre a partir do pronome substantivo **as mesmas**, que faz referência a reflexões e perguntas.

Lya Luft deixa claro que nada tem contra as cirurgias plásticas, mas contra o rumo disso tudo. “Na ambição de serem sempre jovens, as mulheres acabam perdendo o próprio rosto. São os falsos mitos da juventude para sempre. E isso também inclui a febre atual da mídia, particularmente nas revistas femininas. Só se fala como se pode ter vários orgasmos numa única noite. Só se fala em como a mulher deve agir para segurar seu homem pelo **sexo**, especialmente o oral. São fórmulas de um mundo conturbado, que foge ao afeto, distante de qualquer felicidade. Essa é outra coisa para o enlouquecimento. [...] (NOGUEIRA JUNIOR, 2007).

Ao final do fragmento, o pronome substantivo **essa** funciona como uma forma gramatical remissiva livre e resgata a supervalorização do sexo, para discuti-lo no trecho que foi omitido.

- grupo 2 (isto, isso, aquilo, o): podem remeter a fragmentos de orações, orações, enunciados ou a todo contexto anterior.

Nas proximidades do Dia da Mulher, quero dizer que ela dispensa elogios falsos e louvações consoladoras, porque ela não é vítima por essência, porque na nossa cultura pode construir sua vida e seu destino e escrever sua história, embora com **limitações**, como todos **as** têm. (LUFT, 2007a, p. 18).

No exemplo, **as** remete a um fragmento da oração anterior (**limitações**).

Imaginemos que tenho uma **teoria** sobre nutrição e que **esta** desemboca na minha dieta para emagrecer. (CASTRO, 2005a, p. 22).

No fragmento de Castro, o pronome demonstrativo **esta** remete o leitor, de forma anafórica, à teoria.

[...] Pais se endividam para comprar brinquedos e objetos caros e supérfluos para crianças que poderiam fazer coisa bem mais interessante, como jogar bola, pular corda, ler um livro, armar um quebra-cabeça, praticar esporte. **Isso** acontece na Páscoa, no Dia das Crianças, no Natal, em cada aniversário. [...] (LUFT, 2007c, p. 24).

No segundo período, **Isso** remete o leitor (via anáfora) à ideia de que os pais se endividam em todas as datas comemorativas (ideia do primeiro período). Neste caso, portanto, **Isso** remete o leitor a todo o contexto anterior.

Algo similar ocorre no fragmento a seguir, quando todo o primeiro parágrafo é retomado por **isso dito**.

Linguagens são códigos, e com eles nos comunicamos. Vivemos segundo alguns, também, na vida diária. Segundo códigos de ética que no momento são objeto de verdadeira guerra entre nós. Se de um lado andamos de cabeça mais erguida nestes dias, porque ao menos um passo foi dado e temos quatro dezenas de réus em falcatruas variadas e graves, paira ainda certo receio de que tudo seja turvado por interesses políticos e artimanhas de compadres. Mas estamos mais esperançosos de que a verdade a Justiça culpem os culpados e absolvam os inocentes.

Isso dito, vamos ao código que aqui me interessa, o da linguagem. [...] (LUFT, 2007b, p. 12).

Koch (2004, p. 41) adverte que as “formas remissas demonstrativas, tanto as do grupo 1 como as do grupo 2, podem atuar anafórica ou cataforicamente”. Portanto, fique atento ao longo dos exemplos para perceber essas ocorrências. A catáfora, diferentemente da anáfora, cria um certo clima de suspense para o leitor. Aguarde a leitura complementar.

b) **Possessivos** (o) meu, (o) teu, (o) seu, (o) nosso, (o) vosso, (o) dele.

[...]

Várias mensagens rejeitam, mais ou menos assim, uma afirmativa que eu teria feito: “O Claudio acha que os professores sem diploma de professor são melhores do que os com diploma”. Argumentam que **sua opinião** é certa e **a minha**, errada. [...] (CASTRO, 2005a, p. 22).

c) **Indefinidos** (tudo, todos, nenhum, vários, cada um, cada qual etc.)

[...] O barco afunda: **alguns ratos** já foram lançados na água, **outros** se agarram ao que sobrou com dentes, patinhas e longo rabo. [...] (LUFT, 2005b, p. 22).

d) **Interrogativos** (quê, qual, quanto etc.)

[...]

Nas coxias procura-se (ou procura-se ainda ocultar) o **responsável: quem** esteve por trás de tudo isso? Que pessoa, grupo, entidade manejava os cordéis, enganava e intimidava todo mundo e, covarde criminoso, não mostra o rosto? **Quem** assassinou tão meticulosamente a nossa confiança? [...] (LUFT, 2005b, p. 22).

e) **Relativos** (que, o qual, quem)

[...] Não é hora de falar de esquerda, direita, centro, elite ou povão, termos caducos e mofados. Falemos da grande **faxina moral, judicial, e institucional** que deve estar começando, sem **a qual** seremos meros sobreviventes. [...] (LUFT, 2005a, p. 24).

- **Numerais**

a) **Cardinais**

[...] Os dois sargentos, **Tadeu Fornazari e Maurício Koza**, estavam, respectivamente, de férias e de folga, no dia do tiroteio. **Os dois** foram até a fazenda, à paisana, usando o carro de um dos proprietários da área, Armando Lirani.

FONTE: TIROTEIO que feriu dois policiais militares no interior do Estado é investigado com rigor. **Agência Estadual de Notícias**, 27 jul. 2004. Disponível em: <<http://www.agenciadenoticias.pr.gov.br/modules/news/article.php?storyid=3660>>. Acesso em: 27 dez. 2007.

b) Ordinais

[...] O programa de exercícios adotado por George W. Bush contém pelo menos **quatro lições** para quem quer entrar em forma, mas não sabe por onde começar. **A primeira** é que nunca é tarde para investir no condicionamento físico [...] (RIBEIRO; BARELLA, 2005, p. 112)

c) Multiplicativos

Premonição 3 (Final Destination 3) - Parte do pressuposto dos dois anteriores. Um dos personagens tem a “premonição do título”, foge do local com outras pessoas, mas a “morte” continua atrás para completar sua missão. Neste caso, a premonição se dá num parque de diversões (os anteriores eram num avião e numa estrada), onde a protagonista decide comemorar a formatura com amigos. Produção de US\$ **25 milhões de dólares** (já arrecadou **o dobro** nos Estados Unidos) que faz sucesso graças ao público cativo deste gênero de filme.

FONTE: CINEMA. **Correio de Sergipe**, Aracaju, 7 jul. 2006. Disponível em: <<http://www.correiodesergipe.com/lernoticia.php?noticia=15922>>. Acesso em: 27 dez. 2007.

d) Fracionários

NAÇÕES UNIDAS (Reuters) - O Brasil, a Alemanha, o Japão e a Índia retiraram na quarta-feira o direito ao veto para os novos membros permanentes do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) em sua resolução que propõe a ampliação do organismo, que atualmente conta com 15 membros.

[...]

Após 12 anos de debates, o esboço da nova resolução circulou entre **191 membros da Assembleia Geral**, que devem votar em uma maioria de **dois terços** para ampliar o CS. O esforço recebeu um novo impulso este ano do secretário-geral da ONU, Kofi Annan, como parte de sua reforma do organismo mundial.

FONTE: LEOPOLD, Evelyn. Veto é retirado de plano para novos membros de Conselho da ONU. **UOL Últimas Notícias**. 8 jun. 2005. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/reuters/2005/06/08/ult27u49382.jhtm>>. Acesso em: 27 dez. 2007.

- Advérbios “Pronominais”: exemplo de um sistema de instruções

Como adotamos a divisão proposta por Koch (2004), repetimos aqui o título atribuído aos advérbios quando funcionam como formas remissivas (lá, aí, ali, aqui, onde).

[...]

Depois, podemos olhar para fora e imaginar **um mundo**, pelo menos **um país**, **onde** elas não tenham de presenciar espetáculos degradantes de corrupção, melancólicos jogos de interesse ou de poder. (LUFT, 2007c, p. 24)

[....]

Caso o que deveria ser rigorosíssima investigação de dinheiros mal ganhos e mal aplicados (portanto de corrupção) acabe numa ciranda geral, em que os enganadores dançam segurando o rabo do vizinho, senhores, afundaremos todos juntos **num mar morno e de odor suspeito**. De **lá** não se retorna fácil. (LUFT, 2005a, p. 24).

- Expressões adverbiais (acima, abaixo, a seguir, assim, desse modo etc.)

Essas formas podem atuar anafórica ou cataforicamente, apontando para porções maiores do texto. Vejamos como isso ocorre no fragmento de uma entrevista.

P: Como a mãe pode agir com ela até chegar a ajuda do profissional?
R: Sorrindo e fazendo gestos de aprovação, mostrando carinhosamente que está querendo ouvir o que ela tem para dizer, encorajando a criança a continuar falando. Fazer isso só com gestos: olhar encorajador, sorriso, balanço afirmativo da cabeça. Nunca falar pela criança ou completar suas palavras quando ela está disfluindo. Sempre esperar o final do discurso e responder ao seu conteúdo sem comentários sobre a forma. Isto significa nunca dizer coisas como: calma, fale devagar, respire para falar, pense e fale devagar. Isso é veneno, visto que produz o desejo de controlar algo que é automático. Agindo **desse modo**, ou seja, aceitando de todo coração 100% da fala da criança, é possível que nem seja necessária maior ajuda profissional.

FONTE: FRIEDMAN, Silvia. Gagueira: visão dialético histórica. Disponível em: <http://paginas.terra.com.br/saude/fluencia/internautas_infancia.htm>. Acesso em: 28 dez. 2007.

A expressão adverbial **desse modo** envolve todo o comportamento que a mãe deve ter quando a criança apresenta gagueira.

[...] Há pelo menos cinco opções de credenciais de cliente, embora algumas talvez não estejam disponíveis em determinados contextos.

A primeira opção é None (Nenhum), na qual o cliente é anônimo. Nesse caso, o serviço usa um certificado para assegurar a identidade do serviço ao cliente. Isso ocorre **de modo semelhante** quando você visita um *site* típico via HTTPS.

FONTE: BROWN, Keith. Segurança no Windows Communication Foundation. 25 ago. 2006. Disponível em: <<http://www.microsoft.com/brasil/msdn/Tecnologias/seguranca/SecurityBriefs.aspx>>. Acesso em: 28 dez. 2007.

No fragmento extraído do *site* da Microsoft, a expressão **de modo semelhante** aponta que o mesmo procedimento (uso de certificado para assegurar a identidade do serviço ao cliente) ocorre quando o cliente visitar um *site* típico via HTTPS.

[...]

Várias mensagens rejeitam, mais ou menos **assim**, uma afirmativa que eu teria feito: “O Claudio acha que os professores sem diploma de professor são melhores do que os com diploma”. [...] (CASTRO, 2005a, p. 22).

No caso acima, Castro transcreve uma das mensagens (que recebeu acerca de um artigo publicado anteriormente) para o leitor ter uma ideia do seu teor e a introduz a partir da expressão **assim**.

QUESTÃO 32

Os termos destacados nos fragmentos abaixo estão corretamente interpretados nos parênteses, exceto em

“O fato de ser parente de alguma autoridade não **credencia** ninguém para ocupar um cargo público.” (habilita)

“Mas é ridículo esse índice aos parentes. Cria-se uma situação **hipócrita** de deputados trocando chumbo na indicação de parentes.” (simulada)

“Há uma simplificação que merece ser mais bem ponderada nessa campanha **meritória** contra o nepotismo.” (vergonhosa)

“A partir daí, é uma simplificação perigosa **investir** contra todos os parentes de homens públicos na administração...” (posicionar-se)

FONTE: Disponível em: <<http://www.unipel.edu.br/novo/arquivos/vestibular/anteriores/Jun2005/Portugues.doc>>. Acesso em: 28 dez. 2007.

As expressões adverbiais (acima, abaixo, a seguir) são muito comuns em textos didáticos, científicos, provas etc., pois orientam e facilitam a leitura.



Não esgotamos todas as possibilidades de formas remissivas gramaticais. Se você quiser saber mais sobre o assunto, recomendo a leitura de “A coesão textual”, de Ingedore Grunfeld Villaça Koch, editora Contexto.

2.3 FORMAS REMISSIVAS LEXICAIS

Para Koch (2004) as formas remissivas lexicais trazem instruções de conexão ao leitor. Mas não é só essa sua função, tais formas designam também referentes extralinguísticos. Vejamos como isso ocorre.

- **Expressões ou grupos nominais definidos:** são grupos nominais introduzidos pelo artigo definido ou pelo demonstrativo que possuem função remissiva. Essas expressões produzem, em geral, uma ativação parcial de características do elemento de referência (KOCH, 2004).

[...] Quanto à **traição masculina**, muitas mulheres sabem, fingem ignorar, para assim dominarem **o trapalhão** através da culpa [...] (LUFT, 2007a, p. 18).

No trecho acima, é necessário que levemos em consideração todo o contexto para podermos atribuir a característica de **trapalhão** ao grupo nominal **traição masculina**.

[...]

É verdade que mulheres sempre causaram desconforto, ou por sua postura vitimal ou por suspeitas que despertam quando não são bobas. A **Igreja** queimou milhares como bruxas, porque conheciam ervas medicinais, por serem parteiras [...] Acabo de ler uma boa biografia de **Joana d’Arc**, recheada de documentos comprovando a ignorância, a farsa, a brutalidade com que foi processada e queimada viva pela chamada **Mãe Igreja**. Tinha menos de 20 anos, **a pobre moça** que em sua aldeia chamavam de Joaninha. (LUFT, 2007a, p. 18).

O fragmento acima é bastante rico para nossa compreensão acerca do uso de formas remissivas lexicais, pois a partir delas percebemos a postura de Luft em relação à igreja e a Joana d’Arc. Em Mãe Igreja o contexto deixa entrever um tom negativo (quase irônico) para com essa instituição. Já em a pobre moça, é explícita a empatia de Luft em relação a Joana d’Arc. Assim, é possível compreendermos porque “[...] a escolha das características a serem ativadas na expressão nominal definida tem valor essencialmente argumentativo” (KOCH, 2004, p. 49).

- Nominalizações

Como o próprio nome sugere, são formas nominalizadas (nomes deverbiais) usadas para remeter o leitor à predição realizada pelo verbo e argumentos da oração anterior.

Pit bull ataca mulher na zona leste de São Paulo

Uma mulher foi atacada por um cachorro da raça *pit bull* na tarde de ontem em Cidade Tiradentes (zona leste de São Paulo). [...]

Não é o primeiro registro de **ataque** de *pit bull* neste mês. No último dia 12, uma garota de 4 anos morreu depois de ser atacada por dois cães da raça *pit bull* no bairro de Mato Dentro, em Ubatuba (litoral de São Paulo).

FONTE: PIT BULL ataca mulher na zona leste de São Paulo. **FolhaOnline**, 20 ago. 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bichos/ult10006u321405.shtml>>. Acesso em: 28 dez. 2007.

Se você leu com atenção a notícia, deve ter notado a presença da nominalização (ataca – ataque).

- Expressões sinônimas ou quase sinônimas

Jean Charles de Menezes foi a vítima brasileira dos atentados terroristas de Londres. Ele não estava entre os 52 passageiros de metrô e ônibus mortos no dia 7 de julho por homens- bomba. O jovem eletricitista morreu quinze dias depois, confundido com um terrorista. [...] o mineiro de 27 anos teve uma morte brutal por uma infeliz série de coincidências e erros de julgamento da **Scotland Yard**. [...] O que fez com que **os policiais** acreditassem que Jean era um possível homem--bomba? [...] Sua aparência de **estrangeiro**? [...] (RIBEIRO; BARELLA, 2005, p. 86).

No fragmento acima, fique atento, as expressões sinônimas são estrangeiro (Jean Charles de Menezes) e Scotland Yard (os policiais).

- Nomes genéricos (ex. coisa, pessoa, fato, fenômeno)

Para estes casos, vamos resgatar alguns exemplos já usados em outros momentos. É isso mesmo, você já deve ter percebido que não exploramos todas as possibilidades, nos fragmentos, apesar de haver entre os termos nítidas relações coesivas. Não fizemos tais identificações para poder aproveitá-los em diferentes momentos e para permitir que você também possa detectar a construção de sentido entre os referentes, nas autoatividades.

Bando ataca BB de Mauriti no sétimo assalto a banco no CE

Mauriti. Quatro bandidos, armados de pistola, assaltaram, na tarde de ontem, a agência do Banco do Brasil deste Município, na Região do Cariri (a 493 quilômetros de Fortaleza). Este foi o sétimo ataque a banco ocorrido no Ceará este ano e foi o terceiro somente este mês.

O fato aconteceu no final do expediente. Os bandidos renderam funcionários e gerente sem disparar um tiro. [...]

FONTE: VICELMO, Antônio. Bando ataca BB de Mauriti no sétimo assalto a banco no CE. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 22 dez. 2007. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=497754>>. Acesso em: 28 dez. 2007.

Pit bull ataca mulher na zona leste de São Paulo

Uma mulher foi atacada por um cachorro da raça *pit bull* na tarde de ontem em Cidade Tiradentes (zona leste de São Paulo).

Não é o primeiro registro de ataque de *pit bull* neste mês. No último dia 12, uma garota de 4 anos morreu depois de ser atacada por dois cães da raça *pit bull* no bairro de Mato Dentro, em Ubatuba (litoral de São Paulo).

Apesar desses **casos** violentos, criadores defendem a raça e rebatem a fama de que seus cães são agressivos, culpando principalmente a forma como alguns são tratados por seus donos.

FONTE: PIT BULL ataca mulher na zona leste de São Paulo. **FolhaOnline**, 20 ago. 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bichos/ult10006u321405.shtml>>. Acesso em: 28 dez. 2007.

Nos dois exemplos, os nomes (fato e caso) remetem o leitor para os episódios relatados nos jornais.

- Hiperônimos ou indicadores de classe

Hiperônimos são palavras gerais usadas para designar toda uma classe de seres ou para abarcar os membros de um grupo. Voltando ao exemplo do ataque do *pit bull* e do assalto ao BB, temos a ocorrência de dois hiperônimos.

Depois do relato “Uma mulher foi atacada por um **cachorro da raça *pit bull***”, o texto prossegue com o hiperônimo **animal** que abrange o referente. O mesmo ocorre em “Mauriti. Quatro bandidos, armados de pistola, assaltaram na tarde de ontem, a agência do Banco do Brasil deste Município”, em que Mauriti já está contido no hiperônimo município.



Voltamos a insistir, não exploramos todas as formas remissivas lexicais. Portanto, recomendamos a leitura de "A coesão textual" e "Desvendando os segredos do texto", de Ingedore Grunfeld Villaça Koch. As demais obras da autora também são bastante esclarecedoras sobre a produção de sentidos no texto.

LEITURA COMPLEMENTAR



Para que você possa aprimorar os conhecimentos que construiu neste Tópico, sugerimos a leitura do texto de Bentes (2001) sobre os mecanismos de coesão. O texto, utilizando exemplos, mostra como funcionam os mecanismos de coesão, reforçando o que vimos e, ao mesmo tempo, ampliando e acrescentando informações. Esperamos que aproveite bem a leitura!

[...]

3.2. A COESÃO TEXTUAL

A. C. Bentes

Para fazer uma análise de alguns aspectos da coesão textual, escolhemos o trecho a seguir:

(19) *Quem são eles*

1. Nas mãos deles, 169 milhões de vidas, o destino de um país gigante e uma crise brutal, com risco até de congestões capazes de ferimentos profundos no regime constitucional e na tranquilidade relativa dos brasileiros.

2. Tudo foi dado a eles: o sacrifício de direitos, o sacrifício de milhões de empregos, o sacrifício de incontáveis empresas brasileiras, o sacrifício da legitimidade do Congresso, o sacrifício do patrimônio nacional, o sacrifício da Constituição. E eles quebraram o país.

3. Quem são eles? Um presidente abúlico, alheio a todas as realidades desprovidas de pompas e reverências e que só reconhece um ser humano, por acaso

ele próprio; avesso a administrar, por desconhecimento agravado pela indecisão, e que se ocupa tanto de bater papo quanto não se ocupa de trabalhar.

4. Como complemento, um ministério apenas pró-forma, desautorizado pela evidência de que não foi montado para ser competente, mas por negócio político. E nele uma equipe econômica dividida entre inseguros eternos, como Pedro Malan, e a audácia dos imaturos no saber e na mentalidade, como Gustavo Franco e Francisco Lopes.

5. Em 36 horas, entre quarta e sexta-feira, o presidente e seus orientadores econômicos submeteram o Brasil a três sistemas cambiais. O dos últimos anos; o da repentina desvalorização do real, na quarta-feira; e o recomendado na noite de quinta pelo governo americano e o FMI (como relatou o “The New York Times”), liberando o valor do dólar em relação ao real. Ou seja, desvalorizando ainda mais o real. Nem no Haiti isso aconteceu alguma vez.

6. Não é necessário, portanto, considerar o que eles fizeram em quatro anos para saber do que são capazes contra a crise perigosa. Bastam as 36 horas de obtusidade e de leviandade, com o presidente insistindo duas vezes em sair de férias a meio do turbilhão que angustiava o país. [...] (Jânio de Freitas, **Folha de S. Paulo**, 17/02/98).

A partir de agora, principalmente por questões de espaço, tentaremos fazer a análise do texto do exemplo (19), considerando alguns mecanismos de coesão utilizados pelo locutor do texto, para conseguir construir sua avaliação sobre os fatos econômicos e políticos acontecidos na semana que precedeu a publicação do artigo.

Em primeiro lugar, o locutor inicia seu texto com uma certa “estratégia de suspense”. Ele anuncia que vai falar sobre algumas pessoas (ver o título do artigo), mas não as identifica de pronto. No título, o locutor mobiliza o pronome “eles” para iniciar a construção do referente textual.

Em geral, os textos são iniciados de outra maneira, introduzindo o referente textual por meio de um nome, de um sintagma, de um fragmento de oração, uma oração, ou todo um enunciado, que, “além de fornecerem, em grande número de casos, instruções de concordância, contêm, também, instruções de sentido, isto é, fazem referência a algo no mundo extralinguístico”.

No entanto, o locutor desse texto prefere continuar com a “estratégia de suspense”. No primeiro parágrafo, as pessoas que serão tematizadas pelo texto são designadas pelo pronome “deles”, na expressão “Nas mãos deles [...]”. No início do segundo parágrafo, o locutor se refere às pessoas sobre quem vai falar por meio do pronome “eles”, no enunciado “Tudo foi dado a eles”. E finaliza esse parágrafo com o enunciado “E eles quebraram o país”.

Até aqui, portanto, o locutor utilizou-se do recurso da pronominalização para atribuir ações às pessoas de quem fala. Será apenas a partir do terceiro parágrafo que o locutor vai nos desvendar o mistério sobre a identidade do

referente textual. O locutor faz, então, a pergunta: “Quem são eles?”, e responde: “um presidente abúlico” (terceiro parágrafo); “um ministério apenas pró-forma” e “[...] e, nele, uma equipe econômica dividida entre os inseguros eternos, como Pedro Malan, e a audácia dos imaturos no saber e na mentalidade, como Gustavo Franco e Francisco Lopes” (quarto parágrafo).

Esse mecanismo é o que Koch (1989) chamará de coesão referencial: “aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outros elementos do universo textual”. No nosso exemplo, os pronomes utilizados nos dois primeiros parágrafos fazem remissão aos sintagmas e às orações dos terceiro e quarto parágrafos do texto. Como essa remissão foi feita para frente no texto, é denominada catafórica. Podemos dizer que esse texto teve um início catafórico.

A partir do quarto parágrafo, as remissões serão anafóricas: as expressões “o presidente e seus orientadores econômicos” remetem para trás, para as expressões “um presidente” e “uma equipe econômica” respectivamente. A anáfora, em geral, é um movimento de remissão mais comum, mais utilizado na construção da referência. Iniciar um texto cataforicamente é menos comum, apesar de ser um recurso argumentativo que começa a se fazer mais presente nos textos jornalísticos, como é o caso do nosso exemplo.

Do ponto de vista argumentativo, ficou bastante interessante a combinação da estratégia de suspense na construção dos referentes textuais com a atribuição de um imenso poder a este mesmo referente, pelo mecanismo sintático de apassivação, nos dois primeiros parágrafos do texto: “nas mãos deles”, estávamos todos nós e o destino de nosso país; “tudo foi dado a eles”; e a enumeração bastante enfática (pela repetição do sintagma) dos diferentes “sacrifícios” impostos por “eles”. Por último, o enunciado na voz ativa, atribuindo aos referentes uma ação da maior gravidade: “E eles quebraram o país”.

Essa combinação fez com que a revelação da identidade dos referentes textuais fosse mais marcante do ponto de vista argumentativo, já que antes desta identidade ser revelada, a ela foram acrescentadas as imagens de um poder imenso que não foi utilizado em benefício daqueles que a “eles” se entregaram.

Um outro mecanismo importante de coesão referencial presente neste texto é a definitivização. Segundo Koch (1997), uma das regras para o emprego dos artigos como formas remissivas é aquela em que um referente, ao ser introduzido por um artigo indefinido, somente pode ser retomado por um artigo definido. Coerente com a estratégia de suspense, o locutor utiliza-se ao máximo do expediente de iniciar os parágrafos com referentes introduzidos por artigos indefinidos, como, por exemplo, “[...] Um presidente...” (parágrafo 3), “[...] um ministério...” (parágrafo 4), “[...] uma equipe econômica...” (parágrafo 4), para somente, então, a partir do quinto parágrafo, começar a desvendar o “eles”: “o presidente” (parágrafos 5 e 6) e “seus orientadores econômicos” (parágrafo 5).

Poderíamos continuar falando de outros mecanismos de coesão referencial utilizados pelo locutor nos quatro primeiros parágrafos do texto: a elipse, no terceiro parágrafo: “(um presidente) alheio a todas as realidades [...]”, “(um presidente) que só reconhece um ser humano, por acaso, ele próprio [...]”, “(um presidente) avesso a administrar [...]”; a remissão catafórica (para frente) do pronome indefinido “tudo” aos diferentes “sacrifícios”, no segundo parágrafo; a remissão anafórica do pronome indefinido “isso” aos enunciados anteriores, no quinto parágrafo; a repetição do sintagma “o sacrifício”, no segundo parágrafo, a repetição da expressão nominal definida “o presidente”, entre outros. Não seguiremos adiante na enumeração dos mecanismos utilizados. O que nos interessa dizer, finalmente, sobre o mecanismo da coesão referencial é que este não é utilizado ingenuamente, estando, na maioria dos casos, a serviço dos objetivos do locutor no momento da produção de seu texto. No exemplo (19), vimos que este mecanismo apoiou fortemente a argumentação empreendida pelo locutor.

Passemos agora à análise dos mecanismos de sequenciação utilizados para a progressão do texto do exemplo (19). A progressão do texto pode ser percebida pela forma como o tema é, ao mesmo tempo, mantido e renovado. Este procedimento de manutenção temática diz respeito à articulação entre a informação dada (tema) e a informação nova (rema). No caso do exemplo (19), a sequenciação predominante é a chamada sequenciação parafrástica, ou seja, aquela com procedimentos de recorrência.

Um primeiro exemplo dessa forma de sequenciação é a recorrência de estruturas sintáticas ou o chamado “paralelismo sintático”: “[...] o sacrifício de direitos, o sacrifício de milhões de empregos, o sacrifício de incontáveis empresas brasileiras, o sacrifício da legitimidade do Congresso, o sacrifício do patrimônio nacional, o sacrifício da Constituição [...]” (segundo parágrafo). Um outro exemplo desse mesmo recurso: “(um presidente) alheio a todas as realidades [...], (um presidente) avesso a administrar” (terceiro parágrafo). A reiteração dos termos desempenha um papel fortemente argumentativo, como se a repetição das estruturas funcionasse de forma que registrasse, de maneira definitiva, na memória do leitor, as críticas feitas aos referentes textuais.

Um outro exemplo de sequenciação parafrástica é a recorrência de conteúdos semânticos ou paráfrase. No texto de Jânio de Freitas, a paráfrase é feita no final do quinto parágrafo, introduzida pela expressão “ou seja”: “[...] e o recomendado na noite de quinta-feira pelo governo americano e o FMI (como relatou “The New York Times”), liberando o valor do dólar em relação ao real. Ou seja, desvalorizando ainda mais o real”. A paráfrase aqui presente serve para reforçar o encadeamento discursivo que o locutor do texto vai estabelecer logo a seguir, introduzido pelo operador “nem”: “Nem no Haiti isso aconteceu alguma vez”.

O encadeamento discursivo estabelecido é o de conjunção, efetuado por operadores, como “é” “também”, “não só... mas também”, “tanto... como”, “além de”, “além disso”, “ainda”, “nem”, que ligam enunciados que constituem

argumentos para uma mesma conclusão. No caso de nosso exemplo, o relato feito pelo locutor, ao longo do quinto parágrafo, só servirá de reforço para o argumento de incompetência e má-gestão dos governantes ante a crise que se abateu sobre o país naquela semana. Além disso, implicitamente, coloca esta gestão em comparação com o governo do Haiti, país famoso por suas injustiças sociais, violências e instabilidade econômica.

Não tivemos a pretensão de esgotar a análise dos recursos coesivos presentes nesse texto. Apenas estivemos fazendo um exercício de observação de alguns recursos coesivos importantes, mobilizados pelo locutor na construção de sua argumentação.

FONTE: Bentes (2001, p. 245-287)



Fique tranquilo(a)! Esta leitura complementar traz mecanismos de coesão (a paráfrase, o paralelismo, os operadores argumentativos) que ainda não estudamos e que serão objeto de estudo dos próximos tópicos.

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico, você viu que:

Temos à disposição várias maneiras de estabelecer a coesão referencial ao longo do texto.

Inicialmente, abordamos a referência exofórica (remissão para algum elemento fora do texto) e a endofórica (o referente está expresso no próprio texto). Depois, passamos a detalhar as formas remissivas gramaticais, que podem ocorrer tanto via anáfora (o referente precede o item coesivo) quanto via catáfora (o referente vem após o item coesivo).

As formas remissivas gramaticais podem ser:

- Formas remissivas gramaticais presas: artigos definidos e indefinidos, pronomes adjetivos e numerais.
- Formas remissivas gramaticais livres: pronomes pessoais de 3ª pessoa, elipse, pronomes substantivos, advérbios “pronominais” e expressões adverbiais.
- Formas remissivas gramaticais lexicais: expressões ou grupos nominais definidos, nominalizações, expressões sinônimas e hiperônimos.



- 1 Verifique, nos fragmentos a seguir, os mecanismos empregados.
 - a) [...] Mas todos sabem que eu sou um renomado **parajornalista**, e o que mais aborrece um renomado **parajornalista** é isto: uma trama em que as pontas permanecem soltas. Nos últimos tempos, a Justiça italiana finalmente conseguiu juntar algumas dessas pontas. [...] (MAINARDI, 2007, p. 161).
 - b) [...] Pela primeira vez, **um astronauta** deixou uma nave para realizar consertos na parte externa de sua fuselagem. Na quarta-feira, preso pelos pés ao braço robótico da **Estação Espacial Internacional, na qual** o Discovery se encontrava acoplado, **o americano Stephen Robinson** retirou dois pedaços de 3 centímetros de comprimento do tecido isolante que fica entre as placas de revestimento térmico da nave. [...] Robinson puxou os **dois pedaços de tecido** com a mão. Um **terceiro resíduo de tecido** foi descoberto na lateral da nave, perto da escotilha, mas a Nasa concluiu que não representava risco (VENTUROLI, 2005, p. 99).
 - c) Muito de verdadeiro ou de fantasioso se tem dito e escrito sobre a questão da **mulher**. Fora das culturas em que **mulher** vale menos do que um animal de tração, uma das lorotas é que **ela** foi sempre esmagada pelo troglodita brutal, traída pelo sem-vergonha [...]. (LUFT, 2007, p. 18).
 - d) Linguagens são **códigos**, e com **eles** nos comunicamos. Vivemos segundo alguns, também, na vida diária (LUFT, 2007b, p. 12).
 - e) É verdade que mulheres sempre causaram desconforto, ou por sua postura vitimal ou por suspeitas que despertam quando não são bobas. A Igreja queimou milhares como bruxas, porque conheciam ervas medicinais, por serem parteiras [...] Acabo de ler uma boa biografia de **Joana d'Arc**, recheada de documentos comprovando a ignorância, a farsa, a brutalidade com que foi processada e queimada viva pela chamada Mãe Igreja. Tinha menos de 20 anos, **a pobre moça** que em sua aldeia chamavam de Joanhinha (LUFT, 2007a, p. 18).
 - f) Uma mulher foi atacada por **um cachorro** da raça **pit bull** na tarde de ontem em Cidade Tiradentes (zona leste de São Paulo). [...]

Apesar desses casos violentos, criadores defendem a raça e rebatem a fama de que seus **cães** são agressivos, culpando principalmente a forma como alguns são tratados por seus donos.

FONTE: PIT BULL ataca mulher na zona leste de São Paulo. **FolhaOnline**, 20 ago. 2007.
Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bichos/ult10006u321405.shtml>>. Acesso em: 28 dez. 2007.

2 No fragmento a seguir, extraído da revista *Veja*, empregue os mecanismos de coesão estudados neste tópico sempre que encontrar a repetição de sociedade inglesa e Jean Charles de Menezes. Não modifique apenas a primeira ocorrência de ambas as expressões.

A *sociedade inglesa* enfrentou o terrorismo com resignação, resistência e o sentimento de que não deveria permitir que os ataques atrapalhassem o seu dia a dia. A reação diante da morte de *Jean Charles de Menezes* é de outra ordem. A *sociedade inglesa* respirou aliviada um primeiro momento, quando a *sociedade inglesa* foi levada a pensar que a polícia tinha conseguido eliminar um terrorista prestes a detonar sua bomba numa das principais estações de metrô de Londres. A intensidade do choque causado pelo reconhecimento posterior de que a Scotland Yard tentou encobrir a morte de *Jean Charles de Menezes* suplanta, de certa forma, a indignação provocada pelos atentados de 7 de julho. À medida que se tomou conhecimento das falsificações de dados, das meias verdades e do desaparecimento das fitas de segurança, a *sociedade inglesa* começou a perceber que esse tipo de atitude por parte da *polícia* é mais prejudicial ao seu estilo de vida que o terrorismo propriamente dito. A *sociedade inglesa* concebe a existência do terror como fenômeno nefasto a ser extirpado, mas não está disposta a conviver com uma polícia que desperta desconfiança.[...]

A primeira versão posta a circular pela Scotland Yard foi a de que *Jean Charles de Menezes* deu motivos para a polícia abrir fogo. Mais tarde se descobriu tratar-se de lorota vergonhosa. [...] “A tentativa da Scotland Yard de encobrir os erros no caso *Jean Charles de Menezes* abalou mais sua credibilidade do que as falhas propriamente ditas”, disse a *VEJA* o especialista inglês Charles Shoebridge, ex-policial da força terrorista da Scotland Yard.

O delicado caso de *Jean Charles de Menezes* será um teste capital para a Comissão Independente de Queixas contra a Polícia (IPCC, na sigla em inglês), responsável pelo inquérito. [...].

A polícia informou aos investigadores que algumas câmeras do circuito fechado da estação de metrô Stockwell não registram os últimos momentos de *Jean Charles de Menezes*.

FONTE: RIBEIRO, Antônio. Um crime na consciência. *Veja*, São Paulo, n. 35, p. 76-78, 31 ago. 2005.

3 Leia o texto que segue e assinale a alternativa correta:

Quincas Borba, que não deixara de andar, parou alguns instantes.

- Queres ser meu discípulo?
- Quero.
- Bem, irás entendendo aos poucos minha filosofia; no dia em que a houveres penetrado inteiramente, ah! nesse dia terás o maior prazer da vida, porque não há vinho que embriague como a verdade. Crê-me, o Humanitismo é o

remate das cousas; e eu, que o formulei, sou o maior homem do mundo. Olha, vê como o meu bom Quincas Borba está olhando para mim? Não é ele, é Humanitas...

- Mas que Humanitas é esse?
- Humanitas é o princípio. Há nas cousas todas certa substância recôndita e idêntica, um princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível - ou, para usar a linguagem do grande Camões:

Uma verdade que nas cousas anda,
Que mora no visível e invisível.
Pois essa substância ou verdade, esse princípio indestrutível é que é Humanitas. Assim lhe chamo, porque resume o universo, e o universo é o homem. Vais entendendo?
(Machado de Assis, Quincas Borba. Cap. VI)

Observe os pronomes entre parênteses nas frases abaixo.

- (1) "...no dia em que (a) houveres penetrado..."
- (2) "...e eu, que (o) formulei ..."
- (3) "Assim (lhe) chamo..."

Esses pronomes referem-se no texto, respectivamente, a:

- () (1) vida; (2) remate; (3) homem
- () (1) verdade; (2) Humanitas; (3) verdade
- () (1) filosofia; (2) Humanitismo; (3) princípio
- () (1) filosofia; (2) Humanitismo; (3) universo.

4 Leia o texto a seguir:

O coronel recusou a sopa.

- Que é isso, Juca? Está doente?

O coronel coçou o queixo. Revirou os olhos. Quebrou um palito. Deu um estalo com a língua.

- Que é que você tem, homem de Deus?

O coronel não disse nada. Tirou uma carta do bolso de dentro. Pôs os óculos.

(Antônio de Alcântara Machado, "Notas Biográficas do Novo Deputado". In: Novelas Paulistanas)

Identifique qual das alternativas NÃO apresenta um caso de coesão via elipse.

- () O coronel coçou o queixo.
- () Revirou os olhos.
- () Quebrou um palito.
- () Deu um estalo com a língua.

5 [...] Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir a outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. (Machado de Assis, Quincas Borba. Cap. VI)

O último fragmento “A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação.” apresenta um caso de:

- () Repetição do mesmo item lexical (...é a...).
- () Paralelismo sintático (a paz é a destruição/a guerra é a conservação).
- () Sinonímia entre os termos paz e guerra.
- () Elipse (a paz, nesse caso, é a destruição).

6 Verifique nos fragmentos a seguir os mecanismos de coesão empregados.

- a) Lya Luft deixa claro que nada tem contra as cirurgias plásticas, mas contra o rumo disso tudo. “Na ambição de serem sempre jovens, as mulheres acabam perdendo o próprio rosto. São os falsos mitos da juventude para sempre. E isso também inclui a febre atual da mídia, particularmente nas revistas femininas. **Só se fala como** se pode ter vários orgasmos numa única noite. **Só se fala em como** a mulher deve agir para segurar seu homem pelo sexo, especialmente o oral. [...]”
- b) Propina, propina, propina. Eu sei que o assunto se esgotou, pode parar de bocejar. **Isso tudo** é velharia. **Isso tudo** pertence a um tempo em que a gente ainda tinha o ímpeto de espernear contra a imundície na política. O ímpeto passou. A imundície continua lá (MAINARDI, 2007, p. 161).

A COESÃO SEQUENCIAL

1 INTRODUÇÃO

O assunto refere-se à maneira como estabelecemos, à medida que o texto progride, diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas (através de procedimentos linguísticos), entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e sequências textuais). Perceber a interdependência entre as partes do texto é essencial para sua compreensão. “[...] Essa interdependência é garantida, em parte, pelo uso de diversos mecanismos de sequenciação existentes na língua e, em parte, pelo que se chama de encadeamento tópico” (WEINRICH, 1964 apud KOCH, 2006, p. 121).

Ao longo do texto, o autor do texto pode realizar a progressão textual (sequenciação) a partir de elementos recorrentes. Os procedimentos de recorrência são variados, mas, para este tópico, destacamos: reiteração de itens lexicais, paralelismos, paráfrases e recorrência de elementos fonológicos. Além da recorrência, analisamos a progressão textual a partir dos articuladores textuais. Vamos conversar a respeito deles nas próximas seções.

2 PROCEDIMENTOS DE RECORRÊNCIA

A recorrência é um procedimento utilizado pelo autor do texto para seguir com a progressão textual sem deixar de manter o vínculo com a ideia exposta, ou seja, a recorrência é uma forma de manter a informação viva na mente do leitor.

Na definição de Koch e Elias (2009, p. 159, grifo das autoras):

Há um conjunto de recursos que, mesmo fazendo o texto avançar, realizam algum tipo de **recorrência**, de modo a produzir um efeito de insistência, que temos denominado informalmente de “estratégia de ‘água mole em pedra dura’”.

Aquilo que dito fica como que ‘martelando’ na mente do leitor, tentando levá-lo a concordar com nossos argumentos. [...]

Esse procedimento pode ser: recorrência de termos, de estruturas, de conteúdos semânticos, de recursos fonológicos. Todos eles serão estudados a partir de agora.

2.1 REITERAÇÃO DE ITENS LEXICAIS (RECORRÊNCIA DE TERMOS)

A função da reiteração ou repetição é gerar no enunciado um acréscimo de sentido, que não seria possível sem a repetição do termo. Observe como isso ocorre no exemplo a seguir:

[...]

Propina, propina, propina. Eu sei que o assunto se esgotou, pode parar de bocejar. Isso tudo é velharia. Isso tudo pertence a um tempo em que a gente ainda tinha o ímpeto de espernear contra a imundície na política. O ímpeto passou. A imundície continua lá. (MAINARDI, 2007, p. 161)

Apesar da repetição (propina, propina, propina), não há uma identidade total de sentido entre os elementos. Cada um sugere novas instruções de sentido que são acrescentadas às do termo anterior (KOCH, 2004).

2.2 PARALELISMO (RECORRÊNCIA DE ESTRUTURAS)

Para este mecanismo, a progressão ocorre a partir da repetição da estrutura sintática, porém constituída de itens lexicais diferentes, veja:

[...] ‘Perdoam’ infidelidades maritais, **para ter sossego na cama, para não perder o provedor, para manter o provedor, para manter o status de casa, ‘para não desmanchar a família’** [...] (LUFT, 2007a, p. 18).

[...] **Nem tudo o que é novo é positivo, nem tudo o que é tradicional é melhor** [...] (LUFT, 2007b, p. 18).

[...]

A mim seduzem palavras e silêncios, e jeitos de olhar. [...]

A mim interessam as coisas que normalmente ninguém valoriza. [...]

(LUFT, 2005, p. 18 – falar, calar).

[...] **Nem sempre acerto o tom, nem sempre encontro as palavras,** eventualmente **magoo a quem amo** e **aliso a quem desejava censurar.** [...] (LUFT, 2005c, p. 18).

Num primeiro momento, ao lermos um texto pode ser que não percebamos, mas os paralelismos estão lá, cumprindo seu papel na progressão do texto.

2.3 PARÁFRASE (RECORRÊNCIA DE CONTEÚDOS SEMÂNTICOS)

A paráfrase ocorre no texto a partir da apresentação de um mesmo conteúdo semântico, porém sob formas estruturais diferentes e com alguma alteração de sentido.

[...]

Aos poucos, as declarações públicas de pesar dos parentes de Jean foram substituídas por acusações contra o governo inglês, inspiradas por Peirce. O risco de vincular o caso do brasileiro a essas ativistas é botar a perder o que realmente importa à família neste momento: a busca por **justiça – isto é, apuração das circunstâncias da morte e punição dos responsáveis – e indenização**. [...] (RIBEIRO; BARELLA, 2007, p. 87).

No fragmento anterior, a paráfrase é introduzida pela expressão linguística **isto é**. É importante destacar que a ocorrência desse mecanismo sequencial produz alguma alteração do conteúdo semântico, o que revela para o leitor “[...] algum ajustamento, reformulação, desenvolvimento, síntese ou precisão maior do sentido primeiro”, conforme Koch (2006, p. 122). Na matéria sobre Jean Charles de Menezes, parece-nos que a paráfrase funciona como desenvolvimento sobre o conceito de justiça. A autora também lista mais algumas expressões introdutoras de paráfrases: “ou seja, quer dizer, ou melhor, em outras palavras, em síntese, em resumo etc”.

Vejamos mais um caso de paráfrase:

[...]

As mensagens conduzem a outra interpretação paralela, mas que tampouco é otimista: os missivistas não leram com atenção o ensaio. Responderam emocionalmente ao que pensam que o autor quis dizer. Só que o autor quis dizer exatamente o que escreveu, e não o que imaginam haver dito. **Ou seja**, nossos alunos estão aprendendo a ler com alguns professores que não são capazes, eles próprios, de decifrar com rigor um texto. [...] (CASTRO, 2005a, p. 22).

2.4 RECORRÊNCIA DE RECURSOS FONOLÓGICOS

Esse mecanismo caracteriza-se pela presença de uma estrutura que permanece constante. Assim, podemos encontrar a repetição de metro, rima, assonância, aliterações etc. (KOCH, 2004).

[...] Houve e ainda há as maltratadas, traídas e inferiorizadas. As que não tiveram escolha, submetidas e humilhadas já pela cultura em que nasceram: existem **as que se acomodam por interesse, as que se acovardam por serem infantis**, e acabam cobrando alto preço aos que com elas convivem. [...] (LUFT, 2007a, p. 18).

No fragmento, temos a ocorrência de uma invariante: o uso do participípio de diversos verbos cria um efeito sonoro (-das/-dam). No último caso (-dam), também não podemos deixar de notar a presença do paralelismo (as que se acomodam, as que se acovardam).

O texto de Millôr apela para o mesmo recurso, veja:

5 A aposta (da loteria) **ficou** acumulada. A toda hora vejo isso anunciado na mídia. Uma maroteira tão flagrante quanto as mentiras nas CPIs. O jogo **melou**? Gostaria que alguém me explicasse: como um jogo em que ninguém **ganhou** obriga o pobre-diabo, que **jogou** 10 reais, a ter que jogar mais 10 pra defender o que já **botou**? (FERNANDES, 2005, p. 37).

3 ARTICULADORES TEXTUAIS

Os articuladores textuais são um recurso linguístico capaz de promover o encadeamento (também denominado de conexão) de parágrafos, períodos, orações, enunciados ou partes do texto. Funcionam como articuladores textuais (ou conectores interfrásticos): conjunções, advérbios sentenciais (ou advérbios de texto) e outras expressões capazes de estabelecer diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas (KOCH, 2004).

Caro acadêmico, espero que, ao longo de tudo que já foi dito neste Caderno, você esteja refletindo sobre como as palavras produzem diferentes sentidos dependendo da forma como são dispostas para o leitor. Na Unidade 2, temos evidenciado os mecanismos coesivos a partir de algumas classes gramaticais, porém atentos a sua capacidade de estabelecer diferentes relações entre os segmentos textuais e não preocupados com a sua classificação em si, apesar desta ser necessária para fins didáticos. Portanto, preocupe-se em verificar como as porções de texto são interdependentes e em identificar que mecanismos garantem a progressão dos sentidos e a manutenção da coerência.

Passamos, agora, a analisar algumas dessas relações semânticas.

3.1 RELAÇÕES SEMÂNTICAS



O conector analisado em cada uma das relações a seguir não é o único capaz de expressar aquela ideia, por exemplo, para exprimir a relação de condicionalidade, além do se temos caso, conquanto que...

- a) **Relação de condicionalidade:** a conexão entre duas orações ocorre a partir do conector se. Vejamos alguns exemplos desta relação.

Imaginemos que tenho uma teoria sobre nutrição e que esta desemboca na minha dieta para emagrecer. Se, pisando na balança, descubro que meu peso aumentou, posso até continuar insistindo na excelência da minha teoria e afirmando que a balança não interessa. Mas, na lógica da ciência, minha teoria está errada – salvo enguço da balança. [...] (CASTRO, 2005a, p. 22).

Antes de qualquer comentário, é preciso verificar que função o se desempenha no fragmento, pois ele pode cumprir outras funções na língua portuguesa. Confirmada a expressão da condicionalidade, como no fragmento de Castro, vamos analisar como essa ideia surge: a oração introduzida pelo conector se indaga a aprovação da teoria de Castro sobre nutrição a partir do resultado da balança. Portanto, se houve aumento de peso (antecedente), como sugere Castro, a teoria sobre nutrição não é válida (consequente), desde que a balança esteja em perfeitas condições de funcionamento, pois “[...] se o antecedente for verdadeiro, o consequente também o será”, segundo Koch (2004, p. 68). Resumidamente, temos no fragmento acima algo como: se houve aumento de peso (e a balança está funcionando corretamente), (então) a teoria sobre nutrição está errada.

- b) **Relação de causalidade:** a conexão entre duas orações sugere que uma seja a causa que conduz à consequência expressa pela outra. Vamos aos exemplos.

[...] Por causa do terror, os países ricos começam a podar a zona de tolerância que permitia aos brasileiros ganhar a vida no exterior, mesmo sem a devida papelada imigratória. [...] (RIBEIRO; BARELLA, 2007, p. 87).

[...] Como grande parte das empresas impõe o anonimato como condição para as doações (seja para escapar do imposto de renda, seja para proteger-se de acusações sobre possíveis privilégios no futuro governo), o resultado, para os partidos, é a formação de vultoso caixa dois.[...] (PEREIRA, 2005, p. 42).

c) **Relação de disjunção:** expressa pelo conector **ou**, que pode ter valor exclusivo ou inclusivo.

[...] O receio é que os jovens, usando desse recurso que tem a ver com velocidade e economia, haveriam de desaprender, **ou** nunca aprender direito, o código do próprio idioma escrito. [...] (LUFT, 2007b, p. 18).

Neste caso, que se refere ao uso da linguagem abreviada e de caráter fonético usada em mensagens de computador, percebemos que **ou** tem valor exclusivo: ou o jovem desaprende ou nunca aprende direito sua língua.

É verdade que mulheres sempre causaram desconforto, **ou** por sua postura vitimal ou por suspeitas que despertam quando não são bobas. [...] (LUFT, 2007b, p. 18).

Os dois argumentos apresentados por Luft – postura vitimal ou suspeitas que despertam quando não são bobas – ilustram bem a ideia de inclusão. Um não exclui necessariamente o outro para a mulher causar desconforto.

d) **Relação de temporalidade:** “por meio da qual, através da conexão de duas orações, localizam-se no tempo, relacionando-os [sic] uns aos outros, ações, eventos, estados de coisas do ‘mundo real’ ou a ordem em que se teve percepção ou conhecimento deles” (KOCH, 2004, p. 70).

Há vários tipos de relacionamento temporal, vejamos alguns:

- tempo simultâneo (quando, mal, nem bem, assim que, assim que, logo que, no momento que):

[...] Por que ele correu para dentro do vagão de trem, se é que correu, **quando** os policiais à paisana o mandaram parar, se é que deram mesmo essa ordem? [...] (RIBEIRO; BARELLA, 2007, p. 87).

[...] A explosão do vestido arrastando no chão, de estampado bem gritante e pouca ou nenhuma alça é a prova de que desejos ignotos habitam os guarda-roupas femininos. **Nem bem** a peça começou a ser testada e **nem bem** o verão chegou, os vestidos viraram uma febre, especialmente entre mulheres famosas, que frequentam muitas festas por força da profissão e adoraram a novidade que substituiu com frescor os habituais modelos escuros ou bordados. [...] (MING, 2005).

Na manhã desta quarta-feira, 4, policiais militares lotados na Companhia de Turismo (CPTur) prenderam o ajudante de pedreiro Cléverton Luciano de Luz Santos **no momento em que** ele tentava invadir a casa de três idosas, localizada na avenida Barão de Maruim, Centro de Aracaju. [...]

FONTE: SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA. Portal do estado de Sergipe. Homem é preso no momento em que tentava invadir casa na Barão de Maruim. 4 abr. 2007. Disponível em: <<http://www.ssp.se.gov.br/modules/news/article.php?storyid=201>>. Acesso em: 29 dez. 2007.

- tempo anterior/tempo posterior (antes que, depois que):

[...] Os tiros passaram bem perto, foi pura sorte minha não ter sido atingido”, relatou o policial. **Depois que** o bandido efetuou os disparos, o agente sacou a arma que estava na cintura e também atirou duas vezes, conseguindo baleiar Widson de Oliveira Brito, mais conhecido como Moréia. Na ação os dois homens que estavam na picape davam cobertura aos que estavam na moto.

FONTE: BANDIDOS tentam roubar viatura da Defur. **Correio da Tarde**, Natal e Mossoró, 22 ago. 2007. Disponível em: <<http://www.correiodatarde.com.br/editorias/policia-20785>>. Acesso em: 29 dez. 2007.

Cidades descubrem que o metrô deve ser feito **antes que** os gestionamentos virem rotina. [...] (NEGREIROS, 2001).

- tempo contínuo ou progressivo:

[...] **Enquanto** os Bombeiros iniciavam a operação para conter o fogo no edifício, na Avenida Beira-Mar e área próxima foi estabelecido um perímetro de isolamento. Policiais da 1ª Companhia do 5º BPM, comandados pelo tenente Albuquerque, interditaram a área, **enquanto** mais reforços eram enviados ao local. [...]

FONTE: TEMPORADA de fogo. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 29 mar. 2007. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=419119>>. Acesso em: 29 dez. 2007.

e) Relação de conformidade

[...] **Conforme** divulgou a revista Veja de sábado, os diálogos dos dois pilotos do Legacy gravados por uma das caixas pretas da aeronave indicam que os dois descobriram às 16h59, apenas dois minutos após o acidente, que viajavam com o mecanismo anticolisão desligado [...]

FONTE: Disponível em: <<http://www.achanoticias.com.br/noticia.kmf?noticia=5706114>>. Acesso em: 29 dez. 2007.

A Comissão europeia - órgão executivo da União Europeia (UE) - propôs metas de redução de CO₂ para os carros em função do peso. **De acordo com** a meta fixada pela UE em fevereiro, os carros novos vendidos na Europa em 2012 devem emitir em média 120 gramas de CO₂ por quilômetro, contra aproximadamente 160 gramas atualmente[...]

FONTE: RANDOUX, Fabrice. UE quer reduzir emissão de CO₂ de acordo com peso dos carros. **Folha Online**, 22 dez. 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ambiente/ult10007u357528.shtml>>. Acesso em: 29 dez. 2007.

3.2 RELAÇÕES ARGUMENTATIVAS

Os encadeadores argumentativos introduzem e são responsáveis pela orientação argumentativa de um enunciado. As relações que estabelecem são pragmáticas, discursivas ou argumentativas. Dentre elas, podemos destacar: conjunção, contrajunção (oposição/contraste/concessão), explicação ou justificativa, comparação, entre outras. Para que você compreenda melhor o importante papel que os operadores exercem, analise os exemplos a seguir.

- a) **conjunção**: ocorre a ligação entre enunciados que convergem para uma conclusão. São operadores deste tipo: e, também, não só...como, mas também, tanto...como, além de, além disso, ainda, nem (= e não).

[...] Portanto, tiram conclusões, assestam ataques **e** dirigem vitupérios ao que acham haver sido dito, mas que na realidade, não está escrito. [...] (CASTRO, 2005a, p. 22).

Nos últimos quinze anos, os custos das campanhas eleitorais brasileiras aumentaram em proporção extraordinária. Hoje, elas **não só** figuram entre as mais caras do mundo, **como** ultrapassam em muito os gastos com eleições na mais portentosa democracia e economia do planeta, a americana. [...] (PEREIRA, 2005, p. 42).

[...]
Mulher vitimal, se generalizado, é um conceito altamente hipócrita. Existem as maltratadas sem saída, as aviltadas sem socorro, as submetidas sem opção. Mas a maioria de nós **nem** é santa **nem** é boazinha [...] (LUFT, 2007a, p. 18).

[...] **E** não me falem em sacerdócio: o professor, ou a professora, precisa comer e dar de comer, morar e pagar moradia, transportar-se e pagar transporte, comprar remédio, respirar, viver. **Além disso**, deveria poder estudar, ler,

comprar livros, aperfeiçoar-se e descansar para enfrentar o dia a dia de uma profissão muito desgastante. (LUFT, 2007c, p. 28).

Em todos os fragmentos acima, os conectores indicam a soma (conjunção) de argumentos que orientam o leitor para uma mesma conclusão.

b) **Disjunção argumentativa:**

[...] Muito de verdadeiro **ou de fantasioso** se tem dito e escrito sobre a questão da mulher. Fora das culturas em que mulher vale menos do que um animal de tração, uma das lorotas é que ela foi sempre esmagada pelo troglodita brutal, traída pelo sem-vergonha, desprezada pela sociedade cruel. [...] (LUFT, 2007a, p. 18).

c) **Contração:** a partir dos operadores (mas, porém, contudo, todavia etc.), contrapomos enunciados de orientação argumentativa diferente, devendo prevalecer aquele introduzido pelo operador.

[...]
Muito de verdadeiro ou de fantasioso se tem dito e escrito sobre a questão da mulher. Fora das culturas em que mulher vale menos do que um animal de tração, uma das lorotas é que ela foi sempre esmagada pelo troglodita brutal, traída pelo sem-vergonha, desprezada pela sociedade cruel. Nem todas, nem sempre. Basta ler um pouco de história – não a dos livros escolares, **mas** alguma coisa mais bem documentada – para ver que em todas as épocas houve mulheres realizadas, influentes política e culturalmente. [...] (LUFT, 2007a, p. 18).

No fragmento acima, a ideia que continuará a ser explorada por Luft é a introduzida pelo operador **mas**, isto é, a de que houve sim mulheres que se destacaram como importantes figuras ao longo da história. Para tanto, a autora continua sua argumentação no texto, relatando no mesmo parágrafo a história de Joana d'Arc. Na sequência, continuando na mesma linha de argumentação, Luft lembra o papel fundamental que algumas avós cumpriram ao lado do marido:

[...] **Mas** é folclore que fomos sempre submissas e sacrificadas: muitas de nossas doces avozinhas dirigiam a família com olho rápido, língua afiada e pulso firme. [...] (LUFT, 2007a, p. 18).

Já nos casos a seguir, em que há um tipo especial de contração, a concessão (expressa por operadores como: ainda que, apesar de, contudo, embora etc.), vai prevalecer a orientação argumentativa do enunciado que não é introduzido pelo operador.

[...] Somos melhores do que se pensa, mais hábeis e mais capazes, **embora** em geral a gente não tenha nem dê essa impressão. [...] (LUFT, 2007b, p. 18).

[...]

Recebi muitos *e-mails* louvando a ideia de que era saudável olhar a evidência. **Contudo**, um número alarmante de professores, como sugerem seus *e-mails*, pensa de modo diferente. [...] (CASTRO, 2005a, p. 22).

d) **Explicação ou justificativa**: ocorre quando o segundo enunciado explica o primeiro.

[...]

É verdade que mulheres sempre causaram desconforto, ou por sua postura vitimal ou por suspeitas que despertam quando não são bobas. A Igreja queimou milhares como bruxas, **porque** conheciam ervas medicinais, por serem parteiras [...] (LUFT, 2007a, p. 18).

e) **Comparação**: para esta relação, os operadores – tanto, tal... como (quanto), mais...(do) que, menos... (do) que – estabelecem uma relação de inferioridade, superioridade ou igualdade entre os termos. Para Vogt (1977, 1980 apud KOCH, 2004, p. 74), a relação comparativa “[...] possui um caráter eminentemente argumentativo: a comparação se faz tendo em vista dada conclusão a favor ou contra a qual se pretende argumentar”.

[...]

Muito de verdadeiro ou de fantasioso se tem dito e escrito sobre a questão da mulher. Fora das culturas em que mulher vale **menos do que** um animal de tração, uma das lorotas é que ela foi sempre esmagada pelo troglodita brutal, traída pelo sem-vergonha, desprezada pela sociedade cruel.[...] (LUFT, 2007a, p. 18).

Mais uma vez recorremos a este fragmento, devido aos vários mecanismos nele empregados. A comparação estabelecida entre a mulher e um animal de tração, apresentada no segundo parágrafo do texto de Luft, já é um indício da orientação argumentativa que a autora dará ao seu artigo, a saber: a mulher, em nossa cultura, não é vítima por essência.

Temos consciência de que os tipos de relações anteriormente analisadas são complexas e de que não foi possível esgotar o assunto, como dissemos em alguns pontos deste Caderno. Entretanto, tentamos detalhá-los o suficiente para que você percebesse que tem à disposição vários mecanismos para obter a coesão textual. O bom uso dos conectores facilita a interpretação do texto e a construção

da coerência pelo leitor. Além disso, como bem adverte Koch (2004, p. 77): “O próprio uso de formas remissivas, retomando referentes do texto para se tornarem suportes de novas predicções, não deixa de contribuir para a progressão do texto, aproximando-se, pois, dos mecanismos de sequenciação parafrástica”.



Há bons livros que aprofundam as questões de coesão que acabamos de estudar neste Tópico. Sugerimos alguns deles que, temos certeza, contribuirão bastante para completar seus conhecimentos sobre esse assunto.

VIANA, Carlos Antônio. (Coord.) **Roteiro de Redação**: lendo e argumentando. São Paulo: Scipione, 2008.

KOCHE, Vanilda Salton; BOFF, Odete Maria Nenetti; PAVANI, Cinara Ferreira. **Prática textual**: atividades de leitura e escrita. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

CASTRO, Adriane Belluci Belório de et al. **Os degraus da produção textual**. São Paulo: EDUSC, 2003.

RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico, você estudou vários recursos para garantir a progressão textual. Os recursos coesivos foram assim organizados: inicialmente, verificamos alguns procedimentos de recorrência, como: reiteração de itens lexicais, paralelismo, paráfrase e recorrência de recursos fonológicos.

A seguir, passamos aos articuladores textuais, observando as relações semânticas e argumentativas. Em relação às relações semânticas, trabalhamos com os conectores de condicionalidade, causalidade, disjunção, temporalidade e conformidade. Depois, ilustramos alguns operadores argumentativos de conjunção, disjunção argumentativa, contração, explicação e comparação.

É certo que não foram discutidas todas as possibilidades de recursos para estabelecer a coesão sequencial, porém, nossa expectativa é de que o assunto tenha despertado sua curiosidade e o(a) leve a ler mais a respeito.



1 Identifique os valores transmitidos pelos articuladores sublinhados.

- a) [...] Mas todos sabem que eu sou um renomado parajornalista, e o que mais aborrece um renomado parajornalista é isto: uma trama em que as pontas permanecem soltas. Nos últimos tempos, a Justiça italiana finalmente conseguiu juntar algumas dessas pontas. [...] (MAINARDI, 2007, p. 161).
- b) [...] Na escrita, lembrem-se, não há perigo de sotaque. Se pudéssemos dominar apenas um sistema de sinais escritos, aquele que aprendesse taquigrafia haveria de cometer mais erros de ortografia (LUFT, 2007, p. 18).
- c) Linguagens são códigos, e com eles nos comunicamos. Vivemos segundo alguns, também, na vida diária. Segundo códigos de ética que no momento são objeto de verdadeira guerra entre nós. Se de um lado andamos de cabeça mais erguida nestes dias, porque ao menos um passo foi dado e temos quatro dezenas de réus em falcatruas variadas e graves, paira ainda certo receio de que tudo seja turvado por interesses políticos e artimanhas de compadres. Mas estamos mais esperançosos de que a verdade, a Justiça culpem os culpados e absolvam os inocentes (LUFT, 2007b, p. 12).
- d) [...] Como grande parte das empresas impõe o anonimato como condição para as doações (seja para escapar do imposto de renda, seja para proteger-se de acusações sobre possíveis privilégios no futuro governo), o resultado, para os partidos, é a formação de vultoso caixa dois.[...] (PEREIRA, 2005, p. 42).

2 No período:

“O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; (mas), rigorosamente, não há morte, há vida (porque) a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra [...]”

Os conectivos entre parênteses estabelecem, entre as orações, relações de sentido, respectivamente de:

- a) () modo e contraste
 b) () contraste e explicação
 c) () contraste e modo
 d) () causa e modo



Assista ao vídeo de
resolução da questão 2



3 A escolha do conectivo determina a direção que se pretende dar ao texto, pois é ele que manifesta as diferentes relações entre os enunciados. No trecho abaixo, os conectivos entre parênteses manifestam, respectivamente, as relações de:

(Segundo) o IBGE, o Brasil está dentro dos padrões globais, (e) a população idosa corresponde a 10% do total, cerca de 18 milhões de pessoas, (mas) as projeções são de que, daqui a 20 anos, esse número salte para 14,5%, aumento de quase 50%.

- a) () adição, oposição, conformidade
- b) () comparação, adição, condição
- c) () conformidade, adição, oposição
- d) () oposição, condição, comparação

4 Leia o texto que segue:

Pega na mentira

Enganar e dissimular são atitudes muito mais comuns do que gostamos de admitir. Sim, a verdade é que mentimos. Saiba por que (e como) esse hábito pode se tornar uma compulsão capaz de prejudicar a nossa vida.

Basta dar uma espiada no noticiário da televisão para ter aquela incômoda sensação de que estamos sendo enganados. Como os políticos podem mentir tanto e com tamanha desfaçatez? Qual deles está contando algo próximo da verdade, o que acusa o colega de corrupção ou aquele que jura de pés juntos que nunca teve uma conta bancária num paraíso fiscal? Mas, entre os pontos positivos nesse diz que diz de pura embromação, no teatro das CPIs a peça que está em cartaz diz muito sobre o comportamento humano e confirma algo que os psicólogos já sabem, mas não se cansam de estudar: nós todos (e não apenas os políticos) somos mentirosos por natureza.

“A enganação está em todo lugar porque ela oferece vantagens àqueles que sabem utilizá-la”, acredita o psicólogo David Smith, da Universidade de New England, nos Estados Unidos, e autor do livro *Why We Lie (Por Que Mentimos)*, que será lançado no Brasil até o final deste ano. “A mentira pode ser encontrada em qualquer lugar onde existam conflitos de interesse e seja vantajoso manipular os outros”, diz, com franqueza.



Assista ao vídeo de
resolução da questão 3



Mentir, portanto, é perfeitamente natural. Parece uma visão cínica do problema, mas a própria natureza se encarrega de confirmar isso. São inúmeros os casos de animais e plantas que dissimulam para conseguir alimento ou se livrar dos predadores. O exemplo mais conhecido é o do camaleão, cuja pele tem a valiosa capacidade de se confundir com o ambiente para enganar os seus algozes. Entre os seres humanos, claro, é tudo mais complexo. É bem verdade que usamos perfume para disfarçar o odor e as mulheres passam batom para parecer mais desejáveis. Mas também lançamos mão da linguagem, em palavras ou gestos, para enganar. “Existem dois motivos principais. Nós mentimos para parecer melhores do que realmente somos e também para evitar uma punição ou uma crítica”, afirma o psicólogo americano Jerald Jellison, da Universidade do Sul da Califórnia. A maioria dessas mentiras são coisas pequenas, como abrir aquele sorriso quando vê alguém de quem, na verdade, nem gosta. Ou mandar dizer que não está em casa quando toca o telefone. O grande problema é quando a mentira mergulha na má-fé. (Tito Montenegro).

No trecho “A enganação está em todo lugar porque ela oferece vantagens...”, as palavras **PORQUE** e **ELA**, são, respectivamente:

- a) () Um anafórico de explicação e um articulador cujo referente é “vantagens”.
- b) () Um articulador de conclusão e um anafórico cujo referente é “enganação”.
- c) () Um articulador de explicação e um anafórico cujo referente é “enganação”.
- d) () Um anafórico cujo referente é “enganação” e um articulador de explicação.

O articulador **PORTANTO**, em “Mentir, portanto, é perfeitamente natural.”, poderia ser substituído, sem alteração de sentido, por:

- a) () LOGO ou TAMBÉM
- b) () ENTÃO ou ENTRETANTO
- c) () ENTRETANTO ou NO ENTANTO
- d) () LOGO ou ASSIM

As expressões **CUJA** e **MAS TAMBÉM**, nos trechos “O exemplo mais conhecido é o do camaleão, cuja pele tem a valiosa capacidade de se confundir com o ambiente...” e “É bem verdade que usamos perfume para disfarçar o odor e as mulheres passam batom para parecer mais desejáveis. Mas também lançamos mão da linguagem, em palavras ou gestos, para enganar.”, são, respectivamente:

- a) () Um anafórico cujo referente é “exemplo” e um articulador de adição.
- b) () Um anafórico cujo referente é “camaleão” e um articulador de concessão.
- c) () Um articulador de adição e um anafórico cujo referente é “camaleão”.
- d) () Um anafórico cujo referente é “camaleão” e um articulador de adição.

Analisando a relação entre os anafóricos e os referentes relacionados abaixo, verifique qual das alternativas está incorreta:

- a) () “esse hábito” – referente: “enganar e dissimular”. (primeiro parágrafo)
- b) () “deles” – referente: “os políticos”. (segundo parágrafo)
- c) () “mentira” – referente: “enganação”. (terceiro parágrafo)
- d) () onde” – referente “Universidade de New England”. (terceiro parágrafo)

O PARÁGRAFO

1 INTRODUÇÃO

Desde que você começou a produzir textos, dos mais simples aos mais complexos, um conselho deve ter sido frequente nas orientações para fazê-los: o texto deve vir disposto em parágrafos. Logo, entender o conceito de parágrafo é nossa primeira meta. Para tanto, buscamos em alguns autores explicações para nos ajudar.

Guimarães (1990, p. 53, grifo nosso) associa a presença do parágrafo no texto ao **“esquema de raciocínio”** desenvolvido por quem elabora o texto. Ao abrir um novo parágrafo, dá-se prosseguimento a **“um novo aspecto de um tema comum”**. Faraco e Tezza (2004, p. 210, grifo nosso) sugerem que: **“o parágrafo é uma subunidade de significado na unidade maior do texto, em geral destacada graficamente do conjunto pela entrada da primeira linha”**. Para Medeiros (2004, p. 271, grifo nosso), o parágrafo é “[...] unidade do discurso que **tem em vista atingir um objetivo**”. Agora, vamos explorar esses conceitos, visto que cada um deles traz uma ideia diferente e importante em relação ao parágrafo.

Você deve ter percebido que destacamos alguns trechos acima, certo? Essas partes permitem o entendimento da função e da importância do parágrafo, pois trata-se da unidade básica para construirmos textos. Vamos repeti-las aqui, porém numa sequência que obedece à nossa meta inicial, entender o conceito de parágrafo: **“esquema de raciocínio”**, **“vista atingir um objetivo”**, **“um novo aspecto de um tema comum”**, **“subunidade de significado na unidade maior do texto”**. A fim de tentarmos uma aproximação entre essas ideias, vamos esquecer, por enquanto, a questão gráfica.

Ao escrevermos um texto, nos utilizamos da palavra. Mas colocar palavras uma ao lado da outra não forma textos (como já discutimos ao tratar da coerência na unidade 1). É preciso que estas palavras se reúnam, para constituir o conjunto frásico, o que nos leva ao nível sintático. Neste nível, temos as frases, e é com estas unidades que formarmos textos. Para alcançar o *status* de texto, as frases não podem ser dispostas de qualquer jeito, é preciso que elas sejam organizadas em parágrafos, conforme nosso **“esquema de raciocínio”**. Isto é, sempre que discorrermos sobre algum assunto, temos algum objetivo (convencer, explicar, informar, persuadir, reclamar, etc.) e, portanto, os tópicos relacionados ao assunto devem ser apresentados ao leitor de modo que este seja capaz de considerar sua organização como um texto.

Como o parágrafo é uma subunidade de significado na unidade maior do texto, seu ordenamento (mal feito) ou seu conteúdo (mal articulado) podem alterar o sentido e, conseqüentemente, prejudicar o objetivo que tínhamos em mente.

Em relação à ordem que dispomos os parágrafos, é importante lembrarmos que: se o parágrafo visa atingir um determinado objetivo, percebemos que em cada um deles vamos apresentando as etapas do raciocínio que queremos expressar para o leitor. Essas etapas constituem uma sequência lógica e não podem ser dispostas de qualquer maneira, sob pena de sermos incoerentes. Cada parágrafo carrega consigo uma determinada ideia, portanto, sua extensão e sua complexidade estão atreladas ao pensamento que estamos desenvolvendo. Em relação ao conteúdo, ao separarmos ou agruparmos ideias, é preciso saber exatamente a finalidade de cada uma, pois este processo indica a articulação (nosso processo reflexivo) e importância de cada ideia. Devem ficar no mesmo parágrafo ideias afins (independentemente do tamanho físico do parágrafo); a abertura de um novo parágrafo indica o término de uma etapa e o começo da outra.

Outra noção fundamental para continuarmos a falar sobre parágrafos é a manutenção da coerência, preocupação frequente de quem deseja escrever e ser compreendido (conforme estamos frequentemente insistindo).

A noção de coerência está profundamente ligada à forma como trabalhamos e organizamos as ideias no texto e é aí que o parágrafo é fundamental, pois é a partir dele que acrescentamos novos tópicos para o tema que exploramos no texto. Neste sentido, cada um dos parágrafos contribui para progressão e manutenção do mesmo tema e, conseqüentemente, para coerência.

Além disso, Guimarães (1990, p. 53, grifo nosso) sugere que “as diferentes partes do texto – na visão simplificadora de introdução, desenvolvimento e conclusão – corporificam-se, por conseguinte, na sequência de parágrafos, de cuja articulação resulta o conjunto **coesos** do texto.” A autora aqui reforça outro conceito: a coesão (objeto de estudo dos tópicos anteriores desta unidade), fator que auxilia a obtenção da coerência. Quando dizemos que um texto está coeso, é porque ele está harmônico, isto é, suas ideias estão bem relacionadas. Para fazer estas relações, quem escreve tem à disposição vários recursos para mostrar ao leitor as relações estabelecidas entre os elementos linguísticos. A coerência, auxiliada pela coesão e pelos fatores que já abordamos na Unidade 1, acontece quando o leitor passa de uma parte a outra do texto sem saltos, quando o texto progride, a partir da inserção de novos elementos ou do resgate de elementos sem que haja ruptura neste processo.

Há também dois aspectos importantes em relação ao parágrafo, apresentados por Faraco e Tezza (2004, p. 168-169), que merecem destaque:

a) Não existe “parágrafo padrão”, isto é, uma fórmula que sirva a qualquer tipo de texto; aqui, também, a paragrafação dependerá da intenção, do destinatário e do assunto do texto.

b) O bom domínio do parágrafo não é simplesmente uma questão técnica da escrita; a noção de parágrafo depende, de certo modo, da percepção mais ou

menos intuitiva que nós temos de uma hierarquia de ideias e de fatos, de uma organização do mundo que não se reduz a um macete ou a uma regra fixa.

Normalmente os manuais escolares definem parágrafo como um conjunto de orações que se fecham num “pensamento completo”. A definição até pode ser útil, do ponto de vista didático, mas não tem nenhum rigor - porque a própria expressão “pensamento completo” é muito vaga!

A esse respeito, leia a citação seguinte, de Mikhail Bakhtin (1981, p. 141 - Marxismo e filosofia da linguagem):

A composição sintática dos parágrafos é extremamente variada. Eles podem conter desde uma única palavra até um grande número de orações complexas. Dizer que um parágrafo deve conter a expressão de um pensamento completo não leva a nada. O que é preciso, afinal, é uma definição do ponto de vista da linguagem, e em nenhuma circunstância pode a noção de “pensamento completo” ser considerada como uma definição linguística. [...]

Penetrando mais fundo na essência linguística dos parágrafos, convencer-nos-emos de que, em certos aspectos essenciais, eles são análogos às réplicas de um diálogo. [...] Na base da divisão do discurso em partes, denominadas parágrafos na sua forma escrita, encontra-se o *ajustamento às reações previstas do ouvinte e do leitor*. Quanto mais fraco o ajustamento ao ouvinte e a consideração de suas reações, menos organizado, no que diz respeito aos parágrafos, será o discurso.

Observe a expressão: *ajustamento às reações previstas do ouvinte e do leitor*. No caso da linguagem oral, nós temos um domínio muito bom deste *ajustamento*: de acordo com o interlocutor, o assunto, a nossa intenção e nossos objetivos, normalmente *selecionamos e organizamos* informações para maior eficácia comunicativa [...]

Na escrita, a noção de parágrafo é, antes de tudo (mas não apenas!) uma noção *visual*. A *suspensão* de uma sequência de linhas, com o recomeço destacado em outra linha, por si só *cria significado*. Por isso mesmo, não deve ser uma divisão aleatória[...].

O parágrafo na redação escolar

Nossa experiência com textos escolares tem demonstrado a ocorrência de dois tipos básicos de problemas com relação ao parágrafo:

a) **ausência completa**: o texto é um bloco maciço de linhas, um “tijolaço” - muitas vezes empregando um único período - sem qualquer subdivisão gráfica;

b) **presença total**: cada oração do texto forma um parágrafo gráfico, sem que a separação se justifique por alguma divisão dos assuntos. Nesse

caso, mais uma vez, estamos diante da maldição da “redação escolar” e sua estratégia de preenchimento: fazendo mais parágrafos, chegamos antes ao final das vinte linhas do vestibular...

2 IMPORTÂNCIA VISUAL DO TEXTO

Faraco e Tezza (2004) destacam a **importância visual** do parágrafo, pois a divisão do texto em parágrafos contribui para que o leitor não se perca num amontoado de linhas. A disposição gráfica do texto influencia sua aceitabilidade. É provável que você já tenha rejeitado um texto devido ao seu aspecto estético. Veja o aviso a seguir afixado no estacionamento de um supermercado.

QUADRO 1 – AVISO DE UM ESTACIONAMENTO

ANTES	DEPOIS
<p>IMPORTANTE</p> <p>PARA FINS DE SEGURANÇA, FAVOR REMOVER TODOS OS ITENS DE VALOR VISÍVEIS (PRINCIPALMENTE RÁDIO REMOVÍVEL E CELULARES) DE SEU VEÍCULO AO ESTACIONAR. NÃO DEIXE CARTÕES DE ESTACIONAMENTO NEM CARTÕES DE ACESSO EM SEU VEÍCULO. CERTIFIQUE-SE DE QUE SEU VEÍCULO ESTEJA TRANCADO.</p>	<p>Seu carro está seguro?</p> <p>Remova itens de valor</p> <p>Tranque seu carro</p> <p>Conserve seu cartão de estacionamento</p>

FONTE: A autora

O antes e o depois do aviso sugerem que o aspecto visual é decisivo, pois no estacionamento de um supermercado a preocupação do cliente é encontrar uma vaga e fazer suas compras. Qualquer apelo visual precisa ser muito bem elaborado para captar sua atenção. Neste sentido, precisamos pensar na situação de leitura do aviso.

A primeira versão não cumpre adequadamente sua função, pois o uso da fonte em maiúsculas, a disposição do texto em bloco, o emprego de frases longas e o título (nada sugestivo) não atraem a atenção do consumidor. Já a segunda versão, elaborada com maiúsculas e minúsculas, disposta em tópicos, com um bom espaçamento entrelinhas, e um título curioso, fisga a atenção ao interrogar quem passa pelo local. Nem é preciso dizer que o conteúdo do aviso agora é bem mais adequado à situação, certo?

Os autores também ressaltam que “a aparência gráfica do texto e o próprio texto devem se adequar à intenção, ao tipo de leitor que se pretende atingir, ao assunto etc.” (FARACO; TEZZA, 2004, p. 209). Assim, percebemos como os fatores

de textualidade e o bom uso dos parágrafos são essenciais para construirmos um bom texto. Quando nos referimos aos textos escritos, temos várias possibilidades para apresentá-los ao nosso leitor, isso explica por que um texto publicitário é diferente de um texto jornalístico, por exemplo. No texto publicitário, em função do objetivo que se tem (divulgar ou vender um produto, por exemplo), o texto é mais sintético e há o apelo visual, tanto através das figuras como através das cores e formas das letras. Texto e figura não ocupam espaços aleatoriamente; sua distribuição nos diversos materiais físicos é intencional. O sentido surge, portanto, da união do verbal e do não verbal. No texto jornalístico, como a intenção é outra (informar, por exemplo), a apresentação gráfica do texto e das fotos também é bem planejada, numa atitude cooperativa com o leitor.

Para ilustrar a função do *lead*, vamos ilustrar um pouco melhor a questão visual: pense nas possíveis situações em que você lê jornal: pode ser no café da manhã ou ao passarmos por uma banca para irmos ao trabalho. São momentos que, geralmente, com pressa, apenas passamos os olhos no primeiro parágrafo do texto da notícia. Mas, se você prestar um pouco de atenção neste ato, corriqueiro e curioso, vai perceber que a leitura do primeiro parágrafo já lhe deu acesso às informações básicas do fato. E qual é a explicação para isso? Bom, é que o primeiro parágrafo de uma notícia já é escrito com a finalidade de responder as questões: o quê, quem, como, quando, onde e por quê. Depois, se quiser mais detalhes, é só prosseguir com a leitura, mas o *lead* já fez a sua parte. Ficou curioso? O *lead* é um termo do jornalismo, porém muito útil para nosso entendimento acerca da importância visual do parágrafo. *Lead* é um palavra inglesa que se refere à direção, comando, liderança, primeiro lugar. Neste sentido, podemos dizer que em primeiro lugar, ocupando o primeiro parágrafo, devem estar as informações essenciais para o leitor saber dos fatos. A foto, perto da notícia, complementa a informação verbal e oferece ainda mais informações para o leitor. Supomos que, agora, você já deve estar imaginando a questão dos fatos mais relevantes, aqueles que saem na capa dos jornais, mas isto é uma outra conversa...

Para ilustrar a função do *lead*, leia o primeiro parágrafo da notícia a seguir e, se quiser, continue até o final do texto.

DESEMPREGO SOBE PARA 8,7% EM FEVEREIRO, DIZ IBGE

A taxa de desemprego nas seis principais regiões metropolitanas do Brasil subiu para 8,7% em fevereiro, depois de ficar em 8%, no mês anterior, informou nesta quinta-feira o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Em relação a fevereiro do ano passado, porém, o índice recuou 1,2 ponto percentual.

O contingente de desocupados totalizou 2 milhões de pessoas no total das regiões pesquisadas. Isso indica elevação de 9,1% em relação a janeiro, e redução de 9,9% na comparação com fevereiro de 2007.

O número de empregados com carteira assinada ficou estável em relação a janeiro, crescendo 8,4% em relação ao constatado em fevereiro de 2007. A população ocupada somou 21,16 milhões, sem variação significativa em relação a janeiro, segundo o IBGE. Na comparação com fevereiro de 2007, houve expansão de 3,6%.

Regionalmente, na comparação mensal, somente em Belo Horizonte houve alteração na taxa de desocupação: acréscimo de 1 ponto percentual. Em relação a fevereiro de 2007, houve quedas em Belo Horizonte (1,6 ponto percentual), São Paulo (1,3 ponto percentual) e Porto Alegre (1,9 ponto percentual).

Já o rendimento médio real dos trabalhadores ocupados subiu 1,1% em relação a janeiro, chegando a R\$ 1.189,90.

[...]

Fonte: JÚNIOR, Cirilo. Desemprego sobe para 8,7% em fevereiro, diz IBGE. **Folha Online**, 26 mar. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u386283.shtml>>. Acesso em: 26 mar. 2008.

Se você leu o texto até o fim, deve ter notado que o primeiro parágrafo já trazia o essencial ao leitor em relação à notícia na íntegra, ou seja, o *lead* já era suficiente para o leitor saber que a taxa de desemprego subiu para 8,7% em fevereiro, nas principais regiões metropolitanas do Brasil, conforme o IBGE.

Agora vamos recuperar o caso do texto publicitário. Imagine em que tipo de material físico encontramos os anúncios? A lista é enorme, certo? Entretanto, vamos nos preocupar apenas com os anúncios que aparecem em revistas semanais. A lista já ficou menor, mas ainda temos várias opções, pois cada revista tem seu público-alvo, o que gera a variedade para o leitor (lembre-se de escrever requer a consideração dos fatores de textualidade, discutidos na unidade 1). Agora, se optarmos apenas pela revista *Veja*, por exemplo, nossa análise para falar dos anúncios já fica mais fácil. Trata-se de uma revista de circulação nacional, com assuntos variados, e que se destina a alguns públicos, portanto a inserção de anúncios ali requer todo um estudo em termos de quem compra a revista e em que parte dela será colocado o anúncio. Vamos explicar melhor: quem compra a revista não o faz por causa dos anúncios, isto deve lhe parecer muito óbvio, certo? Porém nesta razão, um tanto quanto óbvia, é que reside o desafio das agências de propaganda: chamar a atenção de um leitor para aquilo que não é o seu interesse inicial. Daí a importância visual do texto do anúncio, o tipo de produto, as cores e o tipo de letra, o conteúdo do texto, sua disposição. Neste sentido, é importante lembrarmos ainda que:

É aconselhável dispensar todas as palavras que dificultem a leitura, resultando em maior tempo para a decodificação da mensagem. Não porque o público-alvo/leitor seja incapaz de fazê-lo, mas porque ele lê uma revista por causa das reportagens, e não por causa dos anúncios (HOFF; GABRIELLI, 2004, p. 93) .

Nada do que vemos num anúncio foi obra do acaso. Há uma intenção muito bem definida pela agência e cliente. Pense um pouquinho: nem toda a revista traz anúncios de todo tipo de produto, nem todas as marcas anunciam na mesma revista.

Essas considerações ajudam-nos a entender por que a extensão do parágrafo é tão variável. Temos textos onde encontramos parágrafos de apenas uma linha, ou formados de apenas uma única palavra, ou ainda, ocupando uma página inteira e não há nada de errado com eles, pois sua extensão está relacionada ao objetivo que temos em mente.



Para complementar as informações sobre o parágrafo indicamos os livros:
FIGUEIREDO, Luiz Carlos. **A redação pelo parágrafo**. Brasília: Editora UnB, 1995.
SCHOCAIR, Nelson Maia. **Manual de redação: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Impetus, 2008.

Coletamos em Viana (1998, p. 75-80) algumas maneiras para você iniciar seus parágrafos. Na sequência, a partir de Medeiros (2004, p. 271-275), apresentamos alguns exemplos para você desenvolver seus parágrafos. Boa leitura!

LEITURA COMPLEMENTAR

2. Definição (tema: o mito)

O mito, entre os povos primitivos, é uma forma de se situar no mundo, isto é, de encontrar o seu lugar entre os demais seres da natureza. É um modo ingênuo, fantasioso, anterior a toda reflexão e não crítico de estabelecer algumas verdades que não só explicam parte dos fenômenos naturais ou mesmo a construção cultural, mas que dão, também, as formas da ação humana.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1992. p. 62.

A definição é uma forma simples e muito usada em parágrafos-chave, sobretudo em textos dissertativos. Pode ocupar só a primeira frase ou todo o primeiro parágrafo.

3. Divisão (tema: exclusão social)

Predominam ainda no Brasil duas convicções errôneas sobre o problema da exclusão social: a de que ela deve ser enfrentada apenas pelo poder público e a de que sua superação envolve muitos recursos e esforços extraordinários. Experiências relatadas nesta *Folha* mostram que o combate à marginalidade social em Nova York vem contando com intensivos esforços do poder público e ampla participação da iniciativa privada.

Folha de S.Paulo, 17 dez. 1996.

Ao dizer que há duas convicções errôneas, fica logo clara a direção que o parágrafo vai tomar. O autor terá de explicitá-las na frase seguinte.

4. Oposição (tema: a educação no Brasil)

De um lado, professores mal pagos, desestimulados, esquecidos pelo governo. De outro, gastos excessivos com computadores, antenas parabólicas, aparelhos de videocassete. É este o paradoxo que vive hoje a educação no Brasil.

As duas primeiras frases criam uma oposição (*de um lado, de outro*) que estabelecerá o rumo da argumentação.

5. Alusão histórica (tema: globalização)

Após a queda do Muro de Berlim, acabaram-se os antagonismos leste-oeste e o mundo parece ter aberto de vez as portas para a globalização. As fronteiras foram derrubadas e a economia entrou em rota acelerada de competição.

O conhecimento dos principais fatos históricos ajuda a iniciar um texto. O leitor é situado no tempo e pode ter uma melhor dimensão do problema.

6. Uma pergunta (tema: a saúde no Brasil)

Será que é com novos impostos que a saúde melhorará no Brasil? Os contribuintes já estão cansados de tirar dinheiro do bolso para tapar um buraco que parece não ter fim. A cada ano, somos lesados por novos impostos para alimentar um sistema que só parece piorar.

A pergunta não é respondida de imediato. Ela serve para despertar a atenção do leitor para o tema e será respondida ao longo da argumentação.

7. Uma frase nominal seguida de explicação (tema: a educação no Brasil)

Uma tragédia. Essa é a conclusão da própria Secretaria de Avaliação e Informação Educacional do Ministério da Educação e Cultura sobre o desempenho dos alunos do 3º ano do 2º grau submetidos ao Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica), que ainda avaliou estudantes da 4ª série e da 8ª série do 1º grau em todas as regiões do território nacional.

Folha de S.Paulo, 27 nov. 1996.

A palavra *tragédia* é explicada logo depois, retomada por *essa é a conclusão*.

9. Citação (tema: política demográfica)

“As pessoas chegam ao ponto de uma criança morrer e os pais não chorarem mais, trazerem a criança, jogarem num bolo de mortos, virarem as costas e irem embora.” O comentário, do fotógrafo Sebastião Salgado, falando sobre o que viu em Ruanda, é um acicate no estado de letargia ética que domina algumas nações do Primeiro Mundo.

DI FRANCO, Carlos Alberto. *Jornalismo, ética e qualidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. p. 73.

A citação inicial facilita a continuidade do texto, pois ela é retomada pela palavra *comentário* da segunda frase.

11. Exposição de ponto de vista oposto (tema: o provão)

O ministro da Educação se esforça para convencer de que o provão é fundamental para a melhoria da qualidade do ensino superior. Para isso, vem ocupando generosos espaços na mídia e fazendo milionária campanha publicitária, ensinando como gastar mal o dinheiro que deveria ser investido na educação.

SILVA JÚNIOR, Orlando; SILVA, Eder Roberto. *Folha de S.Paulo*, São Paulo: 5 nov. 1996.

Ao começar o texto com a opinião contrária, delinea-se, de imediato, qual a posição dos autores. Seu objetivo será refutar os argumentos do opositor, numa espécie de contra-argumentação.

12. Comparação (tema: reforma agrária)

O tema da reforma agrária está presente há bastante tempo nas discussões sobre os problemas mais graves que afetam o Brasil. Numa comparação entre o movimento pela abolição da escravidão no Brasil, no final do século passado e, atualmente, o movimento pela reforma agrária, podemos perceber algumas semelhanças. Como na época da abolição da escravidão existiam elementos favoráveis e contrários a ela, também hoje há os que são a favor e os que são contra a implantação da reforma agrária no Brasil.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. *Introdução à sociologia*. São Paulo: Ática, 1991. p. 101.

Para introduzir o tema da reforma agrária, o autor comparou a sociedade de hoje com a do final do século XIX, mostrando a semelhança de comportamento entre elas.

13. Retomada de um provérbio (tema: mídia e tecnologia)

O corriqueiro adágio de que o pior cego é o que não quer ver se aplica com perfeição na análise sobre o atual estágio da mídia: desconhecer ou tentar ignorar os incríveis avanços tecnológicos de nossos dias, e supor que eles não terão reflexos profundos no futuro dos jornais é simplesmente impossível.

SIROTSKY, Jayme. *Folha de S.Paulo*, São Paulo: 5 dez. 1995.

Sempre que você usar esse recurso, não escreva o provérbio simplesmente. Faça um comentário sobre ele para quebrar a ideia de lugar-comum que todos eles trazem. No exemplo acima, o autor diz “o corriqueiro adágio” e assim demonstra que está consciente de que está partindo de algo por demais conhecido.

Agora, veja como você pode desenvolver seus parágrafos, empregando as possibilidades sugeridas por Medeiros.

4.2 Desenvolvimento do parágrafo explorando características temporais

“A retórica ou arte de bem falar não é muito prestigiada atualmente. Na sua origem (que remonta ao século V a.C.), consistia num conjunto de técnicas destinadas a reger a organização do discurso, segundo os objetivos a serem atingidos. Era um meio de chegar ao domínio da linguagem verbal. Além disso, a abordagem de

tais técnicas levava a estudar a linguagem e seus componentes e a fazer disso um objeto de ciência. Infelizmente, a retórica confundiu rapidamente seus fins e seus meios. Reduziu-se a uma técnica de ornamentação do discurso, exagerando as sutilezas nas distinções das figuras. Depois de ter sido objeto de ensino prático da linguagem e da ciência, contribuiu para esclerosar a eloquência e sufocar o discurso verbal pela multiplicidade de regras e figuras: não tardou a apagar-se e a se tornar sinônima de afetação ou de declamação falsa. Mas, de alguns anos para cá, vem ela reconquistando seu lugar de honra. Assim, reeditam-se na França velhos tratados do século XVIII (Dumarsais) e do século XIX (Fontanier). Volta-se a estudar as figuras, sobretudo no domínio poético. Uma breve descrição dos principais elementos da retórica talvez nos ajude a compreender as razões de seu renascimento” (VANOYE, 1985, p. 47).

Também aqui o autor se apoiou numa constatação: “a retórica ou arte de bem falar não é muito prestigiada atualmente”. A partir daí, para dar consistência a seu argumento, expande a ideia inicial, explorando características temporais. O argumento do autor contraria em parte a afirmação inicial: “mas, de alguns anos para cá, vem ela reconquistando seu lugar de honra”. Neste caso, a relação entre a ancoragem e a opinião do autor é de contrariedade. As outras três formas de relacionar uma ancoragem com a opinião do autor são: associatividade (o autor manifesta opinião semelhante à constatada ou tirada de uma citação direta), complementaridade (o autor complementa a informação da ancoragem, acrescentando alguma informação nova do tipo: além disso...) e incompatibilidade (o autor nega a informação apresentada na ancoragem).

A ancoragem de um parágrafo tem a função de “situar adequadamente o leitor dentro do texto e permitir que o assunto seja coerentemente abordado” (SIQUEIRA, 1995, p. 14). Ela pode dar-se com base no saber partilhado (conhecimento que se toma como do senso comum); a ancoragem pode ser: com base em fatos, com base numa citação ou num problema (vem expressa numa frase interrogativa).

4.3 Desenvolvimento do parágrafo por enumeração de pormenores ou fatos

“A paráfrase é útil para avaliar um documento quando se quer saber se os usuários o compreenderam, sem implicar memorização do mesmo. Há três estratégias para parafrasear mensagens de documentos: Mudar a ordem e as palavras do original, substituindo-as por outras, mas com sentido equivalente. Transformar o texto em um ‘cenário’ em que apareça uma terceira personagem neutra que deverá usar a informação representada no documento. Exemplo: X deve fazer Y e Z. Como deve proceder? Transformar o documento em uma situação problemática envolvendo o usuário, a quem caberá resolver o problema” (MENDONÇA, 1987, p. 49).

4.4 Desenvolvimento do parágrafo por apresentação de contrastes

“A primeira e a mais fundamental diferença que se apresenta entre as ciências diz respeito às ciências formais, estudo das ideias, e às ciências factuais, estudo dos fatos. Entre as primeiras encontram-se a lógica e a matemática que, não tendo relação com algo encontrado na realidade, não podem valer-se dos contatos com

essa realidade para convalidar suas fórmulas. Por outro lado, a física e a sociologia, sendo ciências factuais, referem-se a fatos que supostamente ocorrem no mundo e, em consequência, recorrem à observação e à experimentação para comprovar (ou refutar) suas fórmulas (hipóteses)” (LAKATOS, 1995c, p. 25).

4.5 Desenvolvimento do parágrafo por causa e consequência

“A maior parte do que se sabe a respeito da elaboração de questionários decorre da experiência. Resulta daí que boa parte do que se dispõe nesse domínio é constituída por receitas baseadas no senso comum, sem maior apoio em provas científicas rigorosas ou em teorias. Pode-se, no entanto, determinar alguns aspectos que devem ser observados na elaboração dos questionários de pesquisa. Os mais importantes são esclarecidos a seguir” (GIL, 1989b, p. 126).

4.6 Desenvolvimento do parágrafo por explicitação

“De maneira bastante prática, pode-se dizer que variável é qualquer coisa que pode ser classificada em duas ou mais categorias. ‘Sexo’, por exemplo, é uma variável, pois envolve duas categorias: masculino e feminino. ‘Classe Social’ também é variável, já que envolve diversas categorias, como alta, média e baixa. Também idade constitui uma variável, podendo abranger uma quantidade infinita de valores numéricos. Outros exemplos de variáveis são: estatura, estado civil, nível de escolaridade, agressividade, introversão, conservadorismo político, nível intelectual etc.” (GIL, 1989b, p. 61-62).

RESUMO DO TÓPICO 4

Neste tópico, você viu que:

- O parágrafo é a unidade do discurso que tem em vista atingir um objetivo.
- Cada parágrafo carrega consigo uma determinada ideia, portanto, sua extensão e sua complexidade estão atreladas ao pensamento que estamos desenvolvendo. Em relação ao conteúdo.
- A divisão do texto em parágrafos contribui para que o leitor não se perca num amontoado de linhas.



1 Identifique nos trechos a seguir a(s) técnica(s) usadas em cada parágrafo.

- a) A bibliografia como técnica **tem por objetivo** a descrição e a classificação dos livros e documentos similares, segundo critérios, tais como autor, gênero literário, conteúdo temático, data etc. (SEVERINO, 2000, p. 77).

R.: _____

- b) Como as ciências sociais são pródigas no oferecimento de assuntos para pesquisa, pode-se ser tentado admitir que a formulação do problema poderá ser desenvolvida sem maiores dificuldades. Não é qualquer assunto, **entretanto**, que possibilita a formulação de um problema de pesquisa (GIL, 2006, p. 82).

R.: _____

- c) As informações colhidas pela heurística devem ser transcritas **primeiramente** nas *fichas bibliográficas*. Na face dessas fichas são transcritos os dados referentes ao documento em si, conforme as técnicas bibliográficas. **A seguir**, assinalam-se com grande proveito os códigos das bibliotecas onde se encontra o documento, as resenhas do documento e eventualmente alguma rápida apreciação. **Como** essas fichas são a base de qualquer trabalho científico, todo estudioso deveria formar um *fichário* na sua especialidade, o que lhe seria de extrema utilidade no momento de qualquer pesquisa. (SEVERINO, 2000, p. 78).

R.: _____

- d) A técnica de observação participante foi introduzida na pesquisa social pelos antropólogos no estudo das chamadas “sociedades primitivas”. A partir daí passou a ser utilizada também pelos antropólogos nos estudos de comunidades e de subculturas específicas. Mais recentemente passou a ser adotada como técnica fundamental nos estudos designados como “pesquisa participante” (BRANDÃO, 1981 apud GIL, 2006, p. 82).

R.: _____

- e) Distinguem-se **três fases** no amadurecimento de um trabalho: **há o momento da invenção, da intuição, da descoberta, da formulação de hipóteses**, fase eminentemente lógica em que o pensamento é provocador, o espírito é atuante; **logo após parte-se** para a pesquisa positiva, seja experimental, seja de campo ou bibliográfica. Nesta etapa, o espírito é posto diante dos fatos, de outras ideias; há a oportunidade de cotejar as primeiras intuições com as intuições alheias ou com os fatos objetivos. Do confronto nasce uma posição amadurecida. Abandonam-se algumas ideias, acrescentam-se outras novas, reformulam-se outras. Isto quer dizer que a primeira formulação não

é necessariamente definitiva: inicialmente, do ponto de vista lógico, será tão somente provisória. **Já na terceira etapa**, ou seja, no momento em que, amadurecida uma posição, se parte para a composição do trabalho, então é preciso estar de posse de uma formulação definitiva, que poderá confirmar a primeira ou modificá-la. (SEVERINO, 2000, p. 76).

R.: _____

2 Os parágrafos abaixo formam um texto. Sua tarefa é, a partir da identificação da função de cada parágrafo, reestabelecer a sequência original.

A problemática sentida

- () Poder-se-ia definir a problemática simplesmente como *o quadro no qual se situa a percepção de um problema*.
- () Nessa etapa, as capacidades intuitivas ganham importância. A percepção inicial de um problema é, muitas vezes, pouco racional. No entanto, percebendo o problema, já temos uma ideia do modo como poderíamos resolvê-lo: já temos uma hipótese (às vezes várias).
- () Essa passagem da problemática sentida à problemática racional, que se apoia especialmente sobre uma revisão da literatura, será o objeto do capítulo seguinte.
- () A primeira preocupação do pesquisador é então passar dessa percepção intuitiva do problema a ser resolvido — e de sua eventual solução — para seu domínio metódico, racional. Em resumo, objetivar sua *problemática*.
- () De uma a outra, há o desvendamento e a consideração crítica dos elementos da problemática, ou seja, especialmente, a visualização do problema a partir dos conhecimentos dos quais já se dispõe, conceitos e eventualmente teorias em questão, bem como dos pontos de vista particulares do pesquisador sobre o problema e sua resolução. Esse procedimento conduz progressivamente o pesquisador a precisar seu problema de pesquisa, a circunscrevê-lo, a delimitá-lo — pois não se pode tudo resolver —, a decidir quais as questões particulares que o revelam melhor e que ele elaborará — pois não se pode questionar, ao mesmo tempo, sob diversos ângulos —, a determinar que respostas plausíveis esperar dessas perguntas, as hipóteses.
- () A problemática é o conjunto dos fatores que fazem com que o pesquisador conscientize-se de um determinado problema, veja-o de um modo ou de outro, imaginando tal ou tal eventual solução. O problema e sua solução em vista não passam da ponta de um *iceberg*, ao passo que a problemática é a importante parte escondida. Uma operação essencial do pesquisador consiste em desvendá-la.

- () Todos esses elementos quando trazidos para nosso meio oferecem, por sua vez, a matéria sobre a qual se exercerão esses elementos: conhecimento, valor... Pois é nesse meio que um olhar atento observará os fatos nos quais poderemos eventualmente entrever o problema a ser estudado.
- () Essa operação de desvendamento consiste, mais precisamente, em jogar o mais possível de luz sobre as origens do problema e as interrogações iniciais que concernem a ele, sobre sua natureza e sobre as vantagens que se teria em resolvê-lo, sobre o que se pode prever como solução e sobre o modo de aí chegar.
- () Na saída, portanto, acha-se uma *problemática sentida*, imprecisa e vaga; na chegada, uma *problemática consciente e objetivada*, uma *problemática racional*.
- () A conscientização de um problema de pesquisa depende, portanto, do que dispomos no fundo de nós mesmos: conhecimentos de diversas ordens — brutos e construídos — e entre esses conceitos e teorias; conhecimentos que ganham sentido em função de valores ativados por outros valores: curiosidade, ceticismo, confiança no procedimento científico e consciência de seus limites...

Fonte: LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. p. 97-99.

3 Organize a sequência dos períodos a seguir, de modo a constituírem um texto coeso e coerente e, depois, indique a sequência numérica correta.

- () Por isso era desprezado por amplos setores, visto como resquício da era do capitalismo desalmado.
- () Durante décadas, Friedman - que hoje tem 85 anos e há muito aposentou-se da Universidade de Chicago - foi visto como uma espécie de pária brilhante.
- () Mas isso mudou; o impacto de Friedman foi tão grande que ele já se aproxima do *status* de John Maynard Keynes (1883-1945) como o economista mais importante do século.
- () Foi apenas nos últimos 10 a 15 anos que Milton Friedman começou a ser visto como realmente é: o mais influente economista vivo desde a Segunda Guerra Mundial.
- () Ele exaltava a 'liberdade', louvava os 'livres mercados' e criticava o 'excesso de intervenção governamental.' (Baseado em Robert J. Samuelson, Exame, 1/7/1998).

- () 4, 2, 5, 1, 3
- () 2, 5, 4, 3, 1
- () 3, 1, 5, 2, 4
- () 1, 2, 5, 3, 4

TIPOS TEXTUAIS

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir desta unidade, você será capaz de:

- compreender o conceito de gênero textual;
- compreender o conceito de tipo textual;
- reconhecer as características das diferentes sequências textuais;
- produzir textos adequados à intenção comunicativa.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em quatro tópicos. Ao final de cada um deles você encontrará atividades que o(a) auxiliarão a compreender os conteúdos apresentados.

TÓPICO 1 – GÊNEROS E TIPOS

TÓPICO 2 – SEQUÊNCIAS NARRATIVAS

TÓPICO 3 – SEQUÊNCIAS DESCRITIVAS

TÓPICO 4 – SEQUÊNCIAS ARGUMENTATIVAS/OPINATIVAS



*Assista ao vídeo
desta unidade.*



GÊNEROS E TIPOS

1 INTRODUÇÃO

Chegamos à Unidade 3. Depois de nos concentrarmos no planejamento do texto, a partir dos fatores de textualidade, dos mecanismos de coesão e da função do parágrafo, é hora de estudarmos as sequências textuais, mas não podemos fazê-lo sem antes passarmos pela noção de gênero.

Falamos em gêneros textuais já no início dos nossos estudos, mas agora vamos estudar o assunto com maior detalhamento.

2 NOÇÃO DE GÊNERO

Como já vimos anteriormente, o texto é um processo comunicativo, ou seja, faz parte da interação locutor/emissor-receptor/destinatário. Cada vez que o utilizamos em uma situação específica de comunicação, costumamos rotulá-lo. Assim, é comum chamarmos um texto de carta pessoal, quando o endereçamos para alguém e nele contamos o que está acontecendo conosco em um determinado tempo e espaço; denominarmos bilhete o recado que deixamos na mesa da cozinha para lembrar que é preciso pagar alguma conta; intitularmos receita o texto que traz os ingredientes e a forma de preparo de determinado alimento. Isso nos mostra que já temos, desde que iniciamos nossos processos comunicacionais, “modelos” que seguimos conforme a situação em que estamos. “Em outras palavras, todos nós, falantes/ouvintes, escritores/leitores, construímos, ao longo de nossa existência, uma competência metagenérica, que diz respeito ao conhecimento de gêneros textuais, caracterização e função”. (KOCH; ELIAS, 2009, p. 54).

Essas produções, orais ou escritas, utilizadas em nossas relações sociais, são o que chamamos de **gêneros textuais**. Elas são direcionadas e condicionadas pelos processos de interação dos quais participam os indivíduos em um determinado contexto. Como as formas de interação e utilização da língua são variadas, os gêneros textuais também o são.

Em termos bakhtinianos, um gênero pode, pois, ser assim caracterizado:

- São tipos relativamente estáveis de enunciados presentes em cada esfera de troca: os gêneros possuem uma forma de composição, um plano composicional. [...]
- Além do plano composicional, os gêneros distinguem-se pelo conteúdo temático e pelo estilo. (KOCH; ELIAS, 2009, p. 59-60).

Devemos, portanto, observar que os gêneros textuais não se caracterizam pelos aspectos formais, embora eles não sejam totalmente desconsiderados, mas sim pelos aspectos sociocomunicativos, ou seja, pelo uso em práticas comunicativas. Justamente por serem tipos de enunciados elaborados pelas mais diversas atividades comunicativas temos uma infinidade deles: carta pessoal, carta comercial, receita, bilhete, romance, telefonema, *outdoor*, cardápio, bula, lista de compras, notícia, conto de faladas, resenha, *e-mail*, aula virtual, ata, aula expositiva, reunião, piada etc.

Os gêneros textuais são, portanto, elementos culturais, construídos pelos indivíduos durante os processos de comunicação. Desse modo, o contexto em que são usados e os objetivos que pretendem atingir são importantes para sua conceituação. Eles são flexíveis e vinculados à prática social.

Marcuschi (2008) afirma que:

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros.

Podemos, então, concluir que quando pensamos no estudo do texto, estamos pensando no estudo dos gêneros textuais, pois “[...] todos os textos se manifestam sempre num ou noutro gênero textual.” (MARCUSCHI, 2008).

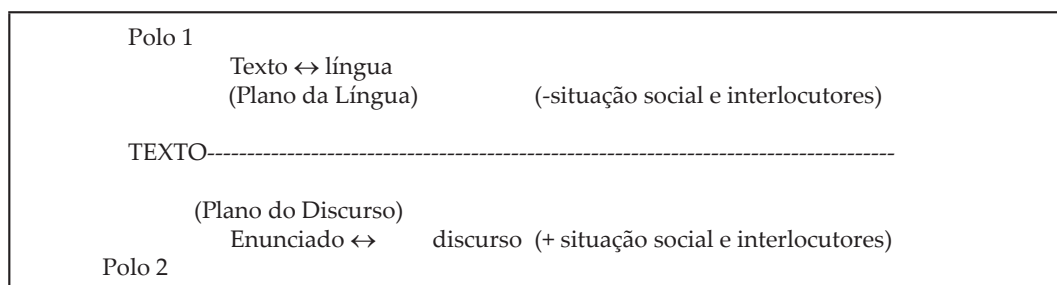
Reconhecemos a complexidade e a polêmica ao redor deste conceito (e não é nosso objetivo aprofundar tal discussão teórica); mas, para os fins e limites deste Livro, algumas ideias a respeito de texto, enunciado e gênero textual são indispensáveis a fim de que possamos abordar as sequências textuais.

Já vimos um pouco sobre gênero, avancemos para as outras questões que estão relacionadas ao tema. A primeira delas refere-se à relação entre os termos texto e enunciado.

[...] dois aspectos ‘determinam’ um texto como um enunciado: seu projeto discursivo [o autor e seu querer dizer] e a realização desse projeto [a produção do enunciado vinculada às condições/coerções da situação de interação e sua relação com os outros enunciados; o dado da situação social de interação, da língua, do gênero etc.]. A inter-relação dinâmica entre esses aspectos determina o caráter do texto. O texto visto como um enunciado tem uma função ideológica particular (é produzido numa dada esfera social, possui uma finalidade discursiva), possui autor e destinatário, mantém relações dialógicas com outros textos (textos-enunciados) etc., isto é, tem as mesmas características do enunciado, pois é concebido como tal (BAKHTIN apud RODRIGUES).

A autora prossegue e apresenta a proposta teórico-metodológica proposta por Bakhtin entre língua, discurso, texto e enunciado. Veja:

FIGURA 3 – RELAÇÃO ENTRE TEXTO E ENUNCIADO, LÍNGUA E DISCURSO



FONTE: Rodrigues (2001, p. 63 apud RODRIGUES)

Os dois polos indicam as possibilidades de análise do texto: quando consideramos seus aspectos sociais, concretizamos o estudo do enunciado; mas ao eliminarmos esses aspectos, ficamos apenas com o estudo do texto (RODRIGUES). Esta proposta reflete o tom de nossa unidade: ora vamos estar próximos ao polo 1, ora ao polo 2 enquanto prosseguimos com nossos estudos.

Considerar a situação social é fundamental e o sujeito sabe diferenciá-la devido à sua competência sociocomunicativa. Como são muitas as situações sociais, são muitos também os gêneros, mas não há problema nessa diversidade, pois o sujeito é capaz de adequar-se às práticas sociais, de distinguir se o que lhe falam ou lê é uma notícia ou uma piada, de identificar se um texto é mais narrativo, descritivo, expositivo ou argumentativo.



Considerar a situação social é essencial, lembra-se da Unidade 1? Ali falamos a respeito do público para o qual escrevemos, sobre o momento histórico. Esses aspectos referem-se aos fatores da textualidade e não podem ser desprezados. Fique atento!

Além disso, a noção de gêneros do discurso como “[...] tipos relativamente estáveis de enunciados [...]” (BAKHTIN apud RODRIGUES) obriga-nos a compreender a noção de enunciado. Se falamos de gêneros, não é possível dissociá-los da situação social, do enunciado.

As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas. Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas) (BAKHTIN, 2003a [1952-1953], p. 283 apud RODRIGUES).

Considerando a noção de gênero como profundamente ligada a uma situação social de interação, às diversas esferas de comunicação (cotidiana, científica, escolar, religiosa, jornalística), é necessário distingui-la aqui de outra noção, a das sequências textuais possíveis, como: a narrativa, a descritiva, a expositiva e argumentativa. Os gêneros são formados a partir dessas sequências, mas reforçamos que “O que constitui um gênero é a sua ligação com uma situação social de interação, e não suas propriedades formais ou seu nome” (RODRIGUES). Essa distinção é essencial para você não confundir os conceitos ao ler outros materiais, em que possa haver conflito entre os termos.

Você deve ter reparado nas esferas de comunicação que citamos, não é? Agora pense na quantidade de gêneros que circulam em cada uma delas... São muitos, certo? Só para darmos um exemplo da variedade, tomemos a esfera jornalística. Ali circulam a notícia, a reportagem, o editorial, a crônica, a entrevista, a carta do leitor, o artigo de opinião e a lista não acaba aqui. Portanto, nosso objetivo será estudar as sequências textuais possíveis, apelando constantemente aos diversos gêneros para ilustrar como estas sequências funcionam, pois:

“[...] as sequências narrativas não se inscrevem da mesma maneira na construção do sermão, da notícia, do conto de fadas, da conversação espontânea, etc. Enquanto nas narrativas presentes em romances, contos de fadas, a ordenação cronológica dos episódios pode ser dominante, numa disposição em que há sempre uma relação de anterioridade e posteridade em relação à sequenciação linear dos fatos na ordem de seu acontecimento, em textos noticiosos, tal ordenação pode não assumir essa rigidez, colocando-se primeiramente em evidência o sumário do assunto em questão, na forma de manchete e *lead*, e em seguida apresentando-se o evento principal, a que se sucedem as consequências do fato e suas causas, ou vice-versa, atribuindo-se, estrategicamente, às informações veiculadas nestas ou naquelas, uma relevância mais elevada (cf. VAN DIJK, 1992 apud SILVA, 1999, p. 101-102).

É nesse sentido que vamos nos situar entre os polos 1 e 2 nesta unidade: ora presos ao polo 1, quando analisarmos o texto, sua estrutura, as sequências textuais ali presentes; ora presos ao polo 2, quando acrescentarmos a análise à situação social, os objetivos visados, o lugar social e os papéis dos participantes.



Para saber mais sobre os gêneros e tipos textuais, sugerimos o material elaborado por Silvio Ribeiro da Silva, disponível em :<<http://www.algosobre.com.br/gramatica/genero-textual-e-tipologia-textual.html>>.

Indicamos também o texto sobre o assunto elaborado por Luiz Antônio Marcuschi, disponível em: <http://www.proead.unit.br/professor/linguaportuguesa/arquivos/textos/Generos_textuais_definicoes_funcionalidade.rtf>.

LEITURA COMPLEMENTAR



Após termos estudado, brevemente, o gênero textual, recomendamos a leitura do texto de Marcuschi (2002). O autor procura apresentar uma diferenciação entre gênero e tipo textual, bastante importante para nossos estudos, bem como aprofundar questões que vimos ao longo deste Tópico. Desejamos uma excelente leitura!

[...]

3 DEFINIÇÃO DE TIPO E GÊNERO TEXTUAL

Aspecto teórico e terminológico relevante é a distinção entre duas noções nem sempre analisadas de modo claro na bibliografia pertinente. Trata-se de distinguir entre o que se convencionou chamar de *tipo textual*, de um lado, e *gênero textual*, de outro lado. Não vamos aqui nos dedicar à observação da diversidade terminológica existente nesse terreno, pois isso nos desviaria muito dos objetivos da abordagem.

Partimos do pressuposto básico de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *gênero*, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *texto*. Em outros termos, partimos da ideia de que a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. Essa posição, defendida por Bakhtin [1997] e também por Bronckart (1999) é adotada pela maioria dos autores que tratam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos, e não em suas peculiaridades formais. Esta visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva. Privilegia a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural da língua. Afirma o caráter de indeterminação e ao mesmo tempo de atividade constitutiva da língua, o que equivale a dizer que a língua não é vista como um espelho da realidade, nem como um instrumento de representação dos fatos.

Nesse contexto teórico, a língua é tida como uma forma de ação social e histórica que, ao dizer, também constitui a realidade, sem contudo cair num subjetivismo ou idealismo ingênuo. Fugimos também de um realismo externalista, mas não nos situamos numa visão subjetivista. Assim, toda a postura teórica aqui desenvolvida insere-se nos quadros da hipótese sócio-interativa da língua. É neste contexto que os gêneros textuais se constituem como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo.

Para uma maior compreensão do problema da distinção entre gêneros e tipos textuais sem grande complicação técnica, trazemos seguir uma definição que permite entender as diferenças com certa facilidade. Essa distinção é fundamental em todo o trabalho com a produção e a compreensão textual. Entre os autores que defendem uma posição similar a aqui exposta estão Douglas Riber (1988), John Swales (1990), Jean-Michel Adam (1990), Jean-Paul Bronckart (1999). Vejamos aqui uma breve definição das duas noções:

- (a) Usamos a expressão *tipo textual* para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela *natureza linguística* de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação/exposição, descrição, injunção*.
- (b) Usamos a expressão *gênero textual* como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sócio-comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante.

Para uma maior visibilidade, poderíamos elaborar aqui o seguinte quadro sinóptico:

TIPOS TEXTUAIS	GÊNEROS TEXTUAIS
<ol style="list-style-type: none"> 1. construtos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas; 2. constituem sequências linguísticas ou sequências de enunciados no interior dos gêneros e não são textos empíricos; 3. sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas, determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal; 4. designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas; 2. constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas; 3. sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função; 4. exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, <i>outdoor</i>, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc.

FONTE: Marcuschi (2002, p. 22-23)

RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico, você viu que:

- Gêneros textuais são tipos relativamente estáveis de enunciados.
- Os gêneros são determinados pela situação social de interação.
- A noção de gênero não se confunde com a de tipo textual: esta relaciona-se às sequências narrativas, descritivas, argumentativas e expositivas.



1 Leia atentamente os seguintes fragmentos e identifique qual gênero textual cada um constitui:

Texto 1

Diálogo final

- É tudo que tem a me dizer? – perguntou ele.
- É – respondeu ela.
- Você disse tão pouco.
- Disse o que tinha pra dizer.
- Sempre se pode dizer mais alguma coisa.
- Que coisa?
- Sei lá. Alguma coisa.
- Você queria que eu repetisse?
- Não. Queria outra coisa.
- Que coisa é outra coisa.
- Não sei. Você devia saber.
- Por que eu deveria saber o que você não sabe?
- Qualquer pessoa sabe mais alguma coisa que o outro não sabe.
- Eu só sei o que eu sei.
- Então não vai mesmo me dizer mais nada?
- Mais nada.
- Se você quisesse...
- Quisesse o quê?
- Dizer o que você não tem pra me dizer. Dizer o que não sabe, o que eu queria ouvir de você. Em amor é o que há de mais importante: o que a gente não sabe.
- Mas tudo acabou entre nós.
- Pois isso é o mais importante: o que acabou. Você não me diz mais nada sobre o que acabou? Seria uma forma de continuarmos.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. **Contos plausíveis**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1985. p. 70)

Texto 2

a. mor: sm1. Afeição acentuada de uma pessoa por outra; 2. Objeto de afeição; 3. [...] pessoa amada; 4. Zelo, cuidado.

(AMORA, Soares. **Minidicionário**. 18. ed. São Paulo: Saraiva, 2008. p. 38).

Texto 3

Amor aos pedaços

Para o recheio:

- * 1 pacote de coco ralado
- * 1 abacaxi ralado
- * 6 gemas ou 3 ovos
- * 5 g de açúcar
- * 1 colher de manteiga

Para a massa do bolo:

- * 2 ovos
- * 3 colheres de sopa de manteiga
- * 1 colher de sopa de suco de limão
- * 2 xícaras de chá de açúcar
- * 1 xícara de chá de leite
- * 2 xícaras de chá de farinha de trigo
- * 1 xícara de chá de maizena
- * 1 pitada de sal
- * 1 colher bem cheia de pó royal

Modo de Preparo

Recheio: Faça o doce até mostrar o fundo da panela.

Massa: Faça uma massa mais dura e coloque um pouco da massa na forma, depois o recheio e finalmente o restante da massa por cima do recheio.

Depois de assado corte em quadrados.

Texto 4

Já não sei o que sou, nem que faço, nem o que desejo! Espedacem-me mil comoções contrárias... Há lá mais lastimoso estado! Amo-te perdidamente e modero-me o bastante para não desejar que sejas assim atribulado... [...]

Adeus, mais uma vez!... Escrevo-te cartas tão compridas! Não tenho consideração por ti! Peço-te perdão e ousa esperar que tenhas indulgência por esta pobre louca, que o não era, bem sabes, antes de te amar. Adeus, parece-me que falo em demasia do lastimoso estado em que me encontro. Mas, do fundo do coração, te agradeço o desespero que me causas e detesto a tranquilidade em que vivia antes de conhecer-te. Adeus! A minha paixão aumenta a cada hora.

Ai! Quantas coisas tinha ainda para te dizer!...

(ALCOFORADO, Mariana, Sórora. Cartas de amor. In: Massaud Moisés. **A literatura portuguesa através de textos**. 17. ed. São Paulo: Cultrix, 1988. p. 175-176)

Texto 5



Talento Intense é o primeiro chocolate com alta concentração de cacau do Brasil. Seus pedaços de amêndoas garantem a intensidade do sabor.

E além do saboroso, os antioxidantes naturalmente presentes no cacau fazem bem ao coração.

Tudo isso para oferecer a você prazer intenso.

O puro sabor do chocolate para os mais puros paladares.

2 Acerca dos gêneros textuais, é correto afirmar:

I- Sua nomeação está relacionada ao canal, estilo, conteúdo, composição e função.

II- São exemplos de gêneros a carta comercial, a resenha e o romance.

III- São exemplos a narração, a argumentação e a descrição.

Estão corretas:

a) () I e II.

b) () I e III.

c) () II e III.

d) () Todas estão corretas.



Assista ao vídeo de
resolução da questão 1



3 Em relação aos gêneros textuais, é incorreto dizer:

- a) () Os gêneros textuais são formados a partir das sequências narrativa, descritiva, expositiva e argumentativa.
- b) () Os gêneros textuais são profundamente ligados às esferas de comunicação: cotidiana, escolar, religiosa, dentre outras.
- c) () As situações sociais revelam uma quantidade limitada de gêneros textuais.
- d) () Os gêneros textuais apresentam características definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição.

SEQUÊNCIAS NARRATIVAS

1 INTRODUÇÃO

Neste tópico, vamos verificar as características e analisar como funcionam as sequências textuais narrativas em alguns gêneros. Inicialmente, observamos como são constituídas e, na sequência, como se realizam nos gêneros que circulam entre nós.

Durante a apresentação deste tópico e dos demais, é possível que a análise envolva outras sequências que compõem o texto junto com a narrativa, isto porque os textos são híbridos, isto é, podem apresentar ao mesmo tempo sequências narrativas e descritivas, descritivas e dissertativas, dissertativas e narrativas, tudo vai depender da intenção de quem escreve.

2 ESTRUTURA SEQUENCIAL NARRATIVA

Conforme Brandão (2001, p. 29), a sequência narrativa “Pode ser definida como sequência de proposições interligadas que progridem para um fim”. Deve haver seis constituintes reunidos para que haja uma narrativa segundo a autora:

- pelo menos um ator (individual ou coletivo), que assegura a unidade de ação;
- transformação de predicados (da saúde à doença, por exemplo);
- sucessão de acontecimentos em um tempo t e depois $t + n$ (narração). A temporalidade deve ser conduzida por uma “**tensão** que faz com que a narrativa caminhe para um fim, organize-se em função de uma situação final”;
- uma intriga, capaz de integrar os fatos em uma ação única;
- causalidade narrativa, em que um fato sucede ao outro numa ordem cronológica;
- um fim sob a forma de avaliação final (moral) explícita (BRANDÃO, 2001, p. 29).

Dentre esses elementos, parece-nos que se destaca a alteração temporal, a ideia de transformação, de mudança. Esta característica das sequências narrativas é reforçada também por Fiorin e Savioli (1992, p. 289, grifo nosso). Veja:

Texto narrativo é aquele que relata as mudanças progressivas de estado que vão ocorrendo com as pessoas e as coisas **através do tempo**. Nesse tipo de texto, os episódios e os relatos estão organizados numa disposição tal que entre eles existe sempre uma **relação de anterioridade ou de posterioridade**. Essa relação de anterioridade ou posterioridade é sempre pertinente num texto narrativo, mesmo quando ela venha alterada na sua sequência linear por uma razão ou por outra.

Desta forma, notamos que a relação de anterioridade ou posterioridade é essencial, vejamos como isso ocorre no conto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti. Antes, porém, é bom que saibamos que gênero é esse: “Conto: É narrativa breve que apresenta o relato de episódio, caso ou fato em que há uma única célula dramática (problema social, particular, coletivo, psicológico, etc.), interligada pela ação, pelos personagens, pelo ambiente e pelo tempo. O conto principia por um mote ou motivo” (FLÔRES; OLÍMPIO; CANCELIER, 1994, p. 126).

A MOÇA TECELÃ

1 Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear. Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

2 Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

3 Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

4 Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

5 Assim, jogando a lançadeira de um lado para o outro e batendo os grandes pentes do tear para a frente e para trás, a moça passava seus dias. Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comida. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila.

6 Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

7 Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou como seria bom ter um marido ao lado.

8 Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo apumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta.

9 Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando na sua vida.

10 Aquela noite, deitada contra o ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

11 E feliz foi, por algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque, descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

12 — Uma casa melhor é necessária — disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes e pressa para a casa acontecer.

13 Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente. — Por que ter casa, se podemos ter palácio? — perguntou. Sem querer resposta, imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates de prata.

14 Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

15 Afinal, o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

16 — É para que ninguém saiba do tapete — disse. E antes de trancar a porta a chave advertiu: — Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

17 Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

18 E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou como seria bom estar sozinha de novo.

19 Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.

20 Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para outro, começou a desfazer o seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio. E todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

21 A noite acabava quando o marido, estranhando a cama dura, acordou, e espantado olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito aprumado, o emplumado chapéu.

22 Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.

FONTE: COLASANTI, Marina. In: _____. **Contos brasileiros contemporâneos**. São Paulo: Moderna, 1991. p. 55-7.

O conto de Colasanti é motivado pelo problema particular da personagem: sua solidão. Ali a relação de anterioridade e posterioridade entre os acontecimentos é essencial para a progressão da história. A sucessão de fatos no tempo fica evidente a partir dos seguintes dados: num primeiro momento, a moça vive sozinha; a seguir, entra em sua vida o marido; depois temos acesso a vários episódios gerados pelas exigências do marido, e, ao término, o retorno à solidão.

A sucessão temporal dos acontecimentos também é importante para outro gênero, a notícia.

Notícia: informações sobre um acontecimento, considerado por quem publica, importante ou interessante para ser mostrado a determinado público. Sobre esse fato são observadas, entre outras, as seguintes características, para se definir se ele é ou não notícia: ineditismo, atualidade, veracidade e o potencial interesse que ele pode ter para uma dada parcela da sociedade (ZANCHETTA JÚNIOR; FARIA, 2002, p. 26).

JOVEM DE 18 ANOS É PENSADA POR CARRO ALEGÓRICO NO RIO

177 foliões foram atendidos nos postos médicos da Sapucaí

Os seis postos de atendimento médico montados no Sambódromo do Rio receberam 177 foliões até a meia-noite de ontem. O caso mais grave foi o de uma jovem de 18 anos que foi pensada por um carro da Escola de Samba Porto da Pedra, a segunda agremiação a se apresentar no primeiro dia de desfiles na capital fluminense.

Ela teve trauma abdominal e foi levada para o Hospital Municipal Souza Aguiar. Outras duas pessoas - uma mulher de 63 anos e um homem, cuja idade não foi divulgada - sofreram quedas e também foram levados para o Souza Aguiar.

Fonte: JOVEM de 18 anos é prensada por carro alegórico no Rio. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 4 fev. 2008. Plantão. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/diariocatarinense/jsp/default.jsp?uf=2&local=18§ion=Geral&newsID=a1756126.xml>>. Acesso em: 4 fev. 2008.

Perceba que a sucessão temporal dos acontecimentos em ambos os gêneros não pode ser alterada, pois isso afetaria também seu sentido. Além disso, estes dois gêneros, apesar de se utilizarem da sequência narrativa, o fazem de maneira diferente, como vamos perceber ao longo deste tópico. Para Faria e Zanchetta Júnior (2002), o texto noticioso é uma forma de narração com modo próprio de organização, que hierarquiza informações.

É bom ainda frisar que há muitos outros gêneros que se utilizam das sequências narrativas, como o romance, a novela, a crônica, a fábula, a parábola, a fábula, o apólogo, a entrevista, a reportagem, a ata, o *e-mail*, o relatório, enfim, a lista é extensa. Portanto, em nossas análises, vamos nos concentrar mais nos aspectos que marcam a presença da estrutura narrativa conforme o gênero.

2.1 ELEMENTOS DA NARRAÇÃO

Estão presentes na sequência narrativa vários elementos: personagem, ambiente, tempo, foco narrativo, enredo e discurso. De forma sintética, poderíamos dizer que a cada um deles associa-se uma pergunta, veja:

- Quem ? – personagens
- O quê ? – acontecimentos
- Onde ? – lugar onde ocorrem os fatos
- Quando ? – momento em que ocorrem os fatos
- Como ? – de que maneira os fatos ocorreram
- Por quê ? – o motivo dos fatos

Nossa trajetória, a partir de agora, será estudar cada um destes elementos a fim de melhor compreender a sequência narrativa.

2.1.1 Personagens

São as pessoas que atuam, que participam dos acontecimentos. Podem ser pessoas comuns ou extraordinárias ou, ainda, animais, objetos, plantas e outros de ação personificada, conforme Flôres, Olímpio e Cancelier (1994).

Os personagens, de acordo com sua importância e função, podem ser classificados em:

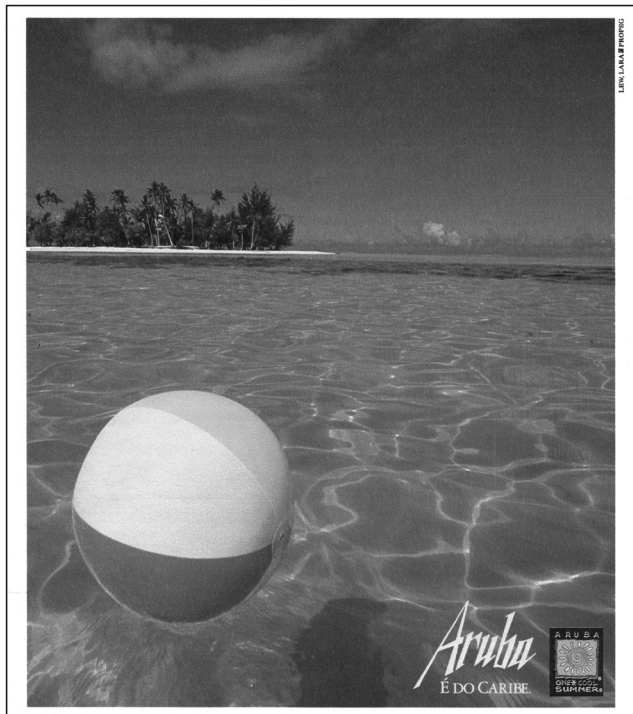
- protagonista: personagem principal, de grande projeção dentro da narração;
- antagonista: personagem que se opõe ao protagonista;
- secundária: desempenha papéis de menor destaque ao lado do protagonista: influenciam-no, são seu confidente, criam situações cômicas.

Retomando o conto “A moça tecelã”, poderíamos classificar a moça como personagem principal e o marido como antagonista. Na notícia, figuram a jovem de 18 e os demais foliões.

2.1.2 Ambiente


O ambiente ou espaço é formado pelos elementos que estruturam a situação em que ocorre o fato. Há autores preocupados em mostrar como o ambiente influencia as pessoas, enquanto para outros o local é tido apenas como o espaço das ações. Nos gêneros analisados, o local (no conto: a casa/o palácio e na notícia, o Sambódromo/o Hospital Souza Aguiar no Rio de Janeiro) parece-nos que serve apenas como espaço das ações, bem diferente do que ocorre a seguir:

FIGURA 4 – CARTÃO POSTAL



Aruba, 20 de fevereiro de 1995
 Queridos Ana e Paulo,
 Aqui é o seu velho amigo Bernardo, falamos
 diretamente de Aruba. Estamos nos divertindo muito.
 Nos mergulhos, podemos conhecer melhor os hábitos
 do *Hippocampus guttulatus*. O santuário ecológico
 de Bubali também é extraordinário. E as cavernas
 com desenhos indígenas, então? Vocês iriam adorar.
 Descobrimos também a fonte da juventude.
 É de água salgada (ah! ah! ah!).
 À noite, parecemos dois adolescentes. Andamos
 de mãos dadas e namoramos como nos velhos tempos.
 Até no cassino! O azul do mar é incrível
 e a areia, branquinha... A praia é bonita.
 Ontem, eu brinquei de castelinho.
 O meu balde é verde e o da
 Elisa é vermelho.
 Aqui é legau

UM BEIJO

BERNARDO 

FONTE: Veja, n. 17, p. 26-27, 26 abr. 1995.

Você leu com atenção o texto anterior? Identificou o gênero? Qual foi sua opção? Acha que é uma simples **carta**? Então, repense sua escolha: por que alguém publicaria um **carta** numa revista de circulação nacional? Atente para o conteúdo do suposta **carta**, observe como o relato das ações vem acompanhado dos detalhes do lugar. Você sabe onde fica Aruba? Trata-se de uma pequena ilha localizada no coração sul do Caribe. Mudou de opinião? Ainda não? Pense bem, o texto apresenta as opções que o lugar oferece durante o dia (as belezas naturais) e à noite (os cassinos). Mas não é só isso. Veja algumas marcas linguísticas no texto: “fonte da juventude”, “adolescente” e o estilo adotado após a palavra cassino. Essas pistas sugerem que Bernardo voltou a ser criança durante suas férias em Aruba. Confirmam essa hipótese ainda: a letra b espelhada, legal registrada como “legau”, os desenhos. Fica então a pergunta: o que teria causado essa mudança? Olhe mais uma vez para o **anúncio**, veja o apelo visual agora.

Sim, aqui o lugar influencia a personagem criada pela agência de publicidade. Ficou surpreso? Neste caso, temos um caso de intertextualidade intergêneros, isto é, um gênero assume a forma de outro (tem a forma de carta; porém funciona como anúncio), mas continua com a sua função: a carta aqui apenas comporta a riqueza de opções que Aruba oferece para o turista. O relato das férias, feito pelo personagem Bernardo e sua companheira, é muito bem explorado (para fins comerciais) a partir da descrição do cenário em que estão.



Se você está atento, deve ter reparado o que aconteceu no anúncio. Como tinha a estrutura de uma carta, apelou para a narração (“nos mergulhos, pudemos conhecer os hábitos do *Hippocampus guttulatus*”), mas não parou por aí. A agência de publicidade empregou também a descrição para apresentar as opções de Aruba (“E as cavernas com desenhos indígenas”, “a areia da praia é branquinha”). O anúncio, portanto, evidencia bem que os gêneros são formados por diferentes sequências textuais.

2.1.3 Tempo

Considerado elemento essencial numa narrativa, o tempo pode ser explorado de maneiras diferentes, dependendo da habilidade do escritor. Neste sentido, “[...] o verbo desempenha função fundamental numa narrativa, quer devido à movimentação, quer porque a noção de tempo é transmitida por ele. E é do jogo do presente, passado e futuro que advém a consistência narrativa” (MEDEIROS; ANDRADE, 1997, p. 148).

Conforme Flôres, Olímpio e Cancelier (1994), o tempo pode ser classificado em:

a) Tempo biológico: corresponde ao ciclo vital dos seres vivos (nascimento, desenvolvimento e morte); os episódios obedecem a essa sequência.

b) Tempo cronológico: corresponde à narração dos fatos conforme a sequência em que aconteceram. É possível percebermos a sucessão de horas, meses e anos.

c) Tempo histórico: corresponde à narração de fatos de acordo com os acontecimentos históricos, os quais funcionam como referência temporal.

d) Tempo psicológico: o fluir do tempo é apresentado de forma diversa das anteriores, pois aqui o escritor o explora em consonância com o personagem. Neste caso, sentimos uma ruptura na ordem dos acontecimentos, que ora podem se antecipar, ora recuar no tempo, conforme o mundo interior do personagem, seus conflitos, recordações, reflexões.

Em relação ao conto “A moça tecelã”, podemos dizer que ali predomina o tempo cronológico, pois percebemos a passagem dos dias, noites com nitidez. Acompanhe os grifos na transcrição a seguir:

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe **o tempo** em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou como seria bom ter um marido ao lado.

Não esperou **o dia seguinte** [...]

Aquela noite, deitada contra o ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade [...]

No jornalismo, porém, a disposição das informações noticiosas segue uma ordem diferente. O jornalista pode optar por apresentar os fatos numa ordem cronológica, o que gera uma carga de credibilidade, como se o tempo reconstituído fosse o indicador mais seguro de que a representação é fiel (MEDINA, 1988, p. 103 apud MEDEIROS; ANDRADE, 1997). Outra possibilidade é o uso da pirâmide invertida, em que se selecionam os fatos para apresentação de acordo com critérios de importância crescente ou decrescente, o que permite ao leitor optar por continuar a leitura ou não. Uma terceira opção é o lide (do inglês *lead*, que significa “guiar”, encabeçar”). Na imprensa brasileira, o lide apresenta os principais aspectos de um fato logo no início do texto. Para tanto, os dois primeiros parágrafos geralmente dão conta de responder as perguntas: quem, o que, quando, onde, como e por que. Os demais parágrafos contêm o desdobramento das informações citadas nos parágrafos iniciais (ZANCHETTA JÚNIOR; FARIA, 2002).



Já falamos sobre o *lead* quando estudamos a importância visual do parágrafo, na Unidade 2, lembra?

Depois dessas explicações sobre o tratamento do tempo na notícia, podemos fazer alguns comentários sobre a notícia da jovem prensada por um carro da Escola de Samba Porto da Pedra. O texto sugere que ali o jornalista tenha adotado a pirâmide invertida, pois no primeiro parágrafo temos acesso às informações básicas do lide:

- Quem: uma jovem de 18 anos
- O que: foi prensada
- Quando: ontem à noite
- Onde: no Sambódromo do Rio
- Por que: -
- Como: -

As demais informações, consideradas secundárias pelo jornalista, ficaram reservadas para o parágrafo seguinte. De qualquer forma, o primeiro parágrafo já permite ao leitor uma ideia geral sobre o fato.

2.1.4 Foco narrativo

O foco narrativo relaciona-se à figura responsável por relatar os fatos, assim é que não devemos confundi-la com o escritor do texto. O narrador pode ser um personagem que vive os fatos, uma testemunha, uma figura externa. Enfim, é a partir do narrador que vamos ver, entender ou avaliar os fatos. “O autor é uma pessoa de carne e osso; o narrador faz parte do texto, é quem relata os fatos a partir do seu ponto de vista” (FIORIN; SAVIOLI, 1992, p. 138). Além disso, a ideologia de ambos pode ser completamente diferente.

Classifica-se o foco narrativo em 3ª ou 1ª pessoa. O emprego de uma outra modalidade interfere significativamente no texto. Vamos detalhá-las.

a) Foco narrativo em terceira pessoa

Nesta modalidade, o narrador pode ainda receber duas classificações:

- Onisciente: sabe tudo (passado, presente, futuro), inclusive os sentimentos e pensamentos dos personagens. Conforme Fiorin e Savioli (1992, p. 138), é aquele que “comenta, analisa e critica tudo. É como se pairasse acima dos acontecimentos e tudo visse”. É o que ocorre, por exemplo, no conto “A moça tecelã”.

- Observador: também sabe dos fatos, porém não penetra na intimidade dos personagens. Consequentemente, cria-se um estilo mais objetivo, impessoal, como na notícia a respeito da jovem que foi prensada pelo carro da Escola de Samba Porto da Pedra.

b) Foco narrativo em primeira pessoa

O narrador em primeira pessoa está presente na narrativa, podendo ser o protagonista ou um personagem secundário. Nesta modalidade, como o narrador está envolvido nos acontecimentos, temos um efeito de subjetividade maior.

- Narrador protagonista: narra episódios, seus sentimentos e pensamentos, suas percepções, porém não tem acesso a essas informações sobre outros personagens.

- Narrador como personagem secundário: narra o que vivenciou, mas não conhece os pensamentos dos demais personagens. É capaz de contar a história do protagonista.

O fragmento a seguir é extraído do romance “Memórias Póstumas de Brás Cubas”. Durante a leitura, caro acadêmico, perceba como a objetividade é reduzida quando o narrador é em primeira pessoa.

[...]

Disse o poeta que o menino é pai do homem. Se isso é verdade ou não, fica difícil comprovar, pois o que mais ressaltava na minha meninice era o lado de “garoto diabo”, meu apelido. Entre as muitas peripécias, pelo menos duas são inesquecíveis.

Certo dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque desejava comer doce quente. A negra recusou-se a atender-me, alegando que teria dor de barriga. Mas a perversidade não parou por aí. Enchi a mão de cinzas, joguei no tacho. À mãe, disse que a escrava estragara o doce, de propósito. Essa obra, da mais pura intriga, eu a concebia, com extraordinário talento, aos seis anos de idade.

Outro estranho capricho: Prudêncio, o moleque da casa, igualmente negro, era meu cavalo de todos os dias. Punha-se de quatro, eu amarrava-lhe um barbante nos queixos, como se fosse rédea, montava e, com uma varinha, fustigava “o animal”, além de apertar-lhe as esporas. Se Prudêncio reclamava, eu ficava furioso:

- Cala a boca, sua besta! Cavalo não fala.

[...]

FONTE: ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Scipione, 1998. p. 19.

Depois da leitura, acreditamos que você tenha notado algumas diferenças: em relação ao conto “A moça tecelã” e à notícia, pois esses gêneros apresentam foco narrativo em 3ª pessoa. Além disso, o foco narrativo em primeira pessoa no romance de Machado de Assis revela ainda que o personagem central também é o narrador, ou melhor, um “defunto autor”. Essa característica permite que Brás Cubas vá narrando suas memórias com um tom irônico (como no trecho acima) em diversos momentos ao longo da obra

2.1.5 Enredo

Corresponde à organização de ações com que construímos uma narração. Há dois tipos de enredo:

- Enredo linear: é aquele em que se percebe que as ações obedecem a uma sequência lógica e cronológica de ações. Como exemplo, podemos citar o conto “A moça tecelã” e a notícia.

- Enredo não linear: ocorre uma ruptura na sequência cronológica e lógica de ações. Dessa forma, podem ocorrer *flashbacks* (retrospectivas ou voltas), *flashforwards* (antecipações) ou mesmo supressão de ações ao longo do texto. É o caso de *Memórias Póstumas*, interrompida várias vezes para dar lugar às reflexões morais, filosóficas, estéticas e políticas do narrador, como no fragmento a seguir:

[...]

Meu tio cônego, imagem de austeridade e da pureza, tinha absoluto respeito pela hierarquia da Igreja. Mas, espírito medíocre, nem sempre conseguia ver o lado substancial da religião, preocupando-se ao extremo com as preeminências, as sobrepelizes, as circunflexões. Do seu ponto de vista, a sacristia se colocava antes do altar. Severo nos costumes e minucioso na observância das regras, faltava-lhe liderança para incutir nos outros a fé na obra sagrada, em que se gastavam os sacerdotes.

FONTE: ASSIS, Machado. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Scipione, 1998. p. 20.

Geralmente, o enredo apresenta as seguintes partes:

- apresentação: corresponde à introdução, onde atuam elementos geradores de um conflito.
- complicação: trata-se da apresentação do conflito.
- clímax: momento de maior tensão, quando o conflito chega ao ápice.
- desfecho: quando ocorre a solução do conflito.

Para você entender melhor, releia “A moça tecelã”. O enredo desse conto poderia ser assim dividido:

- apresentação: do início até o 6º parágrafo.
- complicação: a partir do 7º parágrafo (surge o marido) até o 17º parágrafo.
- clímax: a partir do 18º (quando deseja estar sozinha novamente) até o 21º (o marido some).
- desfecho: 22º parágrafo.

2.1.6 Discurso

É a forma como o narrador reproduz a fala dos personagens. Existem três maneiras de inserir na narrativa a fala que não pertence ao narrador, vamos descrevê-las nas seções que seguem.

2.1.6.1 Discurso direto

Reproduz literalmente as palavras como foram proferidas pelo personagem. É como se ouvíssemos a fala do personagem. É marcado pelo uso de verbos de dizer (dizer, responder, falar e outros semelhantes); há pontuação adequada: empregam-se dois-pontos e travessão antes da fala do personagem. Veja os exemplos a seguir, respectivamente de “A moça tecelã” e de “Memórias Póstumas de Brás Cubas”.

12 — Uma casa melhor é necessária — disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes e pressa para a casa acontecer.

[...] Se Prudêncio reclamava, eu ficava furioso:
- Cala a boca, sua besta! Cavalo não fala.

2.1.6.2 Discurso indireto

Diferentemente do discurso direto, no indireto o narrador usa suas próprias palavras para reproduzir a fala dos personagens, daí a nomenclatura discurso indireto. As marcas deste tipo de discurso são: uso de verbos de dizer, não há sinais de pontuação indicando que a fala é do personagem, mas sim uma partícula introdutória (a conjunção **que** ou **se**). Observe, novamente, o exemplo também extraído de “Memórias Póstumas”:

Certo dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque desejava comer doce quente. A negra recusou-se a atender-me, **alegando que** teria dor de barriga. Mas a perversidade não parou por aí. Enchi a mão de cinzas, joguei no tacho. À mãe, **disse que** a escrava estragara o doce, de propósito.

No fragmento, como marcas do discurso indireto, encontramos dois verbos de dizer (alegar e dizer), além da conjunção **que**.

2.1.6.3 Discurso indireto livre

No discurso indireto livre não há uma fronteira que delimite claramente a fala do narrador e do personagem. Uma leitura um pouco mais detalhada sobre o assunto revela que:

[...] Muito frequentemente ele escapa a uma identificação unívoca, tanto que não estamos seguros do lugar exato em que surge e do momento preciso em que desaparece. Podemos ver isso bem nesta recordação dos sentimentos de Emma:

Lembrou-se então das heroínas dos livros que lera, e toda aquela lírica legião de mulheres adúlteras começou a cantar-lhe na memória, com vozes de irmãs que a seduziam. Tornava-se ela mesma agora parte autêntica dessas imaginações e realiza o longo devaneio da sua juventude, enquadrando-se naquele tipo de mulher apaixonada que tanto invejara. **Já sofrera bastante!** Mas agora triunfava, e o amor, por tanto tempo reprimido, jorrava livremente em alegre efervescência. Saboreava-o sem remorsos, sem inquietude, sem desassossego (Madame Bovary, p. 147-148).

Excetuando-se o enunciado exclamativo, único fragmento que pertence indubitavelmente ao discurso indireto livre, a voz da heroína e a do narrador estão tão misturadas que somos incapazes de chegar a um diagnóstico seguro.

O fato de que o discurso indireto livre não tem marcas próprias não implica entretanto que sua enunciação não seja submetida a nenhuma restrição. Dele são excluídos os elementos que o tornariam indiscernível do discurso direto ou discurso indireto: a subordinação a um verbo *dicendi* de um lado, a presença do par de embreantes *eu-tu*, de outro.

Fonte: MAINGUENEAU, Dominique. **Elementos de linguística para o texto literário**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 120.

Você percebeu, acadêmico(a), que uma sequência narrativa apresenta vários elementos a serem levados em consideração, tanto na elaboração quanto na análise. Para complementar o que aprendemos, sugerimos a leitura do esquema que o professor José Manuel Martins Cobrado (2007) elaborou sobre o assunto. Boa leitura!

LEITURA COMPLEMENTAR

O TEXTO NARRATIVO

José Manuel Martins Cobrado

O texto narrativo é o relato de uma história, real ou imaginária, contada (narrada) por um narrador, cujas personagens se envolvem numa ação que decorre num determinado espaço, durante certo período de tempo. Neste tipo de texto, pode surgir a narração, a descrição, o diálogo e mesmo algumas reflexões (são os chamados modos de expressão).

É uma forma de comunicação, literária ou não literária, que tem por finalidade relatar um ou mais acontecimentos.

Segundo Harry Shaw, a narração ou narrativa é uma forma de discurso o qual se exemplifica em história, notícias de jornais, biografias, autobiografias, anedotas, contos, fábulas, lendas, novelas, romances, epopeias. É dinâmica, com predomínio do verbo no pretérito perfeito, na 3ª pessoa.

No processo narrativo, distinguimos: o narrador, o narratário (destinatário ou leitor) e o sujeito de quem se fala.

O NARRADOR é alguém que o criador da obra literária põe a contar a história:

CIÊNCIA
DO
NARRADOR

- Conhecimento **onisciente** – o narrador sabe tudo o que diz respeito às ações.
- Conhecimento **interno** – o narrador, na sua ciência, está com e como a personagem. Pode tomar posição – é subjetivo.
- Conhecimento **externo** – o narrador informa, apenas, os aspectos exteriores e não toma posição – é objetivo.

PRESENÇA
DO
NARRADOR

PARTICIPANTE
Dentro

- Como protagonista (personagem principal)
- narração na 1ª pessoa – **autodiegético**.
- Como personagem secundária – **homodiegético**.

NÃO PARTICIPANTE
Fora

- É observador.
- Narração na 3ª pessoa – **heterodiegético**.

POSIÇÃO
DO
NARRADOR

Objetivo – limita-se a narrar friamente os acontecimentos.

Subjetivo – narra os acontecimentos declarando ou sugerindo a sua posição.

AS CATEGORIAS DA NARRATIVA

A AÇÃO
(intriga, diegese,
história):

Relevo

- **Central ou principal** – é o acontecimento principal.
- **Secundária** – são acontecimentos de menor importância.

Delimitação

- **Fechada** – ação solucionada até o pormenor.
- **Aberta** – ação não solucionada.

**Organização
das
sequências
narrativas**

- **Encadeamento** – ordenação cronológica das ações.
- **Alternância** – entrelaçamento das ações.
- **Encaixe** – introdução de uma ação noutra.

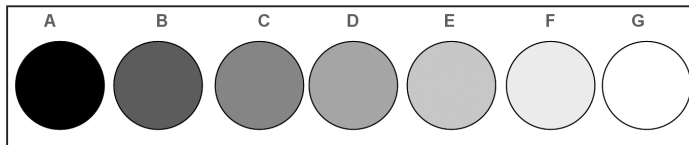
PERSONAGENS:	Relevo	{	<ul style="list-style-type: none"> - Central ou principal – personagem em volta da qual a ação se desenrola, individual ou coletiva. - Secundária – personagem de menor importância para a ação, adjuvantes ou oponentes. - Figurante – não participa, apenas é referida.
	Processo de caracterização	{	<ul style="list-style-type: none"> - Direta – através de palavras da personagem acerca de si própria, de palavras de outras personagens, de afirmações do narrador. - Indireta – deduções do leitor acerca da personagem, a partir de suas atitudes ou ações.
	Retrato	{	<ul style="list-style-type: none"> - Físico – características físicas, idade, vestuário. - Psicológico – caráter, personalidade.
	Densidade psicológica	{	<ul style="list-style-type: none"> - Tipos ou planas (por vezes caricaturas) – não têm individualidade própria; representam grupos sociais... - Redondas – são individualizadas.
ESPAÇO: (onde?) Lugar ou lugares onde ocorre a ação		{	<ul style="list-style-type: none"> - Físico – lugar onde a ação se realiza. - Psicológico – o lugar do pensamento e da emoção das personagens. - Social – o meio social a que pertencem e onde se deslocam as personagens.
TEMPO: (quando?) Tempo ou tempos em que decorre a ação		{	<ul style="list-style-type: none"> - Cronológico – marcas da passagem do tempo (dia, mês, ano, século etc.) - Psicológico – o tempo sentido pelas personagens. - Histórico – enquadramento histórico das ações.
		{	<ul style="list-style-type: none"> - Analepse ou <i>flashback</i> – recuo no tempo. - Prolepse ou <i>flashforward</i> – avanço no tempo.

MODOS DE EXPRESSÃO:

- **Narração** – é o relato de acontecimentos, é um momento de avanço da ação (**núcleos** ou **cardinais**). Predominam os verbos.
- **Descrição** – é o descrever de personagens, lugares, objetos etc. São momentos de pausa (**catálises**). Predominam os adjetivos e os nomes.
- **Diálogo** – é a fala entre duas ou mais personagens.

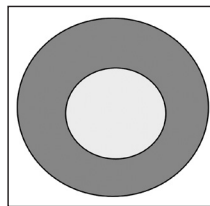
ORGANIZAÇÃO DAS SEQUÊNCIAS NARRATIVAS:

1- Encadeamento: As sequências entrelaçam-se sucessivamente.



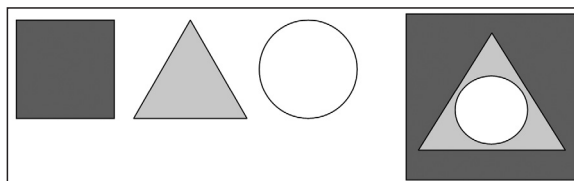
A não contém B
B não contém A

2- Encaixe: quando numa narrativa principal está ou estão contidas outras secundárias.



A contém B
B contém A

3- Alternância: quando o narrador deixa um assunto para introduzir outro, sem pôr de parte o anterior, de forma que, no fim, todos se juntam.



A contém BC
B contém C

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico, você viu que:

- A sequência tipológica narrativa envolve uma série de ações, que se desenvolvem em um determinado tempo.
- São elementos da sequência narrativa:
 - personagens (protagonista, antagonista, secundária);
 - ambiente;
 - tempo (biológico, cronológico, histórico, psicológico);
 - foco narrativo (1ª ou 3ª pessoa);
 - enredo (linear e não linear);
 - discurso (direto, indireto e indireto livre).



1 Selecione um gênero cuja sequência de base seja narrativa e realize a seguinte análise:

- a) Em relação aos personagens, como podem ser classificados?
- b) Como o ambiente é explorado?
- c) Tempo: como ocorre a sucessão de fatos?
- d) Qual o discurso empregado pelo narrador?

2 Leia a notícia abaixo:

Um homem morreu depois de bater o carro em uma árvore no Grajaú, na região oeste de Belo Horizonte. Segundo a polícia o motorista passou mal ao volante.

FONTE: <<https://noticias.r7.com/minas-gerais/balanco-geral-mg/videos/homem-passa-mal-bate-carro-em-arvore-e-morre-em-bh-01092018>>. Acesso em: 1º set. 2018.

- I- Na notícia, pode-se perceber características da sequência tipológica narrativa.
- II- Na notícia, pode-se perceber os seguintes elementos: personagem, ambiente, tempo, foco narrativo, enredo e discurso.
- III- Na notícia, o tempo é psicológico.

Estão corretas:

- a) () I e II.
- b) () II e III.
- c) () I e III.
- d) () Apenas I.

3 Leia o texto abaixo:

João acordou pouco antes das 10h com a campainha tocando. Pelo olho mágico viu que era um oficial de justiça executando a cobrança do aluguel seis meses atrasado. “Droga, antes do café da manhã!”, pensou enquanto tirava a corrente de segurança e destrancava a porta. Depois de assinar o comprovante de recebimento, pegou o envelope e o deixou cuidadosamente ao lado de outros envelopes de conteúdo semelhante. Um do cartão de crédito, outro do banco cobrando “juros abusivos” pelo cheque especial. O envelope por cima de todos na pilha era um ofício chamando-o para a audiência de conciliação com a ex-mulher. “Pensão alimentícia dá cadeia...”, coçava a cabeça enquanto catava no

armário o café e o coador. “Nada de pensar em problemas antes do café da manhã”... Mas ele pensava. Impossível não pensar com a chuva de envelopes se acumulando sobre a estante da sala. “O problema – concluía João enquanto jogava colheradas de café no coador – é que tia Otaviana me deserdou. Logo eu, que era seu sobrinho favorito”...

FONTE: <<https://mardehistorias.wordpress.com/2009/05/20/devo-nao-nego-o-fragmento-de-um-conto/>>. Acesso em: 1º set. 2018.

O texto revela que:

- I- Há presença do tempo cronológico e psicológico na narrativa.
- II- O enredo apresenta-se predominantemente linear.
- III- Há apenas um personagem ao longo da narrativa, João.

Estão corretas:

- a) () I e II.
- b) () II e III.
- c) () I e III.
- d) () Apenas III.

4 Em relação às sequências narrativas, avalie as afirmações a seguir:

- I- Na notícia, no conto de fadas e no sermão a sequência narrativa ocorre da mesma forma.
- II- Na notícia, a ordenação cronológica é idêntica àquela aplicada aos contos de fada.
- III- Em cada gênero (notícia, conto de fadas, manchetes) a narrativa obedece a um esquema próprio.

Estão corretas:

- a) () I e II.
- b) () I e III.
- c) () II e III.
- d) () Apenas a III está correta.

SEQUÊNCIAS DESCRITIVAS

1 INTRODUÇÃO

A sequência descritiva, assim como as demais, está presente numa diversidade de gêneros. Sua função, como veremos a seguir, é representar com palavras um ser. Logo vamos descobrir que:

I. esse ser pode ser um pessoa, uma paisagem, um ambiente, um objeto, uma cena, um sentimento, uma experiência;

II. a sequência descritiva pode aparecer em gêneros como manuais de instrução, guias turísticos, relatórios e teses, reportagens, etc.

Neste tópico, vamos priorizar os gêneros em que predomina a sequência descritiva a fim de caracterizá-la e compará-la às demais sequências (narrativa e opinativa).

2 CARACTERÍSTICAS DAS SEQUÊNCIAS DESCRITIVAS

Leia os textos a seguir e complete as lacunas:

OK750i, da Sony Ericsson, traz uma câmera de 2MP embutida. Isso significa fotos com resolução de 1632 por 1224 pixels, o que já permite a impressão da imagem em papel com um resultado aceitável. Com tecnologia GSM, o K750i também dá *show* em facilidade de uso. A lente fica nas costas do _____, protegida por uma cobertura móvel. O enquadramento é feito com o auxílio da tela de 262 mil cores. O *zoom* digital é acionado pelo dedo indicador esquerdo, e, o obturador, pelo indicador direito. A câmera também grava vídeos, que são armazenados nos 38 MB de memória interna ou no cartão *Memory Stick Duo* de 64 MB. A transmissão das fotos para o PC pode ser feita por infravermelho, *Bluetooth* ou conexão USB, com o cabo que acompanha o celular.

FONTE: LOPES, Airton. Cliques no celular. **Info**, São Paulo, ed. 25, p. 50, jan. 2006. Coleção 2006.

QUADRO 2 – PROPAGANDA

<p>TOTALMENTE AUTOMÁTICA Com três recipientes, sua _____ distribui automaticamente, de acordo com a etapa de lavagem, o sabão em pó, o amaciante e o alvejante, sem que você precise acompanhar a lavagem para fazer isso manualmente. Mais conforto e bem-estar.</p>
<p>PAINEL DE CONTROLE ELETROMECAÂNICO Simplicidade de comandos, opções mais adequadas de programas de lavagens, opções de centrifugação e níveis de água. Mais comodidade e facilidade de uso.</p>
<p>[...]</p>

FONTE: MULTIBRÁS S.A. ELETRODOMÉSTICOS. **Lavadora Consul Cargo 8kg**. São Paulo. p. 2.

Você deve ter descoberto facilmente o que retratam tais fragmentos, isso porque as sequências narrativas apontam:

[...] características e/ou elementos constitutivos, singularizantes, do ser-referente (pessoas, animais, plantas, objetos, ambientes, paisagens, processos, etc.), captados pelo emissor através dos sentidos e veiculados através do código oral e escrito, objetivando fazer o receptor saber “o que é” o ser-referente, “como é” e “como está”, num certo momento estático de tempo (FLÔRES, OLÍMPIO; CANCELIER, 1994).

As figuras que acompanhavam os textos (referente ao celular e à máquina de lavar) foram propositalmente excluídas, mas também cumprem um papel essencial, já que “[...] não é língua que significa, isto é, o sentido não está somente nas palavras. Está, ao mesmo tempo, nas palavras, nas pessoas que as utilizam e nas circunstâncias em que são utilizadas. O ritual que produz sentido já não é, portanto, apenas verbal” (CORRÊA, 2003, p. 20). Para representar com palavras, é necessário saber qual é objetivo do texto, ou seja, verificar sua intencionalidade, a quem se destina, nível de linguagem a ser empregado, enfim, primeiro precisamos saber onde e com que finalidade o texto vai circular para decidir os aspectos a serem retratados na sequência descritiva que vai compô-lo.



Unidade 1.

Viu? Não é possível esquecermos os fatores de textualidade, abordados na

Nos exemplos acima, utilizamos os gêneros reportagem e manual de instrução, o que justifica o nível de linguagem empregado. Em ambos, dirigidos para um público adulto, podemos dizer que foi adotado o nível intermediário de linguagem. Além disso, percebemos que o primeiro inclui termos técnicos ao

longo da descrição, compreensíveis apenas por um tipo de público específico. A explicação para tal fato está no tipo de produto: um celular com câmera. O segundo, uma máquina de lavar, com um público diferente, já possui um vocabulário bastante acessível. Em relação ao manual da lavadora de roupas, é importante dizer que a disposição do texto também contribui para a compreensão e consulta do leitor, visto que se trata de um manual. Pense nos momentos em que você precisa consultá-lo e nos diversos públicos consumidores: só vamos procurar o manual quando o produto apresentar algum problema e, então, queremos achar com certa rapidez a informação de que precisamos. Para tanto, o texto deve contribuir para identificá-la rapidamente, daí a preocupação com o *layout* (texto e figura). Além disso, há públicos com diferentes níveis e habilidades de leitura, daí o emprego de um vocabulário acessível a grande parte dos leitores, no caso da máquina de lavar.

Depois dessa primeira aproximação com a sequência descritiva, vamos conhecer um pouco mais sobre suas características. Para tanto, continuamos com o amparo de Fiorin e Savioli (1992) e Flôres, Olímpio e Cancelier (1994).

Se tomarmos como exemplo a reportagem sobre o celular e sobre a máquina de lavar roupas, perceberemos algumas características que marcam as sequências descritivas: a apresentação de ocorrências simultâneas, isto é, uma não pode ser considerada cronologicamente anterior a outra; apesar do emprego de verbos de ação (distribuir, gravar, etc.), todos estão no presente e não há transformação de estado. Isto porque sua função é apresentar as propriedades e aspectos de um ser (celular e máquina de lavar) num certo estado, num ponto estático do tempo.

A ausência de progressão temporal, portanto, é uma das características marcantes das sequências descritivas em relação às narrativas. Veja mais esta reportagem como exemplo:

Tiradentes. Casario colonial, serra e maria-fumaça

Romântico é não ter pressa. É ter tempo de, a dois, ver o tempo passar sem o menor compromisso com os ponteiros do relógio. E Tiradentes, essa pequena cidade mineira de pouco mais de seis mil habitantes, a 196 quilômetros de Belo Horizonte, parece que foi feita para isso. A mais bem preservada cidade do circuito histórico de Minas Gerais, e menos badalada do que Monte Verde (outro cantinho mineiro muito procurado por casais), Tiradentes parece cenário de filme, com calçamento de pedra – chamado de pé de moleque – construções seculares. Entre elas, destaca-se a Matriz de Santo Antônio, de 1732, com fachada e portada atribuídas a Aleijadinho. Não é apenas o interior do templo, com altares de talha dourada e coro decorado, que chama a atenção. No fim da tarde, quando se encerra o período de visitação, vale a pena subir at e a igreja apenas para acompanhar o movimento dos últimos raios de sol nos pared es de pedra da serra de São Jos e.[...]

FONTE: VAXELL, Haroldo. Amor sem fronteiras. **Florence**, n. 15, p. 73, Primavera 2007.

O texto não sugere nenhuma mudança de estado, nenhuma progressão temporal, é como se tivéssemos acesso a uma foto da cidade Tiradentes. Agora, se quiséssemos inserir alguma marca da sequência narrativa, bastaria introduzir algum enunciado que indicasse a mudança de um estado para outro. Vamos tentar?

[...] No fim da tarde, quando se **encerrou** o período de visitação, **subimos** até a igreja apenas para acompanhar o movimento dos últimos raios de sol nos paredões de pedra da serra de São José.

Viu? As alterações nos verbos (do presente para o pretérito: encerrou, subimos) inseriram a relação de anterioridade e posteridade entre os enunciados, característica típica da sequência narrativa.

2.1 FORMAS DE DESCRIÇÃO

As sequências descritivas, conforme a finalidade, público, a que se destina o texto, podem ser classificadas em literárias e técnicas.

As literárias possuem as seguintes características, conforme Flôres, Olímpio e Cancelier (1994) :

- despertar emoções, impressionar e agradar o leitor;
- emprego do feitiço artístico da frase e da subjetividade;
- o mundo exterior é descrito como o escritor o vê, sente e julga.

Para ilustrar as características acima, leia o texto a seguir:

O grande desastre aéreo de ontem

Vejo sangue no ar, vejo o piloto que levava uma flor para a noiva, abraçado à hélice. E o violinista, em que a morte acentuou a palidez, despenhar-se com sua cabeleira negra. Há mãos e pernas de dançarinas arremessadas na explosão. Corpos irreconhecíveis identificados pelo Grande Reconhecedor. Vejo sangue no ar, vejo chuva de sangue caindo nas nuvens batizadas pelo sangue dos poetas mártires. Vejo a nadadora belíssima, no seu último salto de banhista, mais rápida porque vem sem vida. Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, como se dançassem ainda. E vejo a louca abraçada ao ramalhete de rosas que ela pensou ser o paraquedas, e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu como um cometa. E o sino que ia para uma capela do oeste, vir dobrando finados pelos pobres mortos. Presumo que a moça

adormecida na cabine ainda vem dormindo, tão tranquila e cega! Ó amigos, o paralítico vem com extrema rapidez, vem como uma estrela cadente, vem com as pernas do vento. Chove sangue sobre as nuvens de Deus. E há poetas míopes que pensam que é o arrebol.

FONTE: LIMA, Jorge de. Poesia. In: FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. Para entender o texto: leitura e redação. 3. ed. São Paulo: Ática, 1992. p. 353-354.

O que poderíamos dizer sobre a leitura acima? Numa visão reducionista, apenas que o texto descreve a explosão de uma aeronave e a queda dos corpos. Entretanto, você como leitor(a) sabe que não é apenas isso. O texto apresenta os passageiros do avião como participantes de uma coreografia, de um balé, o que desperta a atenção do leitor. O desastre aéreo é transfigurado a partir da subjetividade do poeta, “[...] o texto é plurissignificativo.” O tratamento estético que Jorge de Lima deu ao texto revela sua forma de ver o mundo, veja: “Ao construir a imagem dos corpos a cair como num balé, o poeta mostra a igualdade dos homens na tragédia, onde de nada valem as diferenças que opõem as pessoas neste mundo. Todos são iguais na morte!” (FIORIN; SAVIOLI, 1992, p. 355).

Além das sequências descritivas literárias (como esta que você acabou de ler), temos as descritivas técnicas, feitas a partir da objetividade, eficácia e exatidão da informação, cuja função é “[...] tornar conhecido um ser, um mecanismo ou um processo, através de uma análise clara e metódica de suas partes [...]”, como apontam Flôres, Olímpio e Cancelier (1994, p. 59).

Para ilustrar as sequências descritivas técnicas, basta lembrarmos da reportagem do celular com câmera e do manual de instruções. Em ambos, representam-se os objetos de maneira técnica, com o máximo de exatidão na linguagem.

Neste Tópico, aprendemos um pouco mais sobre as sequências descritivas. Para complementar nossos conhecimentos, sugerimos a leitura do material produzido pela Equipe responsável pelo Ensino a Distância de Português, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sucesso na Leitura!

LEITURA COMPLEMENTAR

O QUE É UM TEXTO DESCRITIVO

Segundo Othon M. Garcia (1973), “Descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem.” Exemplos:

a) parágrafo descritivo, extraído de **Vidas Secas**, de Graciliano Ramos:

“Estavam no pátio de uma fazenda sem vida. O curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e também deserto, a casa do vaqueiro fechada, tudo anunciava abandono. Certamente o gado se finara e os moradores tinham fugido”.

Observando este trecho, notamos que todos os detalhes apresentados acerca do objeto descrito (fazenda) contribuem para a formação de sua imagem de atual destruição e miséria. A contraposição de adjetivos e locuções adjetivas denotativas de **morte** a substantivos que sugerem a **vida** intensifica o contraste entre a prosperidade do passado e a escassez do presente. Note que a adjetivação acrescenta uma nova ideia aos substantivos. Deste fato decorre a força expressiva da descrição. A adjetivação estereotipada deve ser evitada, porque já perdeu toda a sua expressividade.

b) Trecho de **Sagarana**, de Guimarães Rosa:

“Era um burrinho pedrês, miúdo e resignado, vindo do Passa-Tempo, Conceição do Serro, ou não sei onde no sertão. Chamava-se Sete-de-Ouros, e já fora tão bom, como outro não existia e nem pode haver igual.

Agora, porém, estava idoso, muito idoso. Tanto que nem seria preciso abaixar-lhe a maxila teimosa, para espiar os caldeirões dos dentes. Era decrépito mesmo à distância: no algodão bruto do pelo - sementinhas escuras em rama rala e encardida; nos olhos remelentos, cor de bismuto, com pálpebras rosadas, quase sempre oclusas, em constante semissono; e na linha fatigada e respeitável - uma horizontal perfeita, do começo da testa à raiz da cauda em pêndulo amplo, para cá, tangendo as moscas”.

Descrever não é enumerar o maior número possível de detalhes, mas assinalar os traços mais singulares, mais salientes; é fazer ressaltar do conjunto uma impressão dominante e singular. Dependendo da intenção do autor, varia o grau de exatidão e minúcia na descrição.

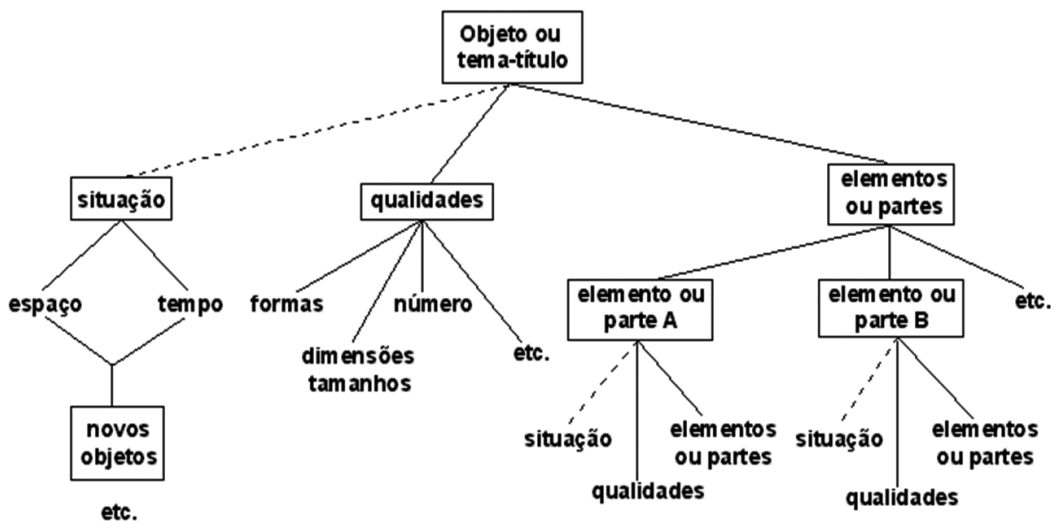
Diferentemente da narração, que faz uma história progredir, a descrição faz interrupções na história, para apresentar melhor um personagem, um lugar, um objeto, enfim, o que o autor julgar necessário para dar mais consistência ao texto. Pode também ter a finalidade de ambientar a história, mostrando primeiro o cenário, como acontece no texto a seguir:

“Ao lado do meu prédio construíram um enorme edifício de apartamentos. Onde antes eram cinco românticas casinhas geminadas, hoje se instalaram mais de 20 andares. Da minha sala vejo as varandas (estilo mediterrâneo) do novo monstro. Devem distar uns 30 metros, não mais.

E foi numa dessas varandas que o fato se deu”.

(PRATA, Mário. **100 Crônicas**. São Paulo: Cartaz Editorial, 1997)

A descrição tem sido normalmente considerada como uma expansão da narrativa. Sob esse ponto de vista, uma descrição resulta frequentemente da combinação de um ou vários personagens com um cenário, um meio, uma paisagem, uma coleção de objetos. Esse cenário desencadeia o aparecimento de uma série de subtemas, de unidades constitutivas que estão em relação metonímica de inclusão: a descrição de um jardim (tema principal introdutor) pode desencadear a enumeração das diversas flores, canteiros, árvores, utensílios etc., que constituem esse jardim. Cada subtema pode igualmente dar lugar a um maior detalhamento (os diferentes tipos de flor, suas cores, sua beleza, seu perfume...).



Em trabalho recente, Hamon (1981) mostra que as sequências descritivas têm características próprias e não apenas a função de auxiliar a narrativa, chegando a apontar aspectos linguísticos da descrição: frequência de imagens, de analogias, adjetivos, formas adjetivas do verbo, termos técnicos... Além disso, o autor ressalta

a função utilitária desempenhada pela descrição face a qualquer tipo de texto do qual faz parte: **“descrever para completar, descrever para ensinar, descrever para significar, descrever para arquivar, descrever para classificar, descrever para prestar contas, descrever para explicar”**.

Na dissertação, por exemplo, a descrição funciona como uma maneira de comentar ou detalhar os argumentos contra ou a favor de determinada tese defendida pelo autor. Assim, para analisar o problema da evasão escolar, podemos utilizar como estratégia argumentativa a descrição detalhada de salas vazias, corredores vazios, estudantes desmotivados, repetência.

Genette (1966) considera duas funções da descrição na tradição literária clássica:

A primeira é, de certa forma, de ordem decorativa. Sabe-se que a retórica tradicional classifica a descrição, do mesmo modo que as outras figuras de estilo, entre os ornamentos do discurso: a descrição longa e detalhada apareceria aqui como uma pausa e uma recreação na narrativa, de papel puramente estético, como o da escultura de um edifício clássico. [...] A segunda grande função da descrição [...] é de ordem simultaneamente explicativa e simbólica: os retratos físicos, as descrições de roupas e móveis tendem, nos escritores realistas, a revelar e ao mesmo tempo justificar a psicologia dos personagens dos quais são ao mesmo tempo signo, causa e efeito.

A finalidade da descrição é transmitir uma impressão sensorial. Daí a importância, para a produção de um texto de base descritiva, de saber selecionar os detalhes, analisá-los e reagrupá-los, a fim de conseguir uma imagem expressiva.

Segundo Abreu (1990):

uma descrição representa um momento em que aquele que escreve tem de transpor alguma coisa que existe em uma dimensão espacial para uma dimensão temporal, e que um ambiente ou paisagem, que nos surgiria ao vivo em sua totalidade em um tempo único, nos aparece, na descrição escrita, aos pedaços. Quando alguém nos diz, por exemplo, *Havia uma grande sala retangular*, geralmente imaginamos uma sala vazia. Se esse mesmo alguém nos diz *No centro dessa sala havia um piano negro, coberto de pó*, passamos a imaginar a sala com um único móvel, um piano negro. E, dessa maneira, vamos mobiliando a sala aos poucos, temporalmente. Por esse motivo é que, modernamente, uma descrição deve ser breve e essencial, para situar o leitor no ambiente da narrativa ou do comentário.

Numa descrição, quer literária, quer técnica, o ponto de vista do autor interfere na produção do texto. O ponto de vista consiste não apenas na posição física do observador, mas também na sua atitude, na sua predisposição afetiva em face do objeto a ser descrito. Desta forma, existe o ponto de vista físico e o ponto de vista mental.

a) ponto de vista físico

É a perspectiva que o observador tem do objeto; pode determinar a ordem na enumeração dos pormenores significativos. Enquanto uma fotografia ou uma tela apresentam o objeto de uma só vez, a descrição apresenta-o progressivamente, detalhe por detalhe, levando o leitor a combinar impressões isoladas para formar uma imagem unificada. Por esse motivo, os detalhes não são todos apresentados em um único período, mas pouco a pouco, para que o leitor, associando-os, interligando-os, possa compor a imagem que faz do objeto da descrição.

Observamos e percebemos com todos os sentidos, não apenas com os olhos. Por isso, informações a respeito de ruídos, cheiros, sensações tácteis são importantes em um texto de base descritiva, dependendo da intenção comunicativa.

Outro fator importante diz respeito à ordem de apresentação dos detalhes. Este ponto será desenvolvido no item 4, referente à coerência e à coesão do texto de base descritiva.

Texto 1 - trecho de conversa informal (entrevista)

“Vamos ver. Bom, a sala tem forma de ele, apesar de não ser grande, né, dá dois ambientes perfeitamente separados. O primeiro ambiente da sala de estar tem um sofá forrado de couro, uma forração verde, as almofadas verdes, ladeado com duas mesinhas de mármore, abajur, um quadro, reprodução de Van Gogh. Em frente tem uma mesinha de mármore e em frente a esta mesa e portanto defronte do sofá tem um estrado com almofadas areia, o aparelho de som, um baú preto. À esquerda desse estrado tem uma televisão enorme, horrorosa, depois tem em frente à televisão duas poltroninhas vermelhas de jacarandá e aí termina o primeiro ambiente. Depois então no outro, no alongamento da sala tem uma mesa grande com seis cadeiras com um abajur em cima, um abajur vermelho. A sala é toda pintadinha de branco ...”
[Corpus do Projeto NURC/RJ] - UFRJ- Mulher, 30 anos - Tema: Casa]

Comentário sobre o texto 1

Neste trecho da entrevista, a informante descreve a sala, nomeando as peças que compõem os dois ambientes, reproduzidos numa sequência bem organizada. A localização da mobília é fornecida por meio de diversas expressões de lugar, como **em frente**, **defronte**, **à esquerda**, **em cima**, que ajudam a imaginar com clareza a distribuição espacial. Há uma preocupação da informante em fazer o nosso olhar percorrer a sala, dando os detalhes por meio das cores (**verde**, **areia**, **preto**, **vermelhas**), do tamanho (televisão **enorme**, **poltroninhas**, **mesinhas**, **sala pintadinha**). É também interessante observar que essa informante deixa transparecer suas impressões pessoais, como por exemplo, ao usar o adjetivo **horrorosa**, para falar da televisão e **pintadinha**, no diminutivo, referindo-se com carinho às suas salas de estar e de jantar.

b) ponto de vista mental ou psicológico

A descrição pode ser apresentada de modo a manifestar uma impressão pessoal, uma interpretação do objeto. A simpatia ou antipatia do observador pode resultar em imagens bastante diferenciadas do mesmo objeto. Deste ponto de vista, dois tipos de descrição podem ocorrer: a objetiva e a subjetiva.

- a **descrição objetiva**, também chamada de realista, é a descrição exata, dimensional. Os detalhes não se diluem, ao contrário, destacam-se nítidos em forma, cor, peso, tamanho, cheiro etc. Este tipo de descrição pode ser encontrado tanto em textos literários de intenção realista (por exemplo, em Euclides da Cunha, Eça de Queiroz, Flaubert, Zola), quanto em textos não literários (técnicos e científicos).
- a **descrição subjetiva** reflete o estado de espírito do observador, suas preferências. Isto faz com que veja apenas o que quer ou pensa ver e não o que está para ser visto. O resultado dessa descrição é uma imagem vaga, diluída, nebulosa, como os quadros impressionistas do fim do século XIX. É uma descrição em que predomina a conotação.

“Ao descrever um determinado ser, tendemos sempre a acentuar alguns aspectos, de acordo com a reação que esse ser provoca em nós. Ao enfatizar tais aspectos, corremos o risco de acentuar qualidades negativas ou positivas. Mesmo usando a linguagem científica, que é imparcial, a tarefa de descrever objetivamente é bastante difícil.

Apesar dessa dificuldade, podemos atingir um grau satisfatório de imparcialidade se nos tornarmos conscientes dos sentimentos favoráveis ou desfavoráveis que as coisas podem provocar em nós. A consciência disso nos habilitará a confrontar e equilibrar os julgamentos favoráveis ou desfavoráveis.

Um bom exercício consiste em fazer dois levantamentos sobre a coisa que queremos descrever: o primeiro, contendo características tendentes a enfatizar aspectos positivos; o segundo, a enfatizar aspectos negativos. Por exemplo, ao descrever uma mesma pessoa, podem surgir dois relatos:

A favor	Contra
Tinha dentes brancos.	Tinha dentes irregulares.
Os olhos eram azuis, os cabelos, louros e fartos.	Raramente encarava as pessoas.
Vestia camisa branca e limpa.	A camisa estava esfiapada nos punhos.
Falava com cortesia.	O tom de voz era agudo demais.
Gostava de cães.	Não gostava de crianças.

A este processo de selecionar pormenores favoráveis ou desfavoráveis ao ser descrito poderemos chamar ponto de vista.”

(Hayakawa, S.I. A linguagem no pensamento e na ação. São Paulo, Liv. Pioneira, 1977. In: *Para Gostar de Escrever*. Faraco e Moura. São Paulo, Ática, 1984, p. 71.)

FONTE: O QUE é um texto descritivo. Disponível em: <<http://acd.ufrj.br/~pead/tema07/oqueetxtdescritivo.html>>. Acesso em: 7 nov. 2010.



Accesse os endereços que indicamos aqui e saiba mais sobre as sequências que vimos nesta Unidade.

<<http://132.248.9.1:8991/hevila/Revistavirtualdeestudodalinguagem/2006/vol4/no6/14.pdf>>.

<<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/viewFile/680/859>>.

RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico, você viu que:

- A sequência descritiva tem por função descrever um objeto, um ser, um sentimento etc.
- Sua principal diferença em relação à sequência narrativa é a ausência de relação de anterioridade ou posterioridade entre os enunciados.
- Outras características: uso de verbos que indicam estado, do tempo verbal presente do indicativo.
- Conforme a finalidade a que se destinam, pode haver sequências descritivas técnicas ou literárias.

AUTOATIVIDADE



1 Procure guias turísticos, veja como esse gênero emprega as sequências descritivas. A partir daí, elabore um anúncio que apresente as opções turísticas da sua cidade. Para elaborar tal atividade, não esqueça: o leitor deste texto é um turista, não conhece sua cidade, gosta de opções variadas em termos de gastos, enfim, decida qual é perfil do seu público-leitor e onde seu texto (suporte: revista, jornal etc.) será publicado antes de começar a descrever sua cidade.

2 Leia o texto a seguir:

Localizado na praia de Muro Alto, uma das mais bonitas e preservadas do litoral sul de Pernambuco, a 54 km do aeroporto do Recife, o Nannai Resort e Spa proporciona uma experiência completa de integração com a natureza, conforto e privacidade. O resort tem como filosofia o atendimento personalizado, transmitindo carinho e dedicação aos seus hóspedes.

Tendo em vista as características da sequência descritiva, pode-se afirmar que:

- a) () O texto revela uma sucessão de eventos.
- b) () O texto impressiona e agrada o leitor.
- c) () O texto é marcado pelo tempo cronológico.
- d) () O texto é escrito em primeira pessoa.



*Assista ao vídeo de
resolução desta questão*



SEQUÊNCIAS ARGUMENTATIVAS/OPINATIVAS

1 INTRODUÇÃO

Este tópico aborda as sequências argumentativas/opinativas. Trata-se da sequência de base mais delicada a ser construída, pois nos gêneros em que ocorre visa a convencer o outro de uma determinada ideia, influenciá-lo.

A perspectiva de ‘transformar/mudar’ a ideia do outro é bastante complexa, pois:

- o assunto sobre o qual se constrói o texto argumentativo geralmente é uma questão controversa, que gera polêmica em determinados círculos sociais;
- exige seleção de argumentos convincentes, elaborados a partir de dados consistentes;
- requer a refutação de possíveis opiniões divergentes (e elas sempre existirão, já que para a ocorrência da sequência opinativa um tema polêmico é indispensável).

Entretanto é uma sequência importantíssima a ser trabalhada, visto que nossos alunos precisam saber expor seus pontos de vista para ser cidadãos capazes de exigir e lutar por seus direitos. Vamos começar!

2 ESTRUTURA DA SEQUÊNCIA ARGUMENTATIVA/OPINATIVA

Para compreendermos as características e a função da sequência argumentativa/opinativa, vamos inicialmente saber o que dizem alguns autores a respeito do assunto:

A interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade. Como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, **avalia, julga, critica, isto é, forma juízo de valor**. Por outro lado, por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – tenta **influir sobre o comportamento de outro ou fazer com que compartilhe de suas opiniões**. É por esta razão que se pode afirmar que o ato de argumentar constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende ‘neutro’, ingênuo, contém também uma ideologia – a de sua própria objetividade (KOCH, 1984a, p. 19 apud FLÔRES; OLÍMPIO; CANCELIER, 1994, p. 20, grifos nossos).

Para Brandão (2001, p. 32):

Um discurso argumentativo visa a **intervir diretamente sobre as opiniões, atitudes ou comportamentos de um interlocutor ou de um auditório** tornando crível ou aceitável um enunciado (conclusão), apoiado, segundo modalidades diversas, sobre um outro (argumentativo, dado ou razões). Argumento, dado, razões são variantes de um mesmo fenômeno. Elas constituem a(s) premissa(s) que visa(m) a apoiar ou refutar uma proposição (conclusão).

Se você leu com atenção os dois conceitos, deve ter percebido que as sequências argumentativas/opinativas têm como objetivo convencer o interlocutor de um determinado ponto de vista. Tomando por base essa ideia, é preciso dizer que a sequência argumentativa/opinativa só pode surgir quando temos em pauta um assunto polêmico, controverso, enfim, um assunto que desperte opiniões divergentes. Ninguém precisa apresentar argumentos para convencer o outro a respeito daquilo de que este já está convencido: ninguém vai desperdiçar tempo para provar que a chuva molha, que homens e mulheres são de sexos diferentes, que as zebras são listradas de branco e preto.

Agora, quando pensamos a respeito da adoção da pena de morte no Brasil, da eutanásia, do controle de natalidade, da possibilidade de casais homossexuais adotarem uma criança, do aborto, do fechamento do posto de saúde da nossa comunidade, da falta de ônibus para atender nossa comunidade, e tantos outros temas contemporâneos (desde os regionais até os mundiais) que nos dizem respeito, certamente vamos encontrar alguém cuja opinião seja diferente da nossa.

E o que explica tanta diferença nos pontos de vista? Nossa opinião é formada a partir de experiências pessoais, da cultura, do momento histórico, da crença religiosa, da idade, daí a razão para tanta divergência. Então, como convencer o outro? Como fazer valer meu ponto de vista? Infelizmente, caro acadêmico, não há receita, mas quem lê e sabe como organizar (de forma clara e coerente) as informações extraídas das diversas fontes (livros, revistas, jornais, sites) tem boas chances de produzir um texto que convença. Você pode não concordar com o que o autor diz, mas não pode negar que o texto foi bem elaborado. Caso discorde, é hora de pegar a caneta ou o teclado e manifestar sua opinião. Veja como isso ocorre a partir dos textos a seguir.

Educação baseada em evidência

Se consultarmos um médico bem formado, uma vez feito o diagnóstico, ele vai decidir a terapia com base na experiência passada com pessoas que penavam a mesma síndrome e tomaram diferentes remédios. Será prescrita aquela droga cujas estatísticas de sucesso são maiores do que as alternativas disponíveis. Decide a evidência, e não a palavra do luminar ou a tradição. É a medicina baseada na evidência.

Seria de imaginar que, na sala de aula, o critério fosse o mesmo. A evidência do que deu mais certo orientaria a escolha do método de alfabetizar, do livro ou da forma de ensinar. Parece lógico, funciona na medicina. Mas o professor não busca a evidência acumulada para orientar sua sala de aula. Uma possível explicação para isso é que a evidência científica é incontrolável e pode revelar verdades desagradáveis.

Com o auxílio de João Batista de Oliveira, exploro abaixo algumas constatações constrangedoras e penosas. O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) é uma prova tecnicamente bem feita e impecavelmente aplicada. Mostra o nível de aprendizado dos alunos a ele submetidos. Tomando estudantes da 4ª série do Ensino Fundamental e tabulando pelo perfil dos professores que eles tiveram, podemos calcular a média para cada subgrupo. Essa média indica quanto aprenderam os alunos que têm mestres com este ou aquele perfil de formação. Os alunos de professores que cursaram magistério ou pedagogia têm notas piores do que os de professores que possuem diploma superior em outra carreira. Aprende mais quem aprende com quem não é professor? Não sabemos ao certo. Se for verdade, por que não facilitamos aos que possuem outros diplomas de curso superior o acesso ao magistério? O Saeb apenas dá pistas. É preciso aprofundar a análise, com dados complementares. Temos muitas estatísticas, temos gente qualificada para analisá-las com a sofisticação requerida. Precisamos saber mais e com mais precisão. O Saeb mostra outras pistas interessantes. Buscando-se os fatores que mais aumentam o rendimento dos alunos, encontramos os seguintes:

- O maior diferencial de rendimento está ligado ao cumprimento do currículo previsto. Se o professor não ensina, o aluno não tem chance de aprender. Parece óbvio, mas o mau uso do tempo é endêmico.
- Um dos fatores mais correlacionados com bons resultados é o uso regular de livros e de outros recursos da biblioteca. Diante disso, causa espanto ver menos de 50% das escolas com bibliotecas.
- Aprendem mais os alunos de professores que consideram ótimo o livro didático adotado. Contudo, em apenas metade das classes todos os estudantes possuem livros e só a metade dos mestres recebe do MEC o livro solicitado.
- Os professores contratados via CLT têm alunos com mais alto rendimento. São melhores mestres do que os estatutários e os contratados em regime precário? Por quê? É o regime ou têm alunos diferentes?
- Os alunos dos professores que fizeram cursos de capacitação, abundantemente oferecidos pelo país afora, não têm notas melhores. Serão inúteis tais cursos?

O Saeb não é diagnóstico preciso nem terapia, apenas um termômetro. Mostra a existência de um problema e dá pistas para sua identificação em

estudos subsequentes, com ferramentas mais elaboradas. Mas, se acreditamos na educação baseada em evidência, não podemos ignorar o sinal de alarme, sugerindo que algo vai mal. O aluno deve aprender no livro. Mas a primeira cartilha para avaliar os sistemas educativos é o Saeb. Todavia, como está denunciando verdades particularmente desagradáveis, não podemos esperar que os prejudicados tomem iniciativas. Nada vai acontecer sem a intervenção de outras forças vivas da sociedade.

FONTE: CASTRO, Cláudio de Moura Castro. Educação baseada em evidência. **Veja**, São Paulo, n. 31, p. 26, 3 ago. 2005.

Educação baseada em palpites

Imaginemos que tenho uma teoria sobre nutrição e que esta desemboca na minha dieta para emagrecer. Se, pisando na balança, descubro que meu peso aumentou, posso até continuar insistindo na excelência da minha teoria e afirmando que a balança não interessa. Mas, na lógica da ciência, minha teoria está errada — salvo enguigo da balança.

Em um ensaio anterior, defendi a ideia de que as decisões em educação deveriam ser respaldadas pela evidência científica que possa existir na área. As palavras encantadas dos gurus e as impressões pessoais devem ser confrontadas com o mundo real. É como no exemplo acima, em que as minhas teorias nutricionais são checadas pela balança. Precisamos de teorias e interpretações, mas, se não têm correspondência com a observação da realidade, elas não sobrevivem.

Recebi muitos *e-mails* louvando a ideia de que era saudável olhar a evidência. Contudo, um número alarmante de professores, como sugerem seus *e-mails*, pensa de modo diferente. Para eles: 1) Não é olhando a evidência que se decide entre o certo e o errado. Esta pode ser olímpicamente ignorada, sendo um desafio questionar as verdades reveladas. 2) O que está escrito no texto não é considerado. Portanto, tiram conclusões, assestam ataques e dirigem vitupérios ao que acham haver sido dito mas que, na realidade, não está escrito. O alvo principal das indignações é o que consideram ser as minhas “opiniões” contra os professores.

Várias mensagens rejeitam, mais ou menos assim, uma afirmativa que eu teria feito: “O Cláudio acha que os professores sem diploma de professor são melhores do que os com diploma”. Argumentam que a sua opinião é certa e a minha, errada.

Vejamos um *e-mail* representativo: “...fiquei indignada ao saber que alguém pode pensar que professores formados em pedagogia possam atuar menos em sala de aula em relação a outros formados em outras disciplinas. Quem conhece o processo ensino-aprendizagem das séries iniciais [...] jamais poderia fazer tal afirmação. A avaliação citada (*do Sistema Nacional de Avaliação*

da Educação Básica, Saeb) não pode servir de parâmetro para qualquer julgamento sobre a qualidade da Educação”.

Contudo, rejeita-se o que eu não disse! Escrevi o seguinte: nas tabulações do Saeb, “os alunos de professores que cursaram magistério ou pedagogia têm notas piores do que os de professores que têm diploma superior em outra carreira”. O trecho é a mera leitura de uma tabela. Portanto, não é minha “opinião”. Digo em seguida: “Aprende mais quem aprende com quem não é professor? Não sabemos ao certo”. Veja-se que a interpretação é apresentada na forma de uma pergunta, convidando a um esforço de entender o porquê de um resultado tão anti-intuitivo. (O presente ensaio não é propriamente sobre educação, mas sobre como entender o mundo. Portanto, não entro aqui nas explicações cabíveis.)

Nega-se a ideia de que encontramos tais respostas mediante a observação do mundo real. Implicitamente, afirma-se o inverso, isto é, desvendamos o mundo real filosofando, “achando” ou nos referindo a uma observação pessoal. É como se o Saeb fosse uma teoria alternativa que pudéssemos escolher — quando, na verdade, é o teste da teoria. É como a balança que verifica o resultado das minhas teorias nutricionais — mas não as substitui. Será que essas mesmas pessoas gostariam de consultar-se com um médico que receita por palpite?

As mensagens conduzem a outra interpretação paralela, mas que tampouco é otimista: os missivistas não leram com atenção o ensaio. Responderam emocionalmente ao que pensam que o autor quis dizer. Só que o autor quis dizer exatamente o que escreveu, e não o que imaginam haver dito. Ou seja, nossos alunos estão aprendendo a ler com alguns professores que não são capazes, eles próprios, de decifrar com rigor um texto.

Isso nos remete tristemente a outro resultado do Saeb — não mencionado no ensaio anterior: os níveis de compreensão de leitura dos nossos alunos são baixíssimos. De fato, são calamitosos. Haverá alguma conexão?

FONTE: CASTRO, Cláudio de Moura Castro. Educação baseada em palpites. *Veja*, São Paulo, n.35, p. 22, 31 ago. 2005.

Antes de prosseguirmos, vamos destacar algumas características destes textos, de acordo com Bräkling (2000):

- o uso do presente do indicativo – ou do subjuntivo – na apresentação da questão, dos argumentos e contra-argumentos;
- o emprego do pretérito perfeito em uma explicação ou apresentação de dados;
- a presença de citações de palavras alheias;

- a articulação coesiva a partir de operadores argumentativos.

E, agora? O que você tem a dizer a respeito do problema apontado por Cláudio de Moura Castro em relação à educação? Se ainda está formando sua opinião, acompanhe o que disseram alguns leitores após a publicação desses ensaios.

De certa forma, o senhor Cláudio de Moura Castro tem razão. Às vezes o aluno aprende mais com quem não é professor. Também podemos aprender mais de economia com um contabilista do que com um economista, tudo depende do comprometimento e do profissionalismo de quem trabalha (“Educação baseada em evidência”, 3 de agosto).

Antonia Lúcia de Souza, pedagoga
Ji-Paraná, RO

FONTE: **Veja**, São Paulo, n. 33, p. 37, 17 ago. 2005.

Li os dois últimos ensaios de Cláudio de Moura Castro. Tenho 44 anos e sou professora de educação básica, formada em Pedagogia e concursada da rede pública estadual de Minas Gerais. Não fiquei indignada com a leitura das tabulações da Saeb. Concordo, pois convivo com professores desmotivados e apáticos. Não me incluo, mas gostaria de informar qual o meu salário-base: R\$ 231,28 (27 anos de profissão). Com esse salário é possível ao professor ter motivação? Ter acesso a informações? Revistas (compro a revista VEJA quando sobram alguns trocados), livros, seminários, congressos, enfim, tudo o que um professor precisaria ter. A revista que compro esporadicamente levo para a escola e vários colegas a leem. E estão ainda mais apáticos com tanta sujeira e tanto descaso. Isso é calamitoso. Haverá alguma conexão?

Lucidey de Araujo Assis

Pouso Alegre, MG

Apenas chamo atenção para duas questões a ser consideradas, referentes às evidências dos fatos. 1) Em que condições trabalham os profissionais em educação nos sistemas públicos em nosso país? 2) Por quais motivos os sistemas têm de recorrer a profissionais diversos para suprir a falta de professores? (“Educação baseada em palpites”, Ponto de vista, 31 de agosto.)

Silvio de Souza- Diretor de comunicação da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo)

São Paulo, SP

A péssima remuneração do professor vem servindo de alibi nas escolas públicas para justificar a má qualidade dos serviços prestados. É comum nessas entidades ouvir a frase: “O Estado finge que paga, o professor finge que ensina e o aluno finge que aprende”. Sabemos que o salário do educador é incompatível com a importância da função, mas nada justifica o menosprezo do mestre. É

preciso compreender, no entanto, que essa má remuneração gera um círculo vicioso que realimenta o próprio fato gerador.

Adair Antero Teles
Betim, MG

A criança nasce livre de qualquer preconceito e pronta para aprender o que lhe transmitirem; portanto, as que saem da escola sem compreender o que lêem não o fazem por culpa delas próprias, mas do profissional que lhes transmite o ensino. Lamento que professores como os que eu tive nos quatro primeiros anos de escola não possam ser clonados para ajudar nossas crianças a ser adultos cultos e com discernimento crítico.

Rosângela Aparecida Zanquetta
Natal, RN

Amigo, você se meteu num vespeiro! Num vespeiro azedo. Os professores se julgam os revolucionários de verdade. Os formadores de opinião dos formadores de opinião. Os educadores dos mandatários do amanhã. Eles são hoje o que o país será amanhã. Em suma, de todas as profissões “Deus” que temos hoje, o professor é o profissional Deus de verdade.

Fernando E. Correia
São Paulo, SP

FONTE: **Veja**, São Paulo, n. 36, p. 27, 7 set. 2005.

As cartas mostram opiniões diferentes com relação ao problema apontado por Castro, tanto que o segundo ensaio (31 de agosto) já mostra indícios da polêmica gerada pelo ensaio anterior (3 de agosto). Além disso, as cartas e o segundo ensaio sugerem que o conteúdo da discussão não está restrito apenas à educação, o alvo das críticas também passa a ser o próprio autor Cláudio de Moura Castro. Neste sentido, a observação de Faraco e Tezza (2004, p. 229, grifo dos autores) parece-nos bastante oportuna: “A polêmica é um gênero curioso porque o processo argumentativo em geral é dirigido não só ao **tema** que se discute, mas também ao **autor que o defendeu.**”

2.1 CARACTERÍSTICAS DAS SEQUÊNCIAS OPINATIVAS

Ao longo do texto, suas opiniões precisam de sustentação, isto é, deve haver informação suficiente e confiável (estatísticas, depoimentos) para que o leitor perceba a consistência de seus argumentos. Se você retomar o primeiro ensaio de Castro, vai perceber que o autor elabora suas considerações a partir dos resultados do Saeb (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica). Veja que, ao recorrer ao Saeb para elaborar seu texto, Castro fez uso da intertextualidade, já discutida na unidade 1.

Antes de prosseguirmos nossas considerações, veja o que Cunha (2002, p. 179) diz a respeito do artigo de opinião:

[...] é constituído de outros discursos sobre os fatos comentados e de antecipações das objeções do leitor, para fazer aderir ao seu ponto de vista e para criticar os outros com os quais mantêm uma relação de conflito. Isso mostra que o texto é o lugar de circulação de sentidos, mostrados ou não, e o sujeito não é a fonte do sentido, mas o constrói no trabalho incessante com o já-dito.

O par opinião/informação contribui para persuadirmos o leitor e evitarmos o **lugar-comum** (também conhecido como chavão ou clichê). Nas sequências opinativas, a informação está a serviço da opinião. Observe como isso ocorre no trecho a seguir, extraído de uma das cartas:

Li os dois últimos ensaios de Claudio de Moura Castro. Tenho 44 anos e sou professora de educação básica, formada em Pedagogia e concursada da rede pública estadual de Minas Gerais. Não fiquei indignada com a leitura das tabulações da Saeb. Concordo, pois convivo com professores desmotivados e apáticos. Não me incluo, mas gostaria de informar qual o meu **salário-base**: R\$ 231,28 (27 anos de profissão). Com esse salário é possível ao professor ter motivação? Ter acesso a informações?

A leitora usa informações concretas (os ensaios de Castro) e o valor do seu salário base para construir sua argumentação. A partir desses dados, ela manifesta sua opinião e instiga os demais leitores a refletir sobre a situação.

Agora, vamos conversar um pouco mais sobre o lugar-comum. Caso você não saiba, o lugar-comum refere-se àquelas informações desgastadas, que de tão repetidas não significam mais nada. “Em vez de convidar o leitor a seguir um raciocínio ou desdobrar criticamente um ponto de vista, o lugar-comum convida-o simplesmente a obedecer a uma ordem preestabelecida e indiscutível” (FARACO; TEZZA, 2004, p. 240). Observe alguns exemplos listados pelos autores: “nada pode destruir o bem”; “o homem bom é mais feliz”; “o homem é um ser egoísta por natureza”; “o brasileiro não gosta de trabalhar”. O lugar-comum pode surgir também associado ao preconceito: “esses vagabundos precisam de serviço”, “só matando resolve”. O texto a seguir, apresentado por Faraco e Tezza (2004, p. 111), reflete bem esse problema, leia-o atentamente:

Devagar se vai ao longe, porque a pressa é inimiga da perfeição e a esperança é a última que morre. É fato que o brasileiro é preguiçoso por natureza, mas graças a Deus aqui não há preconceito racial – somos um povo que tem horror a violência; nossa índole pacífica é proverbial no mundo inteiro. Se o homem tomasse consciência do valor da paz, não haveria mais guerras no mundo – bastava que cada um parasse para pensar na beleza do sorriso de uma criança e descobrisse que mais vale um pássaro na mão do que dois voando. A paciência é a mãe das virtudes, mas só com determinação e coragem haveremos de resolver nossos problemas. O que estraga o Brasil são os políticos. Sem eles estaríamos bem melhor, cada um fazendo a sua parte. Hoje

em dia, felizmente, as mulheres estão entrando no mercado de trabalho porque, segundo pesquisadores americanos, elas são muito mais caprichosas do que os homens. Já os homens, conforme uma conclusão do conceito do Instituto de Psicologia da Filadélfia, são muito mais desconfiados e estão sempre querendo mais. As pesquisas eleitorais nunca acertam porque são todas compradas. Mas a verdade é que o amor, quando autêntico, resolve tudo. O que não se pode esquecer jamais é que a esperança existe – e sempre existirá!

E então, do que trata o texto? Qual reflexão ele proporciona? Que argumentos utiliza para sustentar sua tese? A partir do que lemos, o texto reuniu uma série de provérbios ocupando um significativo número de linhas em que não podemos identificar o ponto de vista do autor. Aliás, será que ele tem um ponto de vista? Neste texto, você deve ter notado que a repetição de frases (alguma delas certamente você já ouviu em outro lugar) impede (em outros casos, poderíamos dizer que apenas prejudica) a identificação da ideia desenvolvida pelo autor.

Ao escrevermos textos em que as sequências argumentativas predominem, selecionamos evidências que convençam o leitor a respeito do que dizemos. Nosso objetivo deve ficar claro para o leitor: se criticamos, se ironizamos, se justificamos, se agredimos, se convencemos, devemos empregar ao longo do texto mecanismos que permitam ao leitor acompanhar nosso processo reflexivo.

Para tanto, é necessário sabermos quem é o nosso leitor: pode ser o desconhecido leitor comum, como podemos ter em mente alguém específico. É essa definição de para quem o texto se destina que orientará o tom do texto (mais agressivo, mais sutil), que **dados** devem ser inseridos para atribuir maior credibilidade ao texto e contribuir na avaliação da sua coerência. Não podemos tratar de forma idêntica um determinado tema para públicos diferentes. Crianças, jovens, adultos, idosos; homens, mulheres; mais escolarizados, menos escolarizados; classe social; sexo são variáveis que ajudam a definir o perfil do nosso leitor e a construir um texto adequado às nossas intenções e, conseqüentemente, mais eficaz no que diz respeito à sua intenção. É com base nesses dados que os bons escritores obtêm sucesso. O texto a seguir, publicado na coluna do Diário Catarinense, retrata bem o planejamento para quem se escreve e com que intenção.



Já falamos da região de cobertura do Diário Catarinense, caso você não lembre, retorne à Unidade 1, Tópico 3.

Dois tipos de colega

Dia destes lembrei-me de uma questão interessante: os tipos de colegas que encontramos pelos corredores da empresa. São muitos os tipos, mas há dois que são especiais: o Veneno e o Vacina. Claro que a leitora já os encontrou e os encontra todos os dias. O Veneno, não raro, costuma ser até simpático, ainda que danoso ao nosso dia a dia.

Já o Vacina sempre nos previne do pior, é positivo, incentivador. Mas deixe-me dizer um pouco mais do Veneno, esse tipo lesivo ao entusiasmo de quem dele se aproxima. O Veneno tem sempre uma “novidade” para nos contar, nunca uma boa novidade.

O sujeito vem nos dizer que estamos mal na empresa, que falam mal de nós, que o chefe não nos topa, que não temos chances, que os bajuladores vão levar o prêmio de fim de ano, que somos, enfim, uns bobocas. Depois de alguns minutos de conversa com o colega Veneno, saímos à procura de uma caixa de fósforos.

A vontade é de pôr fogo na empresa. Já o colega Vacina é o contrário, nos tira do mau humor, diz-nos que temos futuro na empresa, que nunca ouviu alguém falar mal de nós, que somos mesmo boa praça. Que diferença! Falamos alguns segundos com o colega Vacina e saímos para comprar roupa nova, afinal, a expectativa é de que, em breve, seremos o presidente da empresa. Esses dois tipos de colegas têm suas razões para ser como são.

O mau pode até não ter razões reais ou conscientes para ser como é, pode ser um caso genético. Sim, o mal pode ser genético, vir das entranhas do útero, da formação das primeiras células “daquilo” que um dia vai nascer.

O colega Vacina, o bom, também pode trazer do berço sua bondade, seu jeito positivo de ser. Seja como for, os dois tipos andam para lá e para cá nos corredores da empresa.

Mas que você não se engane, o colega Veneno não nos faz tanto mal assim. Não raro, é bom que às vezes alguém nos faça descer à Terra, nos vermos como “mortais” profissionais, que é bom não nos considerarmos a última bolachinha recheada do pacote da vida corporativa. O que tem de gente que se acha pelos corredores é um horror. Insuportáveis.

Esses caras têm que ouvir, sim, que são “mortais” na vida profissional. Já os bons profissionais, ao ouvir o Veneno, saem com mais consciência das diferenças pessoais, que é preciso estar sempre de olho aberto. E se alguém me perguntar o que acho dos dois tipos, penso que já dei a resposta: os dois são indispensáveis nos corredores da empresa. Eles são a dualidade da vida, o bem e o mal. Que escolhamos o nosso caminho.

Prates é psicólogo, jornalista e, atualmente, colunista do jornal Diário Catarinense. Seu público-alvo é composto pelos leitores do referido jornal, isto é, um público bastante heterogêneo. O tema (precisamos dos diferentes colegas na empresa), entretanto, tende mais à área empresarial. Contudo, Prates discute o assunto de maneira bastante didática, recorrendo à comparação para analisar tais profissionais, chama-os de veneno e vacina. Desta forma, torna o texto acessível também a outros públicos, já que o veneno e o vacina podem perfeitamente aparecer entre professores, advogados, médicos, etc.

E, já que você está se preparando para começar a dar sua opinião, vamos explorar um pouco mais esse texto cuja estrutura apresenta algumas marcas que merecem comentários. A princípio, o emprego frequente da primeira pessoa do plural (encontramos, somos, falamos). Esse recurso insere o leitor no desenvolvimento do raciocínio. A seguir, Prates aborda a leitora de maneira explícita (“Claro que a leitora”), como se estivesse numa conversa. A seguir, o jornalista continua com o uso da primeira pessoa: “O Veneno, não raro, costuma ser até simpático, ainda que danoso ao **nosso** dia a dia”, “Já o Vacina sempre **nos** previne do pior”, “O Veneno tem sempre uma ‘novidade’ para **nos** contar”. Esse estilo confere ao texto um tom de intimidade com o leitor, levando-o a refletir sobre o tema.

Adiante, quando o leitor já está suficientemente munido de informações sobre o vacina e o veneno, e pronto para “agredir” o primeiro colega veneno que aparecer, Prates surpreende o leitor. Isto é, chama atenção para o fato de que o veneno também é necessário em nossas relações para que tenhamos consciência de nossas qualidades e defeitos.

Outra marca importante no texto é a antecipação a possíveis objeções ou questionamentos do leitor. Quem escreve um texto argumentativo, precisa estar atento às diversas opiniões a respeito do assunto e, na medida do possível, levá-las em consideração ao produzir seu texto. No texto que estamos analisando, o jornalista se antecipa em relação a um possível questionamento do leitor em: “**E se alguém me perguntar o que acho dos dois tipos, penso que já dei a resposta:** os dois são indispensáveis nos corredores da empresa”. Em relação à ideia de nos anteciparmos às possíveis objeções do leitor, Bräkling (2000, p. 227) afirma que: “[...] não é possível escrever um texto no gênero se não se conseguir colocar-se no lugar do outro, antecipando suas posições para poder refutá-las – negociando ou não com ele -, na direção de influenciá-lo e de transformar sua opinião, seus valores”.

Tal tese (“os dois são indispensáveis nos corredores da empresa”, apresentada apenas no último parágrafo) pode desagradar alguns leitores, mas para concluir o texto desta forma, Prates argumentou da seguinte forma: até o sexto parágrafo, caracterizou de forma paralela cada colega, para, no sétimo parágrafo, surpreender-nos com o argumento de que “o colega Veneno não nos faz tanto mal assim”, o que lhe permitiu dizer que tanto o colega veneno quanto o vacina são necessários. Se atentarmos para a formação de Prates, jornalista e psicólogo, podemos entender um pouquinho mais porque o autor assume esse ponto de vista.

Antes de encerrarmos nossa análise, é importante destacar o importante papel dos conectores, por estabelecerem ao longo do texto as relações lógicas. Lembra delas? Caso não, volte à unidade 2 e releia o tópico 3. Neste artigo, salientamos a mudança da orientação argumentativa em “Mas que você não se engane, o colega Veneno não nos faz tanto mal assim”. É o conector **mas** o responsável pela mudança na linha de raciocínio que vinha sendo desenvolvida até então.



Há vários gêneros que fazem uso das sequências argumentativas. São eles: os ensaios (um texto de opinião mais articulado, um pouco mais longo e mais completo que uma coluna diária, mais curta e mais rápida, escrita no calor da hora), os textos publicitários, propagandísticos, as peças judiciárias, as matérias opinativas, a resenha crítica, os editoriais, a carta do leitor, a crônica, etc. Todos com características diferentes no universo de textos opinativos, porém essas diferenças não constituem defeitos, apenas são características do gênero a que pertencem os textos.

LEITURA COMPLEMENTAR



Acabamos de estudar, nesta Unidade, as sequências (narrativa, descritiva, argumentativa) que o texto pode ter. Sobre esse tema Bezerra (2002) apresenta um artigo que merece nossa atenção. A autora estuda a carta dos leitores como um gênero textual que pode ser trabalhado em sala de aula, trazendo grandes contribuições para o ensino-aprendizagem de texto.

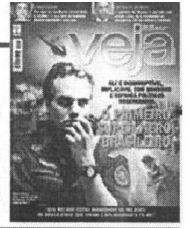
Acabamos de estudar, nesta Unidade, as sequências (narrativa, descritiva, argumentativa) que o texto pode ter. Sobre esse tema Bezerra (2002) apresenta um artigo que merece nossa atenção. A autora estuda a carta dos leitores como um gênero textual que pode ser trabalhado em sala de aula, trazendo grandes contribuições para o ensino-aprendizagem de texto.

É importante lembrar que as cartas de leitores são um gênero textual comum nas mídias impressas, já que estabelecem uma relação comunicativa entre o leitor e o órgão de imprensa (jornal, revista). Seu objetivo é expor a opinião do leitor sobre um determinado artigo publicado anteriormente, por isso, vale-se, predominantemente, da sequência opinativa/argumentativa, embora, em alguns veículos de comunicação esse gênero possa apresentar também sequências narrativas e descritivas. Esperamos que faça uma ótima leitura.

Figura 5 – Carta dos Leitores

Leitor

Assuntos mais comentados
 Super-herói brasileiro (capa)
 Artigo de Lya Luft
 Gustavo Rosa e o mieloma
 Empresas juniores e o mercado
 Sebastián Piñera (Entrevista)



Super-herói brasileiro

O capitão Roberto Nascimento (tenente-coronel no *Tropa de Elite 2*) é herói nacional porque simboliza um Brasil real muito distante da imagem apregoada pelos eternos pessimistas. Precisamos, apesar da gravidade dos problemas no país, recuperar a autoestima ("Enfim, um herói do lado certo", 10 de novembro).

FLÁVIO LAURIA FERREIRA
Manaus, AM

As pessoas que aplaudem no cinema o novo "super-herói" são as mesmas que elegem os políticos que ele espanca, tocam apitos para avisar os amigos maconheiros da aproximação da polícia e fazem passeatas nas praias pela liberação das drogas.

SÉRGIO DE SOUZA TÔRRES
Rio de Janeiro, RJ

O primeiro super-herói brasileiro foi o vigilante rodoviário Carlos Miranda, com seu fiel cão Lobo, do seriado de televisão *Vigilante Rodoviário*, nos anos 60. A polícia era exemplo, e nós, ainda jovens, nos orgulhávamos de sua atuação e o tínhamos como ídolo.

SÉRGIO ALVES
Juiz de Fora, MG

O capitão Nascimento não usa fantasia, não voa nem tem visão de raio X. É um cidadão comum, com sonhos, desejos e frustrações, que se dedica de corpo e alma à função que exerce, não se deixando aba-

ter pelas dificuldades do dia a dia. As pessoas se identificam com sua luta. É uma forma de elas dizerem basta às injustiças e aos desrespeitos que vemos todos os dias.

RODRIGO PAES LIMA
Goiania, GO

Desde o grito do Ipiranga que se procura um herói. Que bom que agora achamos o tenente-coronel Roberto Nascimento. Ele precisa vir para a vida real.

DÉCIO AMORIM PIMENTEL
Salvador, BA

Parabéns ao diretor José Padilha, que soube traduzir no filme *Tropa de Elite 2* um sentimento que está dentro dos brasileiros que rogam por justiça.

PAULO CÉSAR BITAR
São Paulo, SP

Gostei muito do filme *Tropa de Elite 2*. O único incômodo foi o gosto amargo da

realidade brasileira na boca, no fim da sessão.

ADRIANA KARLA MANGUEIRA DA NÓBREGA
Recife, PE

Enquanto assistia ao filme *Tropa de Elite 2*, passei por emoções diversas. Fiquei indignado, dei gargalhadas, bati palmas e senti vontade de chorar. Simplesmente um filmaço!

SÉRGIO EMILIANO
Campo Maior, PI

Não é possível que, na realidade de hoje, haja espaço para um capitão Nascimento, idealista e violento. A criminalidade tem de ser combatida com a inteligência da corporação policial.

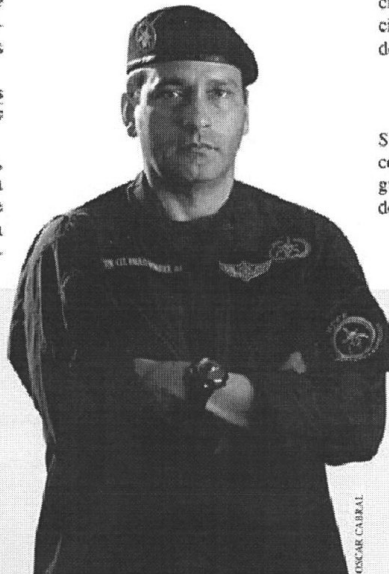
ARCANGELO SFORCIN FILHO
São Paulo, SP

O filme *Tropa de Elite 2* e a reação do público mostram claramente que a sociedade brasileira está cansada de polícia e políticos corruptos e da morosidade da Justiça.

PAULO ROBERTO NOVAES VASCONCELOS
Belo Horizonte, MG

Sou comerciante e tenho pouco contato com os policiais daqui, mas falo com segurança: o Brasil é uma fonte inesgotável de heróis na polícia — Civil e Militar.

REYNALDO ALVIM PRIETO
Poços de Caldas, MG



“Ah, se a realidade pudesse imitar a ficção... O tenente-coronel Nascimento, nosso herói tupiniquim, iria desempenhar um grande serviço à democracia brasileira. Corruptos, tremem!”

JORGE ALEXANDRE DOS SANTOS JÚNIOR
Louro de Freitas, BA

Exemplo real

“A credibilidade do Bope tem tudo a ver com a lisura de suas ações. A gente aqui aperta. Exijo o máximo. É como seleção brasileira. Se não está jogando bem, eu desconvoco”, diz o tenente-coronel Paulo Henrique Moraes, comandante do Bope

Destacamos apenas duas mensagens:

“Não é possível que, na realidade de hoje, haja espaço para um Capitão Nascimento, idealista e violento. A criminalidade tem de ser combatida com a inteligência da corporação policial”. Arcangelo S. Filho. São Paulo, SP

“O filme *Tropa de Elite 2* e a reação do público mostram claramente que a sociedade brasileira está cansada de polícia e políticos corruptos e da morosidade da Justiça”. Paulo Roberto Novaes Vasconcelos. Belo Horizonte, MG.

Note que os textos apresentam as opiniões (as mais variadas) dos leitores sobre o artigo e o tema por ele explorado, configurando o gênero carta do leitor e apresentando predominantemente sequências opinativas.

RESUMO DO TÓPICO 4

Neste tópico, você viu que:

- A função das sequências de base argumentativa/opinativa é convencer o interlocutor a respeito de alguma questão polêmica.
- Para construir as sequências argumentativas/opinativas:
- construímos argumentos capazes de sustentar nossa tese;
- refutamos as possíveis opiniões divergentes;
- evitamos os lugares-comuns.
- Além disso, empregamos tempo verbal presente do indicativo e fazemos uso intenso dos operadores argumentativos.
- A fim de obtermos sucesso em nosso texto, não podemos esquecer de que para convencer nosso interlocutor, precisamos conhecê-lo, para depois planejar o texto.

AUTOATIVIDADE



Os jornais constantemente trazem notícias que nos surpreendem, nos entristecem, nos causam revolta. Como exemplo, podemos citar o caso da menina Isabella Nardoni (atirada do sexto andar do prédio onde morava), do menino João Helio (arrastado por 7 quilômetros, após o assalto ao carro de sua mãe), só para falarmos do tema violência.

Para praticar um pouco a escrita de textos opinativos, elabore uma carta para um dos jornais da sua cidade ou para uma revista de circulação nacional manifestando sua opinião sobre um tema de sua preferência, desde que o mesmo seja polêmico, certo?

Antes de iniciar a escrita, é interessante que você verifique as cartas publicadas no jornal de sua cidade para identificar seu estilo, para saber a quem deve enviá-la. No caso das revistas, o procedimento é o mesmo. A seguir, leia muito sobre o tema sobre o qual vai escrever para que seu texto tenha informações concretas e convença o leitor.



*Assista ao vídeo de
resolução desta questão*



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final do Caderno Língua Portuguesa: Laboratório de Texto e esperamos que você tenha construído bons conhecimentos sobre esse assunto tão importante na formação estudantil, acadêmica e cidadã. Nele, estudamos o que é um texto e sua relação com os contextos em que se insere. Também aprendemos sobre os fatores que fazem de um processo comunicacional um texto, ou seja, vimos que para ser considerado um texto, um enunciado ou conjunto de enunciados deve apresentar: situacionalidade, informatividade, intencionalidade, aceitabilidade, intertextualidade, coesão e coerência.

Dedicamo-nos a analisar cada um dos fatores, destacando os princípios da coerência e os mecanismos que dão coesão ao texto. A respeito deste assunto aprendemos sobre a coesão referencial e suas formas remissivas, sobre a coesão sequencial, seus procedimentos de recorrência e os articuladores textuais.

Na sequência, relembramos o conceito de parágrafo e os mecanismos que podemos utilizar para a sua construção.

Por fim, direcionamos nossa atenção para os gêneros e tipos textuais. Nesta que foi a última unidade do livro, analisamos como ocorrem nos textos as sequências narrativas, descritivas e argumentativas/opinativas, bem como fizemos exercícios com o intuito de ampliar e melhorar nossas técnicas de escrita de texto. Nosso desejo mais sincero é o de que as informações aqui contidas tenham possibilitado um aprimoramento de seus conhecimentos sobre o texto.

Sucesso!

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Marília. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, M. T.; JOBIM, S.; KRAMER, S. (Org.). **Ciências humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Editora UNESP, 1993.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2002.
- BENTES, A. C. Linguística Textual. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística 1, domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 245-282.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. Por que cartas do leitor na sala de aula. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Racuel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 208-216.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. Texto, gêneros do discurso e ensino. In: _____. (Coord.). **Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 17-45.
- BRÄKLING, Kátia. Trabalhando com artigo de opinião: re-visitando o eu no exercício da (re)significação da palavra do outro. In: ROJO, Roxane (Org.). **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCN**. São Paulo: Educ, 2000. p. 221-247.
- BRONCKART, J. P. Os textos e seu estatuto: considerações teóricas, metodológicas e didáticas. In: _____. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999. p. 69-89.
- CASTRO, Cláudio de Moura Castro. Educação baseada em evidência. **Veja**, São Paulo, n. 31, p. 26, 3 ago. 2005a.
- _____. Educação baseada em palpites. **Veja**, São Paulo, n. 35, p. 22, 31 ago. 2005b.
- CORRÊA, M. L. G. **Linguagem & comunicação social: visões da linguística moderna**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- COSTA VAL, M. da G. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

COSTA VAL, Maria da Graça. Texto, textualidade e textualização. In: CECCANTINI, J. L. T.; PEREIRA, R. F.; ZANCHETTA JÚNIOR, J. **Pedagogia cidadã: cadernos de formação: Língua Portuguesa**. v.1. São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004. p. 113-128.

CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 166-179.

ECO, U. O Leitor-Modelo. In: _____. **Lector in fabula**. São Paulo: 1986. p.35-49.

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão. **Prática de texto para estudantes universitários**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

FERNANDES, Millor. Notas promissórias. **Veja**, São Paulo, n. 36, p. 37, 7 set. 2005.

FIORIN, José Luiz; PLATÃO, Francisco Savioli. **Para entender o texto: leitura e redação**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1992.

FLÔRES, Lúcia Locatelli; OLÍMPIO, Lúcia Maria Nassib; CANCELIER, Natália Lobar. **Redação: o texto técnico/científico e o texto literário**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

FLORES, Valdir. Dialogismo e enunciação: Elementos para uma epistemologia da linguística. **Linguagem & Ensino**, v. 1, n. 1, p. 3-32, 1998. Disponível em: <<http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v1n1/valdir6.PDF>>. Acesso em: 3 nov. 2010.

GABRIELLI, Lourdes; HOFF, Tânia. **Redação publicitária: para cursos de comunicação, publicidade e propaganda**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

GERALDI, J.W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: _____. (Org). **O texto na sala de aula – leitura & produção**. 2. ed. Cascavel: ASSOESTE, 1990. p. 41-48.

_____. **Portos de passagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GUIMARÃES, Elisa. **A articulação do texto**. São Paulo: Ática, 1990.

KOCH, Ingedore Villaça Grunfeld. **Desvendando os segredos do texto**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **A coesão textual**. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
KOCH, Ingedore Villaça Grunfeld; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

KRISTEVA, J. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LEÃO, Célia. “Etiqueta no trabalho” de Célia Leão. **Você SA**, São Paulo, n. 107, p. 97, maio 2006.

LUFT, Lya. Mulheres & mulheres. **Veja**, São Paulo, n. 10, p. 18, 14 mar. 2007a.

_____. Os novos códigos. **Veja**, São Paulo, n. 36, p. 18, 12 set. 2007b.

_____. O que deixar para nossas crianças. **Veja**, São Paulo, n. 42, p. 28, 24 out. 2007c.

_____. A república do rabo preso. **Veja**, São Paulo, n. 32, p. 24, 10 ago. 2005a.

_____. Meu país é uma fênix. **Veja**, São Paulo, n. 34, p. 22, 24 ago. 2005b.

_____. Falar, calar. **Veja**, São Paulo, n. 36, p. 18, 07 set. 2005c.

_____. A República dos Alucinados. **Veja**, São Paulo, n. 19, p. 22, 17 maio 2006.

MAINARDI, Diogo. A imundície continua lá. **Veja**, São Paulo, n. 44, p. 161, 7 nov. 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processos de produção textual. In: _____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 48-143.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 22-23.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MEDEIROS; João Bosco; ANDRADE, Maria Margarida. **Curso de língua portuguesa para a área de humanas: enfoque no uso da linguagem jornalística, literária, publicitária**. São Paulo: Atlas, 1997.

MING, Laura. Moda arrastando no chão. **Veja On-line**, 19 out. 2005. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/191005/p_104.html>. Acesso em: 29 dez. 2007.

NEGREIROS, Adriana. Trem contra o caos. **Veja On-line**, 18 jul. 2001. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/180701/p_067.html>. Acesso em: 29 dez. 2007.

NOGUEIRA JUNIOR, Arnaldo. Lya Luft. Releituras. Disponível em: <http://www.releituras.com/lyaluft_bio.asp>. Acesso em: 27 dez. 2007.

PEREIRA, Camila. O marketing e a corrupção. **Veja**, São Paulo, n. 35, p. 42, 31 ago. 2005.

RIBEIRO, Antonio; BARELLA, José Eduardo. A morte de um inocente. **Veja**, São Paulo, n. 31, p. 86, 3 ago. 2005.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem do Círculo de Bakhtin. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair (Org.). **Gêneros sob diversas perspectivas**. (no prelo).

SANTOS, M. B. Contrato de cooperação e implicaturas. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Parâmetros de textualização**. Santa Maria: UFSM, 1997. p. 40-58.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Jane Quintiliano G. Gênero discursivo e tipo textual. **Scripta 2**, n. 4, 9, p. 87-106, 1999.

TRAVAGLIA, L.C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

VAL, Maria da Graça Costa. Texto, textualidade e textualização. In: CECCANTINI, J.L.T.; PEREIRA, R. F.; ZANCHETTA JÚNIOR, J. **Pedagogia cidadã**: cadernos de formação: Língua Portuguesa. v.1. São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004. p. 113-128.

VENTUROLI, Thereza. O operário espacial. **Veja**, São Paulo, n. 32, p. 99, 10 ago. 2005.

VIANA, Antonio Carlos (Coord.) et al. **Roteiro de redação**: lendo e argumentando. São Paulo: Scipione, 1998.

ZANCHETTA JÚNIOR, Juvenal; FARIA, Maria Alice. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002.